

52  
398.2(469.5)

COLECÇÃO ESTUDOS E DOCUMENTOS 4

ANTÓNIO THOMAZ PIRES

# CONTOS POPULARES ALENTEJANOS

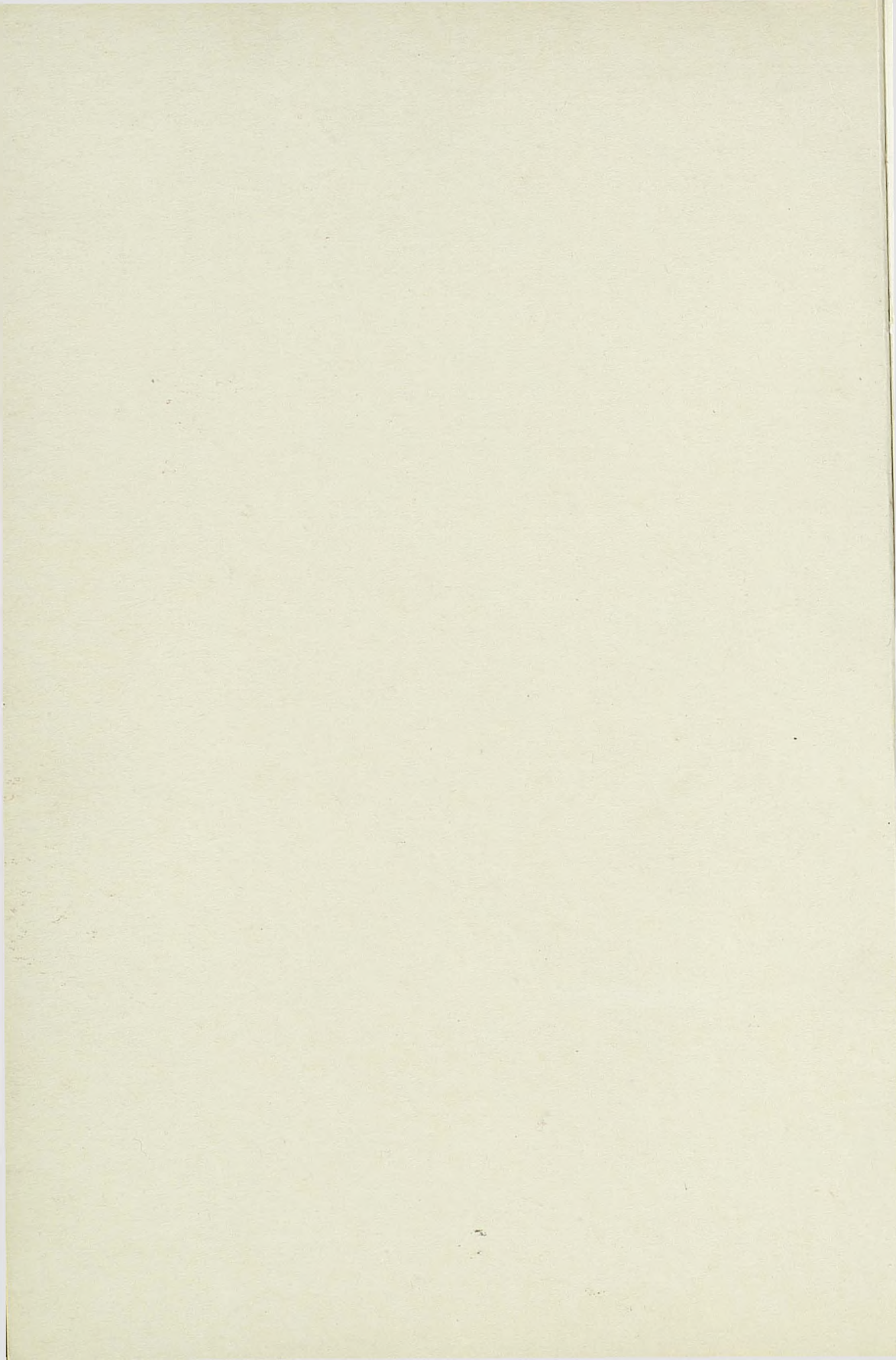
RECOLHIDOS  
DA TRADIÇÃO ORAL

EDIÇÃO CRÍTICA E INTRODUÇÃO DE  
MÁRIO F. LAGES



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA





CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA  
NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO

**CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA**  
**NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO**

N.º de Registo: 7352  
Cota: 52 358.2(365.5)  
Data: 05 / 08 / 2006

CONTOS POPULARES  
ALENTÉJANOS



CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA  
NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO

ANTÓNIO THOMAZ PIRES  
**CONTOS POPULARES  
ALENTEJANOS**

RECOLHIDOS  
DA TRADIÇÃO ORAL

EDITADO E INTRODUZIDO POR  
MÁRIO V. LAGES

UNIVERSIDADE DE ÉVORA - INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

ÉVORA

2000



5.828  
398.5 (469 AFN-  
1030)

CENTRO DE ESTUDOS DOS POVOS  
E CULTURAS DE EXPRESSÃO PORTUGUESA  
COLECÇÃO ESTUDOS E DOCUMENTOS 4

ANTÓNIO THOMAZ PIRES

# CONTOS POPULARES ALENTEJANOS

RECOLHIDOS  
DA TRADIÇÃO ORAL

EDIÇÃO CRÍTICA E INTRODUÇÃO DE  
MÁRIO F. LAGES

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

LISBOA

1992

RAZARALINHO AL. DE EVORA  
Manuscrito em papel

ANTÔNIO THOMAS PIERRE

CONTOS POPULARES  
ALENTEJANOS  
RECOLHIDOS  
DA TRADIÇÃO ORAL

INTRODUÇÃO E NOTAS DE  
MÁRIO F. LAGES

capa de Arq<sup>a</sup> Maria Cristina Pereira

© Mário F. Lages



## NOTA INTRODUTÓRIA

Reproduzem-se neste livro, em edição crítica, os *Contos populares alentejanos* recolhidos por António Thomaz Pires (1850-1913) na região de Elvas. Estes contos nunca foram editados integralmente numa mesma publicação; nem se sabe se Thomaz Pires algum dia teve a intenção de o fazer. É, pois, da nossa responsabilidade tanto a constituição e ordenação da colectânea como o estabelecimento do texto.

Esta reedição impunha-se por si própria: a dispersão e inacessibilidade das publicações onde foram editados pela primeira e, em muitos casos, única vez, reservava a sua leitura e estudo aos poucos especialistas que se dedicam à busca dos tesouros da tradição popular entre as páginas amarelecidas de revistas e livros antigos que só se encontram nas principais bibliotecas do país.

Outra justificação está no interesse científico desta colectânea para o estudo das tradições populares alentejanas e dos seus quadros imagéticos. Foi, aliás, no contexto de um estudo sobre as formas simbólicas da região de entre Elvas e Moura<sup>1</sup> que se nos tornou patente a importância destes contos. A sua variedade, riqueza e extensão não se encontram em ne-

<sup>1</sup> Cf. Mário F. LAGES, *A cultura tradicional de entre Elvas e Serpa*, Lisboa, EGF, 1986 (policopiado), onde foi feita (pp. 139-162) uma interpretação global dos 40 contos reeditados em Elvas em 1919. Cf. *infra* nota 26.

nhuma outra colectânea alentejana,<sup>2</sup> devendo juntar-se a estas notas uma outra, de grande importância científica: o ter sido feita numa região bem definida e restrita, com preocupações de rigor etnográfico pouco comuns para o tempo.

Pouco conhecido, apesar da reedição recente de duas obras suas,<sup>3</sup> Thomaz Pires merece ser frequentado pelos estudiosos. Dentre os etnógrafos dos fins do século XIX e princípios do XX, ele é dos que maior simpatia científica e humana concitam, pela seriedade<sup>4</sup> posta nas suas obras e pela generosidade, desinteresse e modéstia com que oferecia os frutos do seu labor a intelectuais do seu tempo, bem visíveis, por ex., em algumas obras de Adolfo Coelho<sup>5</sup> e de Leite de Vasconcelos.<sup>6</sup> Mui-

<sup>2</sup> A de António ALEXANDRINO ("Contos populares alentejanos", *A Tradição*, 1, 1899 (pp. 29-30; 45-47; 60-63; 76-78; 95-96; 111-112; 143-144; 190-191); 2, 1900 (pp. 29-30; 45-46; 107-109; 142-143; 191; 45-46, 63-64, 77-78); 3, 1901 (pp. 138-141; 63-64; 77-78; 138-141; 155-158), a maior que se conhece, conta apenas 15 contos.

<sup>3</sup> A. Tomás PIRES, *Lendas e romances*, ed. crítica de Pere Ferré, Lisboa, Ed. Presença, 1986; ID., *Cancioneiro popular político*, pref. de Viale Moutinho, Lisboa, Ed. Labirinto, 1986, 3ª ed.

<sup>4</sup> F. Adolfo COELHO, *Os ciganos de Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1892, p. 3, refere-se justamente à "perfeita seriedade" do trabalho do nosso autor.

<sup>5</sup> Na correspondência de Adolfo Coelho para Thomaz Pires (cf. Eurico GAMA, *Cartas de Adolfo Coelho a António Tomás Pires, 1882-1904, Etnografia, filologia*, Coimbra, 1969, pp. 14-17, 21-22, 29, 45-47, correspondentes a 11 cartas entre 1 de Jan. de 1882 a 5 de Dez. de 1892) são feitos vários pedidos e agradecimentos de informações para *Os ciganos de Portugal*. Adolfo Coelho refere, aliás, no prefácio que o seu trabalho "teve por ponto de partida materiaes reunidos pelo intelligente e infatigável folk-lorista de Elvas" (*op. cit.*, p. 1). Diz mesmo (p. 4) que "os dados do esboço ethnographico que se acha na parte III [pp. 163-227] provêm principalmente do Snr. Thomaz Pires", que cita, *passim*, no texto.

<sup>6</sup> Quanto à colaboração dada a Leite de Vasconcelos basta referir que nos volumes 5-10 da sua *Etnografia Portuguesa* (Lisboa, Imprensa Nacional, 1967-88) são reproduzidas informações de Thomaz Pires em 144 páginas. O segundo maior informador de Leite de Vasconcelos, o Abade J. Tavares, é citado apenas em 116 páginas.

tos pormenores desta colaboração constam, aliás, do abundante epistolário que Thomaz Pires recebeu de vários folcloristas e que guardou religiosamente.<sup>7</sup>

Mas a mais forte razão do nosso apreço é a sua indefectível fidelidade à tradição. Embora não tivesse utilizado uma metodologia "moderna" de transcrição exacta das versões ouvidas aos seus informadores já que, como era hábito na época, eliminou hesitações e enganos que ocorrem habitualmente na narração oral, tudo faz supor que os seus textos se aproximam muito do que lhe contaram. A constante indicação, no título das suas colectâneas, de que foram "recolhidas da tradição oral", é sinal claro desta preocupação de fidelidade.<sup>8</sup>

Os contos, por outro lado, destacam-se pela simplicidade narrativa. A linguagem é invulgarmente tersa e contida, mesmo para contistas populares que não costumam delongar-se em descrições ou caracterizações desnecessárias. As personagens e as situações são descritas com grande economia de meios, sem quaisquer derivações ou alindamentos, como se a narrativa ganhasse inteligibilidade na concisão. A acção lidera e carrega o sentido.

Tudo isto mostra que Thomaz Pires primou pelo rigor etnográfico, não por razões teóricas, que nem constavam da sua formação nem das definições da ciência etnológica do tempo,

<sup>7</sup> Para as relações de Thomaz Pires com os etnógrafos portugueses do seu tempo, cf. ainda: Eurico GAMA, *Cartas de Leite de Vasconcelos a António Tomás Pires, Folclore, filologia, etnografia e arqueologia, 1883-1913*, Lisboa, 1964; ID., *Cartas de Aníbal Fernandes Tomás a António Tomás Pires, Ex-librismo, etnografia, folclore, 1899-1910*, Coimbra, 1966; ID., *Cartas de Teófilo Braga a António Tomás Pires, 1883-1911*, Coimbra, 1968.

<sup>8</sup> J. Leite de VASCONCELOS, numa breve recensão dos *Cantos populares alentejanos* publicados por Thomas Pires em *A Sentinella da Fronteira* afirma (*Anuario para o Estudo das Tradições Populares Portuguezas*, 1, 1883, p. 84) que "A. Thomaz Pires não alterou nada do que colligiu, pelo que o seu trabalho merece fé; alterou apenas a linguagem, isto é, traduziu ás vezes a linguagem popular em litteraria; sei porém que noutras collecções d'elle o dialecto popular alentejano vae ser fielmente representado". Esta última afirmação deve referir-se aos contos de que falaremos mais adiante.



mas por maneira de ser. Ele é etnógrafo na mais pura acepção do termo, em extremo escrupuloso, embora se possam adivinhar aqui ou além, no seu trabalho, alguns ajustamentos editoriais, parecidos com os que a colação das versões de alguns contos de Athaide Oliveira n' *A Tradição* e na edição definitiva revela.<sup>9</sup>

Só com este etnógrafo algarvio é que Thomaz Pires partilha o mérito de ter constituído, nos fins do século passado, uma ampla colectânea de contos de uma região. Nas obras destes dois autores encontram-se, assim, muitos dos elementos necessários ao estabelecimento do quadro de referências culturais e respectivas estruturas simbólicas do sul do país. Só é de lamentar que para mais nenhuma região portuguesa existam colectâneas com semelhante dimensão.

Por tudo isto se impunha a reedição destes contos. Na sua beleza singela, colocam-nos, crianças e adultos, na escola simbólica do passado, uma escola que necessitaria certamente de ser mais frequentada por todos. Na verdade, nestas histórias estão guardadas muitas das concepções e verdades que estruturam o nosso sentimento e visão do mundo. Fazem parte de uma herança que necessita de ser redescoberta. Parecendo distantes dos modos de transmissão e conteúdos culturais modernos, tornam-se, por isso mesmo, necessários ao reencontro das nossas raízes e da sua matriz ideológica num mundo que cada vez mais se descaracteriza num certo cosmopolitismo vesgo e sem identidade.

<sup>9</sup> Francisco Xavier d'Athaide OLIVEIRA, *Contos tradicionais do Algarve*, 2 vols, Tavira/Porto, Tip. Burocrática/Typ. Universal, 1900/1905 (2ª ed.: Lisboa, Vega, s.d.). Há uma versão de oito destes contos n' *A Tradição*, 1, 1899 (pp. 127-128, 159-160, 188-190), 2, 1900 (pp. 61-63, 78-79, 109-111, 173-175 e 192) e 3, 1901 (pp. 27-29, 95-96, 125-126, 158-159 e 173-174).



# 1. Os textos-fonte e as suas edições

Os contos aqui coligidos provêm de diversas fontes. Os primeiros são de 1883. Fazem parte das "Rimas e jogos colligidos no concelho de Elvas" de Thomaz Pires (as quais Adolfo Coelho incluiu num artigo seu no *Boletim da Sociedade de Geographia* de 1883), em notas de comentário a quatro rimas.<sup>10</sup> Estes quatro contos foram reeditados em 1936 com os jogos de que fazem parte.<sup>11</sup> São, na presente colectânea, os C77-C80.

No fasc. 1 do vol. 1 da *Revista Lusitana*<sup>12</sup> aparece a história "1 - A Serêna d'Alamares", que fazia parte da subsecção "II Contos populares" de um artigo intitulado "Tradições populares alemtejanas", escrito a pedido de José Leite de Vasconcelos.<sup>13</sup> Este conto, aqui reeditado como C1, era precedido por alguns "Dictados topicos". A série, insinuada pelo número que precede o conto, só muito irregularmente foi prosseguida. O conto foi recolhido em Elvas e nele se reproduz a pronúncia

<sup>10</sup> A. Thomaz PIRES, "Rimas e jogos colligidos no concelho de Elvas", *Boletim de Sociedade de Geographia de Lisboa*, 4ª Série, 12, 1883, pp. 568-595.

Nas referências postiores aos contos da nossa colectânea é utilizada a sigla C, seguida do número que nela têm, seja original, seja apostro por nós.

<sup>11</sup> ID., *Rimas e jogos coligidos no concelho d'Elvas*, Elvas, Ernesto A. Alves e Almeida, 1936.

<sup>12</sup> ID., "Tradições populares alemtejanas", *Revista Lusitana*, 1 (1) 1887, pp. 60-62.

<sup>13</sup> Em carta de 15 de Setembro de 1886 a Thomaz Pires, J. Leite de Vasconcelos fala do lançamento do primeiro número de "uma revista destinada à linguística e tradições populares de Portugal", e acrescenta o seguinte: "Peço-lhe que tracte de arranjar alguns artigos de tradições populares e lhes dê uma cõr local o mais pronunciada possível, isto é, com a phonetica, morphologia e construção syntactica rigorosamente populares, porque na Revista pôde empregar à vontade todos os modismos do povo; ninguém o censurará, antes todos os louvarão; não nos acontecerá como nos outros jornaes. Eu até talvez adopte o systema de, quando puder ser, distribuir as tradições populares em secções segundo as províncias; assim o amigo fica com as *Tradições populares do Alentejo* em que pode incluir cantigas, romances, contos, superstições, adivinhas, adágios, etc." Cf. Eurico GAMA, *Cartas de Leite de Vasconcelos... op. cit.*, pp. 77-79.

original do informador, em transcrição fonética criada "ad hoc" por Thomaz Pires<sup>14</sup> que diz: "Na seguinte collecção de tradições populares do Alemtejo representei, sempre que isso me foi possível, a pronuncia vulgar da provincia; de modo que elas servem ao mesmo tempo de textos dialectaes".<sup>15</sup> Desta forma dava Thomaz Pires satisfação a várias recomendações de Leite de Vasconcelos, para além da já referida. Num bilhete postal de 3 de Set. de 1882, felicitando Thomaz Pires pelos seus *Cantos populares* publicados n' *A Sentinella da Fronteira*, o etnógrafo ucanhense pedia-lhe "a distinta graça de me enviar um artigo (inérito) contendo algumas superstições ou certos versos, como para talhar doenças, adivinhas, etc." para o *Anunario das Tradições Populares Portuguezas*;<sup>16</sup> e acrescentava o seguinte: "uma coisa recomendo a V. Ex.<sup>a</sup>, e desculpe-me a confiança: conserve fielmente a linguag[em] do povo, como *andi* = *andei*, geólho, etc."<sup>17</sup> E em carta de Fevereiro de 1883 insistia: "Muito estimo que conserve a exacta pronuncia popular: applique bem o seu ouvido porque isto de sons tem muita dificuldade."<sup>18</sup> A mesma directiva é retomada em 18 de Nov. de 1886: "Será bom que lhe dê com todo o rigor as formas do dialecto alentejano."<sup>19</sup>

Logo no fasc. 2 do volume de 1887 da *Revista Lusitana* foi editado um segundo texto, sob o título de "2. - O conto da raposa". Fora recolhido em Vila Boim e era apresentado em

<sup>14</sup> Este sistema de transcrição não era claro para Leite de Vasconcelos que, em carta de fins de 1886 ou princípios de 1887, (cf. GAMA, *op cit.*, p. 81) perguntava: "Que significa *ii* em *viila*, *Boilm*, *ruilm*, *maiio*, *ciima*, *tii*, *assiim*, *fiiz*? É um *i* prolongado ou são dois *ii* distintos?" Estas repetições encontram-se sobretudo nos C2-C4, embora a pergunta se refira à colaboração de Thomaz Pires no nº 1 da *Revista Lusitana*.

<sup>15</sup> A. Thomaz PIRES, "Tradições populares alemtejanas", *Revista Lusitana*, 1 (1) 1887, p. 60.

<sup>16</sup> E. GAMA, *Cartas de Leite de Vasconcelos... op. cit.*, pp. 23-24.

<sup>17</sup> ID., *Ibid.*, p. 25.

<sup>18</sup> ID., *Ibid.*, p. 38.

<sup>19</sup> ID., *Ibid.*, p. 79.

transcrição fonética semelhante à de C1.<sup>20</sup> Tem na presente colectânea o nº C2.

Ter-se-ia de esperar cerca de três anos para ler o terceiro conto da série (o nosso C3) no fasc. 3 do vol. 2, referente ao ano de 1890-1891, da mesma revista.<sup>21</sup> Tinha por título "3. - Os dãos prñicipis" e, tal como o C2, tinha sido recolhido em Vila Boim. Pelo título se vê que o texto segue um sistema de transcrição parecido com o usado nos C1 e C2.

Cinco ou seis anos mais tarde apareceu no fasc. 2 do vol. 4 da *Revista Lusitana*, referente ao ano de 1896, o quarto conto sob o título de "O almocreve e o cágado", incluído num artigo sobre "Tradições populares diversas", que se iniciava pelo elenco de santos advogados, segundo os meses, e alguns amuletos.<sup>22</sup> O conto, aqui reeditado como C4, também originário de Vila Boim, não tinha numeração, mas transcrevia a pronúncia do contista de forma semelhante a C2. É, no entanto, o último texto em que Thomaz Pires segue as recomendações de Leite de Vasconcelos.

Exceptuando os "Dictados topicos", com que abre a sua colaboração no fasc. 1 da *Revista Lusitana*, só nestes contos<sup>23</sup> é que Thomaz Pires utiliza o seu sistema de transcrição fonética, nem sempre coerente, de resto. Como se pode deduzir das notas que acompanham, mais adiante, o texto dos C1-C4, a atenção ao pormenor do linguajar do contista parece ter-se so-

<sup>20</sup> A. Thomaz PIRES, "Tradições populares alemtejanas", *Revista Lusitana*, 1 (2) 1887, pp. 132-133.

<sup>21</sup> ID., "Tradições populares alemtejanas", *Revista Lusitana*, 2 (3) 1890-1891, pp. 253-254.

<sup>22</sup> ID., "Tradições populares diversas", *Revista Lusitana*, 4 (2) 1896, pp. 185-186.

<sup>23</sup> No entanto, num dos contos (C80) publicados em 1883, juntamente com as *Rimas e jogos*, o autor reproduz muitas formas dialectais alentejanas: Bêra (Beira), dêxô (deixou), depôs (depois), achô (achou), vesporas (vésperas), dêxê (deixei), nan (não), pôs (pois), senam (senão), satisfêto (satisfeito), manêra (maneira), fêra (feira). A par de *nan*, também aparece *não*, no início da frase. Cf. ainda C1, nota 4, subnota 1, p. 24.



breposto à reprodução das formas dialectais alentejanas mais comuns.

É interessante notar que, durante os nove primeiros anos de colaboração de Thomaz Pires em diversas publicações, só acrescenta estes quatro contos aos que que tinha publicado primitivamente no *Boletim da Sociedade de Geografia*. A sua atenção estava, então, centrada noutras temáticas, designadamente cantigas populares, adivinhas, provérbios, adágios, amuletos, superstições e comparações populares.

O núcleo mais importante de contos de Thomaz Pires é, no entanto, constituído pelas 69 narrativas que foram publicadas pela primeira vez nos volumes 4, 5 e 6, relativos aos anos de 1902 a 1904, d' *A Tradição*, a "Revista mensal de ethnographia portugueza", dirigida por Ladislau Piçarra e M. Dias Nunes, que floresceu em Serpa entre 1899 e 1904. Ocupam na presente edição os nºs 5-73.

A referida colectânea aparecia sob a designação genérica de "Contos populares alentejanos". Todos foram "recolhidos da tradição oral", embora esta especificação não figure no título que precede os C46-C57 e C62-C73. Neste conjunto, o coleccionador abandona definitivamente quaisquer preocupações de transcrição fonética. Nalguns contos, no entanto, como o C27, "O compadre fachica" e C81, "Os dois galegos", imita-se o linguajar dos pretos e galegos; noutros, são retidos alguns regionalismos.

Este conjunto foi acrescentado em 1908 com a publicação, no vol. 11, fasc. 1-2, da *Revista Lusitana*, de "Três facecias alentejanas": "a) S. Pedro e o casamento", "b) Conto do çapateiro" e "c) A Senhora do Rosemdario", a que foram, em a nossa colecção, atribuídos os nºs 74-76.

A colectânea dos contos de Thomaz Pires, de nós conhecidos, só seria completada em 1969 quando foram publicados mais quatro textos, de recolha sua, nos *Contos populares e lendas* de Leite de Vasconcelos, os quais teriam sido oferecidos ao patriarca dos etnógrafos portugueses e este guardara no seu



acervo documental, posteriormente organizado por Alda e Paulo Soromenho.<sup>24</sup> Estes contos têm em nossa colectânea os nºs 81-84.

São estes cinco conjuntos que perfazem os *Contos populares alentejanos* de Thomaz Pires, reunidos nesta edição. Estamos em crer que dela consta tudo o que o autor recolheu respeitante ao conto popular.<sup>25</sup>

Sobre as edições posteriores pouco há a dizer. Apenas se conhece uma reedição incompleta (40 de entre os 69 contos originalmente publicados em *A Tradição*) feita em Elvas, seis anos após a morte do autor, por seu amigo António José Torres de Carvalho.<sup>26</sup> A edição é hoje quase inacessível: dela só foram tirados apenas 235 exemplares, como consta do respectivo colofão. Alguns destes contos, correspondentes aos C5-C22 da nossa edição, foram igualmente reproduzidos no *Correio*

<sup>24</sup> José Leite de VASCONCELOS, *Contos populares e lendas, II*, ed. de Alda S. Soromenho e Paulo C. Soromenho, Coimbra, Universidade, 1969, pp. 194-195, 166, 175, 348.

<sup>25</sup> Não foram incluídos na nossa colecção dois breves textos, de natureza lendária, que se encontram igualmente nesta obra de Leite de Vasconcelos e que lhe teriam sido oferecidos por Thomaz Pires:

*"Os potes de Abóbeda"*

Entre o povo de S. Vicente e a Horta da Cortina, há um sítio que lhe chamam a Abóbeda. Há aí dois potes enterrados: um tem uma tampa ou prato de estanho, com oiro em cima, e oiro tem o pote; o outro tem também uma tampa ou prato de estanho e em cima uma sardinha de oiro; este tem veneno. O *sonho* diz que felicidade terá quem atinar com o pote de dinheiro; se atinar a descobrir o do veneno morrerá, em sete léguas em redondeza, tudo. Já alguns se têm oposto a isto, mas sem resultado, porque têm medo." J. Leite de VASCONCELOS, *op. cit.*, II, p. 770.

*[Fonte de Prata]*

"Na Fonte de Prata, cercanias de Elvas, aparece na manhã de S. João uma moura a pentear-se, que está encantada. De uma vez um homem correu atrás dela, e ela escondeu-se numa cova, atrás da fonte. (Elvas)". J. L. de VASCONCELOS, *op. cit.*, II, p. 794.

<sup>26</sup> A. Thomaz PIRES, *Contos populares recolhidos da tradição oral na provincia do Alemtejo*, Elvas, A. J. Torres de Carvalho, 1919, 114 p.

*Elvense*, editado pelo mesmo Torres de Carvalho (n<sup>os</sup> 1758-1762 e 1764-1765, referentes aos anos de 1919 e 1920). O título utilizado na edição de 1919, embora corresponda, no essencial, ao utilizado por Thomaz Pires, constitui uma liberdade editorial: não consta, como tal, de nenhuma das séries editadas em vida do autor.

Em 1982, foi feita pela Câmara Municipal de Serpa uma reimpressão completa d' *A Tradição*, de que fazem parte, obviamente, os 69 contos inicialmente publicados nesta revista.

## 2. Opções relativas à presente edição

1. O título desta colectânea, *Contos populares alentejanos recolhidos da tradição oral*, corresponde ao que encima grande parte dos textos publicados por Thomaz Pires n' *A Tradição*. As excepções, já referidas, podem ser atribuídas a erros editoriais. Mesmo os C1-C3, que não tinham tal cabeçalho, guardam a indicação de terem sido recolhidos em Elvas ou em Vila Boim e, embora não se especifique provirem da tradição oral, a transcrição fonética documenta o facto.

2. A ordem por que são colocados os contos nesta edição segue o princípio de que as seriações publicadas sob a supervisão, mesmo que longínqua, do autor devem ser mantidas. Tal critério foi observado mesmo quando a identidade de temática poderia levar a juntar alguns contos, tomando-os por variantes da mesma narrativa. Tendo os C1-C3 sido publicados com um número de série (1-3), tomou-se este facto como indicativo de que o autor começava com eles uma colectânea que nunca reuniu em termos formais. A seguir foram colocados os contos publicados n' *A Tradição*, pela ordem que aí têm, diferente em alguns casos, devidamente assinalados em notas, da edição de 1919. Para o fim foram deixados os contos recuperados das *Rimas e jogos infantis* e os publicados nos *Contos populares e lendas* de Leite de Vasconcelos.

3. No que refere à edição destas narrativas, as maiores dificuldades resultaram de as diversas partes da colectânea terem

sido acumuladas ao longo de 21 anos, durante os quais não foram mantidos critérios uniforme de escrita. Daí o termos procedido à releitura crítica de todos os textos e à actualização e normalização da sua grafia, tarefa tanto mais necessária quanto alguns deles, na sua forma original, são quase ilegíveis. Para isso utilizámos as seguintes regras:

a) Traduzir para português vulgar os contos que Thomaz Pires, no início da sua actividade etnográfica, transcreveu foneticamente, reproduzindo em notas o texto original.

b) Guardar, nestes contos, as formas morfológicas diferentes do português comum, como *espois*, *sô*, *amontado*, etc., e manter, nos restantes, todos os modismos assinalados, no original, através de itálico, mesmo que se trate de simples variantes fonéticas. Considerar, no entanto, gralha tudo o que não esteja assinalado e não corresponda a uma forma normal do português, como por exemplo, no C52: Diabo levem.

c) Incluir uniformemente entre aspas o discurso directo, independentemente de estes sinais estarem ou não precedidos por travessão na edição original. Optou-se por esta forma simples e clara porque permite concentrar graficamente o texto. Mas ela não é a mais frequentemente utilizada pelo autor<sup>27</sup> que prefere as aspas com o travessão ou só o travessão, usando ocasionalmente o itálico.

d) Utilizar a ortografia moderna para todas as grafias próprias da época, que não têm fundamento dialectal. Assim escrevemos: *fala* (por *falla*), *barrela* (por *barrella*), *pôs* (por *pôz*), *cozinha* (por *cosinha*), *dela* (por *d'ella*), etc.

e) Não ter em conta a divisão dos parágrafos da primeira ou segunda edições, muitas vezes incoerente, já que em alguns contos o texto está muito subdividido e noutros, como no C46, "O ladrão", toda a história é escrita num só parágrafo. Na presente edição distinguem-se, através de parágrafos, as principais transições da acção.

<sup>27</sup>. Usa-as exclusivamente em C12-C14 e C17 e em parte dos C15, C47, C58 e C72.



f) Não guardar, em geral, os itálicos da edição d'*A Tradição*, por a sua utilização não ser inteiramente coerente, já que ora indicam formas dialectais ora textos poéticos. Vão assinaladas em itálico, nesta edição, apenas as sílabas que se afastam da forma comum, sejam ou não assinaladas pelo autor. Por exemplo, escreve-se "*restrair*" (por *distrair*) em vez de "*res-trahir*", "*canzinho*" (por *cãozinho*) em vez de "*canzinho*" e "*vás*" (por *vais*) em vez de "*vás*".<sup>28</sup>

g) Escrever com maiúscula a primeira letra de cada verso, encontre-se ou não desta forma no original, e dispor em verso todas as fórmulas finais rimadas.

h) Antepor entre colchetes um número de série aos contos que o não têm.

i) Não ter em conta a reedição de alguns contos feita no *Correio Elvense*, já que, para ela, segundo parece, foi utilizada a composição da edição de 1919.

Da observância destas regras resulta que o aparato crítico, excepto no que se refere aos quatro primeiros contos, é relativamente reduzido, dado que são poucas as variantes entre a publicação original e as outras edições, quando existem. A edição de 1919 regulariza algumas incoerência ortográficas da primeira, mas habitualmente segue-a tão de perto que até lhe copia os erros, como, por ex., no C7, "*A princesa encantada*", onde guarda a lição "*terça*", em vez de "*tença*".

A título de exemplo de como as edições têm poucas diferenças significativas, apresentam-se em seguida, por ordem da sua verificação, todas as variantes (excepto quando repetidas), por mais insignificantes que sejam, da primeira (*P*) e segunda (*S*) edições do conto C5 em relação à presente: noutro] n' outro *P, S*; fala] falla *P*; enfim] emfim *P, S*; num]n'um *P, S*;

<sup>28</sup> Num caso, os itálicos originais serviram para repor uma forma dialectal que teria sido eliminada por gralha tipográfica: a palavra "*espengarda*" do C4, aparece como "*espingarda*" n'*A Tradição* e "*espengarda*" na edição de 1919. Reteve-se esta última porque só assim se justifica o itálico da primeira edição.



### *Nota introdutória*

ele] *elle P, S*; forma] *fórma P*; armário] *armario P, S*; à] *á P, S*; ela] *ella P, S*; naquela] *n'aquella P, S*; ocasião] *ocasião P, S*; sozinho] *sósinho P, S*; sucedia] *succedia P, S*; apareceu] *apareceu P, S*; génio] *genio P, S*; dela] *d'ella P, S*; prometeu-lhe] *prometteu-lhe P*; há-de] *ha de P, S*; família] *familia P, S*; comeram] *comêram P*; fome] *fóme P, S*, *fome P, S* (em mais 2 lugares); vai-me] *vae-me P, S*; home] *hóme P, S*; pôs] *pôz P, S*; água] *agua P, S*; quase] *quasi P, S*; prontas] *promptas P, S*; cozinha] *cosinha P, S*; papas] *papas P, S* (1ª e 3ª vez), *pápas P, S* (2ª vez); barrela] *barrella P, S*; hei-de] *hei de P, S*; paciência] *paciencia P, S*; vai] *vae P*; cozê-lo] *cosêl-o P*, *cosel-o S*; história] *historia P, S*; pai] *pae P, S*; éramos] *eramos P, S*; sucedeu] *succedeu P, S*; panelas] *panellas P, S*; já] *ja S*; falava] *falava P, S*; impossível] *impossivel P, S*; pôde] *poude P, S*; entusiasmo] *entusiasmo P, S*; mo] *m'o P, S*; formento] *formento P, S*; às] *ás P, S*; fez] *fêz P*; numa] *n'uma P*; espengarda] *espingarda P*, *espengarda S*; vai] *vae P, S*; atrás] *atrax P, S*; dele] *d'elle P, S*; raposa] *rapôsa P*; ciei] *ciei P, S*; daí] *d'ahi P, S*.

Agradeço à Arq<sup>a</sup> Maria Cristina Pereira o desenho da capa deste livro bem como a sua ajuda na revisão, composição e montagem do texto.

Lisboa, Nov. de 1992.



## CONTOS POPULARES ALENTEJANOS RECOLHIDOS DA TRADIÇÃO ORAL

“Trabalha a terra, alentejano, no teu campo de trigo. Trabalhava, quando  
era jovem, o meu pai, e eu também. Trabalhava, quando eu era jovem, o meu  
pai, e eu também. Trabalhava, quando eu era jovem, o meu pai, e eu também.”

“Trabalha a terra, alentejano, no teu campo de trigo. Trabalhava, quando  
era jovem, o meu pai, e eu também. Trabalhava, quando eu era jovem, o meu  
pai, e eu também. Trabalhava, quando eu era jovem, o meu pai, e eu também.”

“Trabalha a terra, alentejano, no teu campo de trigo. Trabalhava, quando  
era jovem, o meu pai, e eu também. Trabalhava, quando eu era jovem, o meu  
pai, e eu também. Trabalhava, quando eu era jovem, o meu pai, e eu também.”





A SERENA DE ALAMARES<sup>1</sup>

Havia uma mulher que tinha duas filhas e tratava-as muito mal. Sabia que num moinho aparecia uma aventesma que matava quem lá ia. O que fez a mulher? Levantou-se um dia e disse pra uma das filhas: "Maria, toma este saco de trigo e vai ò moinho de tal moer." A rapariga foi.<sup>2</sup>

No meio do caminho encontrou um galo e disse-/e: "Maria, deixas-me ir contigo?" "Pois vem", disse-/e ela. Foi mais adiante, encontrou um cão: "Maria, deixas-me ir contigo?" "Pois vem." Mais adiante, um gato: "Maria, deixas-me ir contigo?" "Pois vem."<sup>3</sup>

Chegou ao moinho, moeu a farinha e fez umas papas. Diz o galo, o cão e o gato: "Maria, deixas-me cear contigo?" "Pois ceiem", disse a rapariga. Cearam todos juntos e ela ia a deitar-

<sup>1</sup> Primeira e única edição: A. Thomaz PIRES, "Tradições populares alemtejanas", *Revista Lusitana*, 1 (1)1887, pp. 61-62. Transcrição do texto original reproduzido nas notas 2-14. Em todas as notas subseqüentes a primeira edição é indicada pela sigla P e a segunda, pela sigla S.

<sup>2</sup> Havia ... foi] Havia 'ma mulhéri que tinha duas filhas, e tratav'ás munto máli. Sabia que num moinh' appar'cia 'm' àvêntesma, que matava quem lá ia. O que fêis a mulhéri? Levantô-se um dia e disse p'ra uma das filhas: - Maria, tòm' este sacc' (sacco) de trig' e vai ó moinho de tal moêri. A rapariga foi. P

<sup>3</sup> No meio ... vem] No mê do caminh' incontrô um galo e disse-/e: - Maria dêxas-m' ir cômtigo? - Pôs vêim, disse-/l' élla. Foi más adiante, incontrô um cão: - Maria, dêxas-m' ir cômtigo? - Pôs vêim. Más adiant'um gato: - Maria, dêxas-m' ir cômtigo? - Pôs vêim. P

-se. Diz o galo, o *cã* e o gato: "Maria, deixas-me deitar contigo?" "Pois deitem-se." Tudo ficou reunido.<sup>4</sup>

Pla noite adiante ouviu ela bater muito à porta do moinho e dizer: "Maria, abre-me a porta que te quero comer!" Diz a rapariga: "Ai, meu gatinho!..." e o gato começou a miar muito e aquela coisa retirou. Passado pouco tempo começou aquela coisa a dizer o mesmo.<sup>5</sup> E ela: "Ai, meu *canzinho*!..." e o *cã* começou a ladrar e a tal coisa retirou. Passado pouco tempo, tornou aquela coisa: "Maria, abre-me a porta, que te quero comer!" "Ai, meu galinho!...", e o galo cantou até manhã e a rapariga pôs-se a caminho com o saco de farinha. A mãe, quando a viu, disse: "Inda aquele diabo me aparece!"<sup>6</sup>

No outro dia, mandou a outra irmã que também se chamava Maria e entregou-lhe outro saco de trigo. A rapariga pôs-se a caminho. Encontrou um galo: "Maria, deixas-me ir contigo?" Ela disse: "Não quero ir com galos atrás."<sup>7</sup> O galo não se importou e sempre foi. Mais adiante encontrou um cão: "Maria,

<sup>4</sup> Chegou ... reunido] Chigô ó moinho, moê' a farinha e fêis 'mas papas. Diz o galo, o cão e o gato: - Maria, dêxas-m' ciar cômtigo? - Pois cêiem, diss'a rapariga. Ciárôm todos juntos, e él' i' á dêtar-se. Diz o gal', o *cã*<sup>1</sup> e o gato: - Maria, dêxas-m' dêtar cômtigo? - Pôs dêteim-se. Tudo ficô riunido. P

Subnota <sup>1</sup> "[No Alemtejo, como me informa o snr. Pires, diz-se *cão* e *cã* (i.é, *câm* ou *cân*); a primeira fôrma usa-se isoladamente ou em fim de phrase; a segunda quando se liga a outra palavra ou está no diminutivo (*cânzinho*) [...] - J. L. de V.]"

<sup>5</sup> Pela noite ... mesmo] P'la nô't' adiant' ôvi' éla batê' munt' á porta do moinho e dezêri: - Maria, abre-m'a porta, que te quer' comêri! Diz a rapariga: - Ai, mê gatinho!... e o gato comêô a miar munto, e aquela côsa retirô. Passado pôco têimpo tornô aquela côsa a dezêr o mesmo. P

<sup>6</sup> E ela... aparece!] E ela: - Ai mê *cânzinho*!... e o *cã* comêô a ladrar e a tal côsa retirô. Passado pôco têimpo tornô aquela côsa: - Maria, abre-m' a porta, que te quer' comêri! Ai, mê galinho! ... e o gal' cantô até manhêim, e a rapariga pôz-s' a caminho c'o sacc' de farinha. A mãi, q'and' a viu, disse: Ind' aquel' diabo m'apparece! P

<sup>7</sup> No outro ... atrás.] - No ôtro dia mandô a ôtr' irman, que tambeim se chamava Maria, e intregô-lh' ôtre sacc' de trigo. A rapariga pôz-s' a caminho. Incontrô um gallo: - Maria dêxas-m' ir cômtigo? - Ella disse: Nã quer' ir com gal's atrás. P

deixas-me ir contigo?" "Não quero ir com cães atrás." O *cã* sempre foi. Com o gato aconteceu o mesmo.<sup>8</sup>

Chegou ao moinho, moeu a farinha e fez umas papas. O *cã* e o gato e o galo disseram-*le*: "Maria, deixas-me cear contigo?" "Não quero." Foi a deitar-se.<sup>9</sup> Tornaram eles: "Maria, deixas-me deitar contigo?" "Não tinha mais que fazer senão *dromir* com cães, gatos e galos." Cada um foi muito amuado, o galo prò poleiro, o gato prò borralho e o *cã* prà palha.<sup>10</sup>

Pela noite adiante bate a tal coisa: "Maria, abre-me a porta que te quero comer!" Diz ela: "Ai, meu *canzinho*!..." E o *cão*, nada! Continuou a coisa: "Abre-me a porta!" "Ai, meu *gatinho*!..." E o gato, nada! Continuou: "Maria, abre-me a porta!" "Ai, meu *galinho*!" E o galo, nada!<sup>11</sup>

Tanto a tal coisa ateimou que a rapariga abriu a porta. Entrou a Serena de Alamares e disse: "Maria, vai aquecer-me um tacho de água pra me lavares os pés." A rapariga, com muito medo foi fazer tudo.<sup>12</sup> Veio com o tacho de água e começou a lavar-*le* os pés e disse: "Serena de Alamares, pra que tens tamanhos ouvidos." "Pra ouvir os defuntos." "Serena

<sup>8</sup> O galo ... mesmo] O gall' nã s'importô, e seimpre foi. Más adiant' incôntrô um *cão*: - Maria, dêxas-m' ir comtigo? - Nã quer' ir com câins atrás. O *cã* seimpre foi. Com o gát' acontecê' o mêismo. P

<sup>9</sup> Chegou ... deitar-se] Chigô ó moinho, moê' a farinha e fêis 'mas papas. O *cân* e o gato e o galo dissêrôm-*le*: - Maria, dêxas-m' ciar cômtigo? - Nã quero! Foi a dêtar-se. P

<sup>10</sup> Tornaram... palha] Tornárôm elles: - Maria, dêxas-m' dêtar cômtigo? - Nã tinha más que fazeri, senã dromire com câins, gatos e gallos. Cada um foi munt' amuado, o gal' p'r'ó polêro, o gat' p'r'ó borralho e o *cân* p'r'á páilha. P

<sup>11</sup> Pela noite ... nada] P'la nôt' adiante bát' a tal cõsa: - Maria, abre-m' a porta, que te quer' comêri! Diz ella: - Ai, mê *cânzinhos*!... E o *cão*, nada! Continuô a cõsa: - Abre-m'a porta! - Ai, mê *gatinhos*!... E o gat', nada. Continuô: - Maria, abre-m'a porta! - Ai, mê *galinhos*!... E o gal', nada. P

<sup>12</sup> Tanto a coisa ... tudo] Tant'a tal cõs' âtêmô, q' a rapariga abri' a porta. Entrô a Serêna d'Alamares, e disse: - Maria, vai aquecer-m' um taiche d'agua p'ra me lavar's os pés. A rapariga, com munto mêido, foi fazê' tudo. P



de Alamares, pra que tens tamanha cabeça?" "Para dar marra-  
das nos defuntos."<sup>13</sup> "Serena de Alamares, pra que tens tão  
grandes olhos?" "Pra olhar pròs defuntos." "Serena de Ala-  
mares, pra que tens tão grande nariz?" "Pra cheirar os defun-  
tos." "Serena de Alamares, pra que tens tão grande boca?"  
Pregou um salto e disse: "Pra te comer!" E engoliu a rapariga.

Seja Deus louvado!

'Stá o meu conto acabado.<sup>14</sup>

(Recolhido em Elvas)

2

O CONTO DA RAPOSA<sup>15</sup>

Havia uma raposa que tinha muito piolho no rabo e foi a  
casa de um *brabeiro* a cortá-lo; e disse-*le* que o deitasse pra  
cima dum telhado.<sup>16</sup> No outro dia foi lá e disse-*le*: "Ó *sô bra-*  
*beiro*, dê-me cá o meu rabo." "Atirei com ele prò telhado."

<sup>13</sup> Veio... defuntos] Veiu com o taiche d'agua e começô a  
lavar-l'os péis, e disse: - Serêna d'Alamáres, p'ra que teins  
tamânes ôvidos? - P'ra ôvir os defuntos. - Serêna d'Alamáres,  
p'ra que teins tamâna cabeça? P'ra dár marradas nos defuntos.  
- Serêna d'Alamares, p'ra que teins tâ grandes olhos? - P'ra  
ôlhar p'r'ós defuntos. *P*

<sup>14</sup> "Serena... acabado] - Serêna d'Alamáres, p'ra que teins tâ  
grande nariz? - P'ra chêrar os defuntos. - Serêna d'Alamáres,  
p'ra que teins tâ grande bocca? Pregô um salto e disse: - P'ra te  
comêri! E inguli' a rapariga. / Sêja Dês lôvado! / 'Stá o mê  
cont'acabado." *P*

<sup>15</sup> *P*: "Tradições populares alemtejanas", *Revista Lusitana*,  
1 (2) 1887, pp. 132-133. Transcrição do original reproduzido nas  
notas 16-25.

<sup>16</sup> Havia ... telhado] Haviia 'mâ rapôsa que tiinha muunto  
piôlh' no ráabo e fôï â cáasa d'uum brâabêer' a cortáal-o, e  
diisse-le q' o dêtáasse p'râa ciima d'uum tilháado. *P*



"Então, furto-*le* uma navalha..." E furtou-*le* uma navalha.<sup>17</sup>

Foi a casa dum oleiro e disse-*le*: "Aqui tem esta navalha, que é pra rapar as tigelas." Foi lá no outro dia: "Ó *sô* oleiro, aonde está a minha navalha?" "A sua navalha quebrei-a a rapar as tigelas." "Então furto-*le* uma tigela." Furtou-*le* uma tijela.<sup>18</sup>

Foi a casa dum hortelão: "Ó *sô* hortelão, aqui está esta tijela que é pra regar as *bregelas*." Foi lá no outro dia: "Ó *sô* hortelão, que é da minha tigela?" "Quebrei-a, de regar as *bregelas*." "Então furto-*le* uma *bregela*."<sup>19</sup>

Encontrou um rapazinho, amontado num burrinho, a comer um bocadinho de pão e deu-*le* a *bregela*. Foi no outro dia: "Ó rapazinho, dá-me a minha *bregela*." "Comi-a com pão." "Então furto-te a burrinha."<sup>20</sup>

Foi a casa dum moleiro: "Aqui tem esta burrinha que é pra *le* acartar a farinha." Foi no outro dia: "Que é da minha burrinha, *sô* moleiro?" "A sua burrinha morreu de acartar a farinha." "Então furto-*le* um saco de farinha."<sup>21</sup>

Foi a casa duma mestra de meninas: "Aqui tem este saco de farinha pra fazer bolinhos pràs suas meninas." Foi no outro

<sup>17</sup> No outro... navalha] No òotre diia fôl lãa, e diisse-*le*: - Ó sô brâabêe', dêe-me cá o mē ráabo. - Atirêe co' êel' p'r'ó tilháado. - Entã fuurte-l' mã naváalha. E fuurtôo-l' mã naváalha. *P*

<sup>18</sup> Foi a casa ... tijela] Fôl â cáasa d'uum ôlêero e diisse-*le*: Aqiii teim éesta naváalha, q' ée p'r'a râpáar as tegéelas. Fôl lãa no òotre diia: - O' sô ôlêero, aonde 'stá a m' nhâ naváalha? - A s'â naváalha cuubrêe' â rapáar as tegéelas. Entã fuurte-l' 'ma tegéela. Fuurtôo-l' 'ma tegéela. *P*

<sup>19</sup> Foi a casa ... *bregela*] Fôl â cáasa d'uum ôrtelãao: - Ó sô ortelãao, aqiii 'stá éesta tegéela q' é p'r'a regáar as brêengéelas. Foi lãa no òotre diia. - Ó sô ortelãao, q'ée da m' nha tegéela? - Cuubrêe-a, de regáar âs brêengéelas. - Entã fuurte-l' 'ma brêengéela. *P*

<sup>20</sup> Encontrou ... burrinha] Incontrô uum rapaziinh' amontaade nuum burriinh' a comêe uum bocadiinho de pãa' e dêe-l' a brêengéela. Fôl no òotre diia: - Ó rapaziinho, dáa-m'â m' nha brêengéela. - Comii-a com pãao. - Entã fuurte-t' a burriinha. *P*

<sup>21</sup> Foi a casa ... farinha] Fôl â cáasa d'uum mulêero: - Aqiii teim éesta burriinha, q' ée p'r'a l' acâr'táar â fariinha. Fôl no òotre diia: - Q' ée da m' nha burriinha, sôo mulêero? - A s'a burriinha morrêe d' acâr'táar a fariinha. - Entã fuurte-l' uum sáacc' de fariinha. *P*

dia: "Que é do meu saco de farinha?" "Do saco de farinha fiz bolinhos pràs minhas meninas." "Agora furto-*le* uma menina."<sup>22</sup>

Foi a casa de um violeiro: "Ó sô violeiro, aqui tem esta menina que é pra aprender a tocar viola." No outro dia foi a buscar a menina: "A sua menina morreu de tocar viola." "Então furto-*le* uma viola." E furtou-*le* uma viola. Foi pra cima dum telhado e pôs-se a tocar e a cantar:<sup>23</sup>

"Eu do rabo fiz navalha,  
Da navalha fiz tigela,  
Da tigela fiz *brenghela*,  
Da *brenghela* fiz burrinha,  
Da burrinha fiz farinha,  
Da farinha fiz menina,  
Da menina fiz viola...  
Tum, tum, tum, que me vou embora."<sup>24</sup>

(Recolhido em Vila Boim, concelho de Elvas)<sup>25</sup>

<sup>22</sup> Foi a casa ... menina] Fôï â cáasa d'uuma méestra de m'niinas: - Aquii teim êeste sáacc' de fariinha, p'r'a fazêer buliinhes p'r'áas s'ás m'niinas. Fôï no ôotre diia: - Q'ée do mê sáacc' de fariinha? - Do sáacc' de fariinha fiiz bullinhos p'r'áas m'nhas m'niinas. - Agóora fuurte-l' 'mâ m'niina. P

<sup>23</sup> Foi a casa ... cantar] Fôï â cáasa d'uum viiulêere: - Ó sô viiulêer', aquii teim éesta m'niina, q'ée p'r' aprêndêer a tocári viiôola. No ôtro diia fôï â buscáar a m'niina: - A s'a m'niina morrée de tocári viiôola. - Entã fuurte-l' 'mâ viiôola. E furtôo-l' 'ma viiôola. Fôï p'r'âa ciima d'uum tiilháado, e pôis-s' a tocári e a cantári: P

<sup>24</sup> Eu do rabo ... embora] Ê do ráabo / fiiz naváalha, / da naváalha / fiiz tegéela, / da tegéela / fiiz brêengéela, / da brêengéela / fiiz burriinha, / da burriinha / fiiz fariinha, / da fariinha fiiz m'niina, / da m'niina fiiz viiôola... / Tum, tum, tum, / que m' vôo embóora. P

<sup>25</sup> Em nota, pergunta o autor: "O anexam: 'A raposa anda toda a semana a dar e tira tudo ao domingo', terá relação com este conto popular?"

OS DOIS PRÍNCIPES<sup>26</sup>

Era duma vez dois príncipes e foram a correr mundo. Passados tempos acabou-se-*le* o dinheiro e o mais moço disse: "O melhor é nós irmos a assentar praça; nós sabemos ler e vamos crescendo postos." <sup>27</sup>

Ô espois um já era capitão ou major e o outro não passava de soldado. Ô espois diz este prò irmão: "Eu em *arrecebendo* o pré vou-me embora, isto não me serve, não passa da cepa torta." O irmão disse-*le*: "Não vás, deixa, que eu cá pedirei òs meus amigos." <sup>28</sup>

E daí ele não disse nada e um dia chegou à quadra e ia a agarrar um cavalo e disse-*le* o outro assim, que estava ò pé dele: "Leva-me a mim que eu te acudirei." Ô espois ele levou-o. <sup>29</sup> Ia por uma estradinha adiante, estava uma azinheira carregada de boleta e ele ia muito sério a olhar prà azinheira; e ò mesmo tempo vai a olhar prò chão e viu uma pena de ouro; e o cavalo disse-*le* que não a apanhasse que a pena que *le* dava a ele

<sup>26</sup> P: "Tradições populares alemtejanas", *Revista Lusitana*, 2 (3) 1890-91, pp. 253-254. Transcrição do original reproduzido nas notas 27-46.

3 Os... príncipes] 3. Os dōos prīncepis P

<sup>27</sup> Era ... postos] Éera d'uuma vêez dōos prīncepis, i fōo-ron a corrêe' muundo. Passáados tēempos acābō-se-l'o di-nhêer', i o máas mōço dīsse: "O milhóor é nōos firm's ássēen-táar práaça, nōos sabēemes lêer i vāames crecēendo póostos". P

<sup>28</sup> Ô espois ... amigos] Ô espōois uum jáa éera capitāao ô mājori, i o òotre nōon passāava de soldáado. Ô espōois diiz êest' p'r'ó êrmāao: "Ê eim arrecebēind' o préee vōo m'emmoora, iiste nōon me séervi, nōon páass' da cēepa tóorta." O êrmāao diisse-l'e: "Nōon vāas, dêexa, qu'êê cáa piidirêe' óos mēes amfīgos". P

<sup>29</sup> E daí ... levou-o] I d'ahfī êell' nōon dīsse naada, i uum dīia chiigō á quáadr' i fīa ágarraar uum caváall' i diisse-l'òortr' assfīm, qu'estáav' ó péee d'êell: - "Léeva-m' a mfīm, qu' êe t'acu-dirêe. Ô espōois êell' luuvōo-o. P



penas.<sup>30</sup> E ele ia já pra diante e tornou a voltar pra trás. "Ora eu ainda não vi senão agora um cavalo falar e vou-me a buscar a pena." E voltou e apanhou-a. Meteu a pena no bolso. Ò espois foi andando. Chegou a uma cidade e meteu o cavalo pra uma estalagem e disse ao homem da estalagem que *le* tratasse do seu cavalo como se fosse dele estalajadeiro.<sup>31</sup>

Ò espois ele foi e assentou praça noutro regimento; e daí ele, como sabia escrever, foi chamado prà secretaria a ver se servia. Deram-*le* a escrever um ofício prò rei. Enquanto o quartel-mestre saiu cá fora ele alembrou-se da pena de ouro e escreveu um ofício com essa pena.<sup>32</sup> Fechou-se o ofício e foi prò rei. E o rei disse: "Quero saber quem escreveu o ofício e quero-o cá." E foi o soldado. "Foi você que escreveu o ofício?" "Fui, sim senhor." "Deixe ver a pena com que escreveu." E ele amostrou-a. "Pois você fica sendo meu *secretairo* particular."<sup>33</sup>

E os ministros ficaram com muita inveja dele e disseram ao rei que o *secretairo* declarara que era capaz de ir roubar prò rei a princesa de Itália. O rei mandou-o chamar e disse-*le*: "Então

<sup>30</sup> Ia ... penas] *lia p'r' uuma 'stradiinha adiãante, 'stáava 'm' ázinheera carregáada de bolêeta, i êell' lia muunte séeri' â ôlháar p'r' ázinheer' i ó méesme tēempe váa' ôlháar p'r'ó chãa' i viiu 'ma pēenna d'ôor', i o cavaall' d'fisse-le que nōon a apanháasse, que â pēenna que le dáav' á êell pēennas. P*

<sup>31</sup> E ele ... estalajadeiro] *I êell' lia jáa p'râa diãante, i tuur-nōo â vōoltáar p'âa tráas. - "Oóra ê iinda noon vfi senã' ágóor' uum caváall' falláar i vōo-m' â buscáar â pēenna". I voltôo i apanhōo'-a. Metêe' a pēenna no bōolso. O' espōois fōoi andãando. Chigōo â 'ma cidáade i metêe' o caváall' p'â 'mâa 'stalláage, i d'fiss' ó hóome da 'stalláge que le trãatáasse do sê caváall' come se fōosse d'êell' 'stállajadêero. P*

<sup>32</sup> O espois ... pena] *Ó espōois êell' fōoi i assēentōo práaça n'ôotre regimēento, i d'ahii êell', comme sabía 'screvêer, fōoi chamáado p'áa sâcrâtaria a vêer se servia. Déeron-l' a 'screvêer uum offiço p'r'ó rêe. Eim q'âant' o q'aartéel méestre sahíi' cáa fôora, êell' alembrōo-se da pēenna d'ôor', i 'screvêe' uum offiço cōom éessa pēenna. P*

<sup>33</sup> Fechou-se ... particular] *Fichōo-s'o offiço i fô, p'r'ó rêe. I o rêe diisse: "Quéer' sabêer quein 'screvê' o offiço, i quéer' o cáa". I fōoi o soldáado. - "Fôo' vōcêe que 'screvê' o offiço?" - "Fúui, síim sinhōor". - "Dêexe vêer a pēenna cōom que 'screvêeu". I êell' amostrōo-a. - "Pōos vōcêe ffica sēende mê sâcrâtáairo particuláar". P*



você disse que era capaz de ir a roubar a princesa de Itália, e então vá." "Eu não disse isso." "Pois com pena de morte há-de ir." <sup>34</sup>

E ele então foi prò pé do cavalo e entrou a chorar e a lamentar-se. E disse o cavalo: "Então, que te dizia eu? Não te disse que a pena que te dava a ti penas? Não chores que desta ainda não morres." <sup>35</sup> Diz ò rei que te mande a fazer um vapor com seu *triato* dentro e a coisa mais bonita que houver e vai nele prà Itália; e no primeiro dia as primeiras pessoas que entram há-de ser o rei e a rainha e do segundo há-de ir a princesa e a aia e tu, em vendo entrar estas duas mulheres, vem fugindo com elas." <sup>36</sup>

Tudo isto assim assucedeu. E ela disse-*le* no meio do mar: "Ai, ingrato, que me levas roubada", e atirou com um anel de ouro com o seu nome pra dentro do mar. <sup>37</sup>

Chegou cá ao reino e entregou a princesa ao rei. E ela disse: "Eu não caso com Vossa Majestade sem me trazerem o anel que eu aventei prò mar." E o rei ordenou ao *secretairo* que fosse

<sup>34</sup> E os ... ir] I os meniistres ficáaron com muunt' envéeja d'èell' i disséeron ó rêe qu'o sâcrâtáairo declaráara qu' éera capaaaz d'iir a rôobáar p'r'ó rêe a prêncêeza d'Itáalia. O rêe mãandô-o chamáar e diisse-le: "Entãa' vôle dísse qu'éera capáaz d'iir a rôobáar a prêncêeza d'Itáalia, i êntãa' váa." - Ê nõon diiss' iisso". - "Pôos cõon pëena de móorte háad' fir". P

<sup>35</sup> E ele ... morres] I êell' entãa' fôo' p'r'ó pée do caváall' i entrôo a choraari, i a lamentaar-se. I díss'o caváall': - "Entãa' que te dizía êeu? Nõon te dísse qu'a pëenna que te dáav'á tí pëenas? Nõon chóores que d'éest' aínda nõon móorris. P

<sup>36</sup> Diz ... elas] Diiz ó rêe que te mãande a fazêe uum vapôor cõon sê triáato d entro e a cõosa máas boniita qu' hôvéer e váae n'èell' p'á Itáalia, i no primêe' diia as primêeras pessôas que' entron háade sêe o rêe i a rafinha i do seguundo háad' fir a pr n-cêez' i â aáia, e tuu ein vënd' eentráar éestas duuas mulhéer's veim fugíndo coom éellas". P

<sup>37</sup> Tudo isto ... mar] Tuud' iist' assfim assucêdê' i éella díss-se-le no mê' do máar: "Áái engráato, que me léevas rôbaada", i atirôo cõon uum annéel d'ôoro cõon o sê nõome, p'r'â deentro do máar. P

a buscar o anel.<sup>38</sup> Ele foi prò pé do cavalo a lamentar-se e o cavalo disse: "Não te disse que a pena que te dava a ti penas? Mas deixa, que desta ainda não morres tu; diz ao rei que te mande a fazer um vapor muito grande todo cheio de carne e vai ao meio do mar, aventa isso e espera aí pelo rei dos peixes." E ele assim fez.<sup>39</sup>

Vem o rei dos peixes e agradece-/e muito porque havia muito tempo que os peixes não comiam. E ele disse: "Já que nós estávamos mortos de fome e você trouxe a carne diga se quer alguma coisa de nós."<sup>40</sup> E ele respondeu: "Quero um anel de ouro que praí me caiu há-de haver seis meses." E ele disse que fosse dali a dois dias, pois podia ser que estivesse enterrado na areia. E ele foi daí a dois dias e levou-/e mais de comer. O rei dos peixes apresentou-/e o anel. E ele, o príncipe, voltou a palácio com o anel.<sup>41</sup>

E a princesa disse: "Eu não caso com Vossa Majestade sem"<sup>42</sup> aquele ingrato que me foi a roubar dar três pulos dentro de uma caldeira de azeite a *frever*." O rei assim o ordenou e ele foi prò cavalo a lamentar-se. E o cavalo disse: "Não tenhas me-

<sup>38</sup> Chegou cá ... anel] Chigôo cáa o rêeno i entregôo à prên-  
ceez' ó rêe. I éella dísse: "Ê nōon cáase cōon Vóossa Mãestáa-  
de sēin me trazēerem o annéel q' ê avintēei p'r'ó máar". I o rêe  
ordenôo ó sâcratáairo que fôoss' a buscaar' u annéel. P

<sup>39</sup> Ele ... fez] Èll' fôoi p'r'ó pé du caváall' a lamentáar-se, i  
o caváall' diisse: "Nōon te dísse qu'a peena que te dáav'a tñi pēe-  
nas? Máas dêexa, que déest' aiinda nōon moorris tuu; diiz' ó rêe  
que te maand' a fazeer uum vapôor muunte grãande, tōodo  
chêe' de cáarn' i váai ó mê du máar, aveenta' fíiss' i 'speer' ahíi  
p'lo rêe dos pēexes". I èell' assím fêez. P

<sup>40</sup> Vem o rei ... nós] Vêe' o rêe dos pēexes i agradecêe-le  
múunto porqu' havia múunto têempo qu' os pēexes nōon com-  
mñion. E èell' dísse: Jáa que nōos 'stáavames móortos de fôme  
i vóçee trôox' a cáarne dliga se quéer alguuma cōosa de nōos. P

<sup>41</sup> E ele ... anel] I èell' respondêeu: "Quéer' uum annéel  
d'ôoro que p'r'á ahii me cahíi' haad' havêere sêes mēezes". I èell'  
diisse que fôosse d'alíi â dōos díias, pōos podíia sêeri que 'sti-  
vées' entarráado n'árêeia. I èell' fôoi d'ahíi a dōos díias i luvôo-  
-le máas de commêe. O rêe dos pēexes apresentôo-/o année-  
le. I èell', o prñcepi vóoltôo a paláacio cōon o annéele. P

<sup>42</sup> sem] que add. P

do, desta ainda não morres.<sup>43</sup> Tráz-me catorze varas e, com essas catorze varas, vara-me até que eu deite escuma e unta-te todo muito bem com ela." Ele disse que não fazia tal e o cavalo respondeu: "Faz isso, olha que senão morres." E ele assim o fez e, depois de muito bem untado, foi prò suplício.<sup>44</sup> Deu os três pulos dentro da caldeira de azeite a frever, em frente do palácio e toda a corte e povo, e não se queimou; repetiu a mesma coisa mais duas vezes e tamém não se queimou. O rei, com muita inveja, saltou tamém pra dentro da caldeira e morreu queimado.<sup>45</sup>

E a princesa disse ao secretário: "Pois eu contigo é que caso." Depois ele foi à tal dita estalagem a agradecer ò cavalo e o cavalo disse: "Peço-te em paga de tudo que te tenho feito que me desferres com os dentes."<sup>46</sup> Ele desferrou-o e o cavalo transformou-se num príncipe que andava encantado em cavalo. E ele, assim que saiu um príncipe, convidou-o pra ir prò palácio

<sup>43</sup> E a princesa ... morres] I a prencêza diisse: "Ê nõon cáaso cõon Vóossa Mãestáade sêin q' aquêll' engráato que me foi a rãobáar dáar três púulos dẽentre d'úuma caldêera d'azêet' a frevêeri". O rêe assím o ôrdenõo, i êell fõoi p'r'ó caváall' a lamẽntaar-se. I o caváall' diisse: "Nõon teenhas mẽedo, dêest' aiinda nõon móorris. P

<sup>44</sup> Tráz-me ... suplício] Tráaz'-me catõorze váaras i cõon éessas catõorze váaras váara-m' átée q' êe dêet' escúuma i úunta-te tãodo múunte bẽin cõon éella". Êell' diisse que nõon faziia táal', i o caváall' respondêeu: "Fáas iiss' òolha que senãao móorris". I êell' assím o fêez, i depõas de múunte bein uuntáa-de fõoi p'r'ó supplício. P

<sup>45</sup> Deu ... queimado] Dêe' os três púules dẽentre da caldêera d'azêet' a frevêer' êein freente do palácio e de tood' á cõort' i pãovo, i nõon se quẽemõo; repettíi' a mẽesma cõosa mãas dúuas vêezes e tãmẽen nõon se quẽemõo. O rêe, cõon múunt' envêeja, sáaltõo tãmẽen p'r'aa dẽentre da caldêer' i morrêe quẽemaado. P

<sup>46</sup> E a princesa ... dentes] I a prencêza diiss' ò sãcrátáairo: "Põos êu coontígu' ée que cáaso". Depõos êell' fõoi á taal diit' 'staláaj' áagradecêer ó caváall', i o caváall' disse: "Péce-t' êein páaga de tuude que te teenhe fêeto que me disfêerres cõon os dẽentes". P



a ser ajudante de ordens do rei. E ele foi e casou com a princesa que tinha ido a roubar.<sup>47</sup>

(Recolhido em Vila Boim, Concelho de Elvas)

[4]

#### O ALMOCREVE E O CÁGADO<sup>48</sup>

Duma ocasião vinha um almocreve e encontrou um cágado numa ribeira seca e disse prò cágado: "Que desfalecido estás!" E o cágado deitou a pontinha da cabeça ò de fora. E ele, condoído, montou-o em riba da carga.<sup>49</sup> Chegando a outra ribeira, deitou-o à água. E o cágado disse prò almocreve: "Se alguma vez te vires aflito na passagem desta ribeira, brada plo rei dos cágados, que sou eu."<sup>50</sup>

Passado tempo vem o almocreve passar a ribeira e a água levou-o e ele bradou plo rei dos cágados. E o rei dos cágados disse-*le*: "Agarra-te a mim." E ele subiu pra cima da concha.<sup>51</sup>

<sup>47</sup> Ele ... roubar] Êell' disferrôo-o, i o caváall' trãansformôo-se n'uum piincepi qu'andáav' encãantáad' êein caváall'. I êell', assiim que sahíiu úum priincepi, convidôo-o p'râa iir p'r'ó pálaaço a sêer ajudãante d'óordes do rêe. I êell' fôoi, e casôo q' a prencêeza que tiinha iid'â rôobári. *P*

<sup>48</sup> *P*: "Tradições populares diversas", *Revista Lusitana*, 4 (2) 1896, pp. 185-186. O autor acrescenta, como subtítulo, "(Conto)".

<sup>49</sup> Duma ... carga] D' uum' áccâsiã' viinh' uum álmocréev' e incontrô uum cágado nuuma riibbêera sêcca, e diisse p'r'ó cáagado: - Que desfal'ciid' estáas! E o cáagad' dêetô a pöontiinha da cabêec' ó de fóora. E êel', cöondoiide, möontô-o eim riiba dâa cáarga. *P*

<sup>50</sup> Chegando ... sou eu] Chiigãand' â ôotra riibêera dêetô' á água. E o cáagado disse p'r'ó álmocréevi: - S' alguuma vêes te viir's afflicte nâa passâage déesta riibêera, bráada p'lo rêe dos cáagades, que sôo êeu. *P*

<sup>51</sup> Passado ... concha] Passáado têempo vêe' o álmocréevi passáar a riibêer' e â água luuvôo e êel brãadô p'l'o rêe dos cáagados. E o rêe dos cáagadosdiisse-l': - Ágáarra-t' a miim. E êel' subii' p'r'âa ciima da cöoncha. *P*



Disse-*le* o almocreve: "Então não me levas a bordo?" E ele disse: "Espera, deixa ver o que dizem os mais *alí*mais. Indo pelo centro da ribeira, olhou o cágado e viu um cavalo.<sup>52</sup> Disse-*le*: "Cavalo, com que se paga um bem?" "Com um mal, *arrespondeu* o cavalo, porque, quando eu era novo, o meu dono estimava-me, alimpava-me e dava-me boas rações e agora, que já sou velho, deitou-me à *márzia*."<sup>53</sup>

Depois o cágado caminhou pra diante e encontrou um boi e disse-*le*: "Ó boi, com que se paga um bem?" "Com um mal, porque o meu dono, quando eu era bom boi, estimava-me, dava-me bom penso e depois prantou-me a engordar, pra quê? Pra ir a morrer."<sup>54</sup> Depois disse o cágado: "Vês o que diz este *tamém*?" E tornou caminhando ribeiro abaixo.<sup>55</sup>

Mais adiante encontrou uma raposa. Depois *preguntou* à raposa: "Raposa, com que se paga um bem?" E a raposa disse-*le*: "Não te percebo, chega-te cá mais prò pé."<sup>56</sup> Depois tornou-*le* a *preguntar*: "Com que se paga um bem?" Tornou-*le* a responder a raposa: "Não te percebo com o barulho da água,

<sup>52</sup> Disse-lhe ... cavalo] Diisse-l' o álmocréev': - Antâ' nã me léevas a bôordo? E êel diiss': - Iispéer', dêexe vêer o que diizem os máas aliimáaes. Iindo p'lo cêentre da riibêer' oôolhô o cáagad' e vii' uum câváall'. P

<sup>53</sup> Disse-lhe ... margem] Diisse-le: - Caváall', com que se páag' uum beim? - Com uum máal', arrespondê' o caváal', porquêe, câand' êe éera nôov' o mê dôn' estiimáavà-m' âliimpáavâ-m' e dáava-me bôoas reçôoes, e agóora, que jáa são véeilh', dêetôom' á máarziiia. P

<sup>54</sup> Depois ... morrer] Depôos o cáagade câamiinhô p'r'âa diáant' e incôontrô uum bôoi e diisse-le: - Ó bôoi, com que se páag' uum beim? - Com uum máali, porqu' o mê dóone, câand' êe éera bôom bôoi, 'stimáava-me, dáava-me bôom pênso, e depôos prãantô-m' a eingoordári, p'r'âa quêe? p'r'â iir a morrêeri. P

<sup>55</sup> Depois ... abaixo] Depôos diiss' o cáagado: - Vêes o que diiz êeste tãamêem? E tuurnô câaminhãande riibêer' âbáaxo. P

<sup>56</sup> Mais ... pé] Máas adiãant' incontrô 'mâ rapôosa. Depôos prêeguntô áa rapôosa: - Rapôosa, com que se páag' uum beim? E a rapôosa diisse-le: Nãa te precêebo, chêega-te cáa máas p'r'óo péi. P

chega-te cá mais prò pé."<sup>57</sup> A pontos que chegou o cágado à beira da ribeira e o almocreve pulou pra terra. E depois faz o seu cálculo e marchou.<sup>58</sup>

Na estrada encontrou uma raposa morta e disse: "Coitada! Aqui a mataram os caçadores." Depois tornou a caminhar. Mais adiante encontrou outra raposa tamém morta na estrada.<sup>59</sup> Aqui fez o indivíduo o seu cálculo e disse: "Homem! uma lá abaixo, outra cá acima! Eu vou a esfolá-las porque o dinheiro das peles serve-me pra me alimentar.<sup>60</sup> Ná! Volto atrás a buscar a pele daquela que vi primeiro, ò depois tornarei a vir buscar a pele desta." Ò tempo que chegou à primeira, prantou-a em pontos de a esfolar.<sup>61</sup> Ò tempo que ia a meter o bico da sua navalha na pele da perna da dita raposa, ela deu-le um salto e disse-le: "Já você se não lembra de que acabei de o salvar, seu ingrato?!"

Seja Deus louvado,

'Stá o meu conto acabado.<sup>62</sup>

(Recolhido em Vila Boim, concelho de Elvas)

<sup>57</sup> Depois ... pé] Depðos tuurnô-l' â préeguntári: - Com que se páag' uum beim? Tuurnô-l' a respoondeer' â rapðosa: Nãa te precêebo co baruulhe d'áágua, chêega-te cáa máas p'r'óo péi. P

<sup>58</sup> A pontos ... marchou] A pðontos que chiigô o cáagad' áa bêera da riibêeer' e o álmocréevi puulôo p'r'âa téerra. E depðos fáaz o sê cáalc'l' e mãarchô. P

<sup>59</sup> Na estrada ... estrada] Nãa 'stráad' incontrô 'mâ rapðosa móort' e diisse: - Cðotáada! aquiî â matáaron os cáaçadðor's. Depðos turrnô â câamiinháari. Máas adiãant' incontrô ðotra rapðosa tâamêen móorta nãa 'stráada. P

<sup>60</sup> Aqui ... alimentar] Aquii fêez o enduviidu' o sê cáalc'l' e disse: - Hóome! uuma lá âbáax', ðotra cá â ciima! êe vô â 'sfoláal-as, porqu' o diinhêeer' das péell's sêerve-me p'r'â m' âliimêentári. P

<sup>61</sup> Não ... esfolar] Náa! Vóolt' âtráaz a buuscár' â péell' da-quéella que vii priimêero, ò depðos tuurnarêe a viir buuscáar' a péell' d'éesta. Ò têempo que chiigô á priimêera, prãantô-a êin pðontos d'â 'sfolári. P

<sup>62</sup> O tempo ... acabado] Ó têempo qu' ii' á mettêeer' o bii-que da s'â2 naváalha nãa péell' da péerna dâ diita rapðosa, éella dêel-l' uum sáalt' e diisse-le: - Jáa vóocêe se nã lêembra de q' acâabêe d' o sáalváar, sêe ingrátô?! Sêeje Dês lôováado, stáa o mê cðont' acabáado. P

[5]

GRAÇAS A DEUS PARA SEMPRE,  
TENHO A BARRIGA CHEIA E TODA A MINHA GENTE<sup>63</sup>

Havia noutro tempo um homem muito ruim para a mulher e filhos e por isso os fazia passar fomes, batia-lhes, não lhes dava fala; enfim, a pobre mulher vivia num tormento constante.

Tinha ele por costume ser o primeiro que aviava o seu prato, com pouca comida, e principiava logo a comer, de forma que, quando a mulher estava aviando o prato do terceiro ou quarto filho, já ele tinha acabado e então tirava o prato que tinha o resto do jantar que guardava num armário e dizia, à maneira das santas graças:

"Graças a Deus para sempre,

Tenho a barriga cheia e toda a minha gente."

A mulher, coitadinha, tinha de comer só pão, para que os filhos comessem o que ela tinha podido tirar do prato mas que era pouco para tantos. E ele, como naquela ocasião comia pouco, depois vinha comer sozinho o que tinha guardado. Assim sucedia todos os dias e a todas as comidas, até que um dia apareceu ali um compadre a quem a mulher, cheia de desgosto, contou o que o marido lhe fazia e a má vida que lhe dava, devido ao seu mau génio. O compadre teve muito dó dela e dos filhos e prometeu-lhe que o havia de ensinar.

Veio depois o marido e fez muitas festas ao compadre, convidando-o para ficar em sua casa, etc., etc. Chegou a hora de jantar e o dono da casa fez o costume, mas quando foi tirar o prato para ir guardar, depois de recitar a oração costumada, diz-lhe o compadre: "Espere lá, compadre, se vossemecê tem a barriga cheia, a minha e a das crianças estão despejadas; e como vossemecê me convidou para ficar na sua casa, não há-de ser para eu passar fomes." O outro envergonhou-se de tornar a

<sup>63</sup> P: "Contos populares alemtejanos recolhidos da tradição oral", *A Tradição*, 4 (9, Set) 1902, pp. 141-142. S: *Contos populares recolhidos da tradição oral na provincia do Alemtejo*, Elvas, A. J. Torres de Carvalho, 1919, pp. 3-6. Reproduzido igualmente em *Correio Elvense*, 1758, 10 Mar 1919.



assentar-se e foi para o trabalho e o compadre e a família comeram a fartar. Depois disse para a comadre: "Vocemecê não faça ceia e deixe o resto por minha conta."

Chegou a noite e, depois de terem estado um bocado à lareira a conversar, foram-se todos deitar, mas no meio da noite o dono da casa, que não podia com fome, chamou a mulher e disse-lhe: "Ó mulher, *plamôrdeus*, vai-me fazer alguma coisa para comer, que não posso estar com fome." "Ai, home! o que te hei-de fazer a estas horas?" "Faz-me umas papas."

Levantou-se a pobre mulher, reanimou o lume e pôs o tacho da água a ferver com a farinha, mas quando estavam quase prontas, o compadre que tinha ficado na cozinha "para dormir mais quente" atira com as meias sujas para dentro do tacho que, estando mal seguro, tombou e entornaram-se as papas! "Ai, compadre, que me desgraçou!" "Então a comadre não estava fazendo barrela?" "Não senhor, eram umas papas para o meu marido. Então o que lhe hei-de agora dizer?" "Ora, conte-lhe o meu engano."

A mulher foi para o quarto contar ao marido o que se passou, mas ele que tinha muita fome diz-lhe: "Ó mulher, tem paciência, vai fazer-me um bolo de amassadura e coze-o no borralho." "Ora como hei-de fazer isso se o nosso compadre está lá na cozinha e, se me vê ao lume, faz-me alguma pirraça." "Anda lá, experimenta."

A mulher fez o bolo e foi cozê-lo; mas o compadre, assim que a viu, veio assentar-se ao lume, dizendo que não podia dormir com frio e, pegando na tenaz, diz-lhe: "Agora vou contar-lhe a minha história. Olhe, comadre, o meu pai era rico, mas nós, quando ele morreu, éramos 14 irmãos, de maneira que teve de entrar a justiça em casa por causa das partilhas. Que desgraça nos sucedeu, minha comadre! Foi tudo dividido assim: bocado a um, bocado a outro, a um as panelas, a outro os tachos, a outro os pratos; por fim era já tão grande a barafunda que cada um tirava o que podia." E a cada quinhão de que falava fazia um risco fundo com a tenaz no bolo, com a cinza, que era impossível comer-se!



A pobre mulher, por mais que diligenciava evitar que ele estragasse o bolo, nada pôde conseguir, em vista do entusiasmo com que ele fazia os quinhões e, quando viu o estado em que ele o pôs, disse: "Ai, compadre da minha alma! que era um bolo para meu marido!" "Ai, comadre, porque não mo disse? E eu julgava que era o *formento* que vossemecê estava fazendo!" "Então agora o que lhe hei-de eu dizer?" "Ora diga-lhe que dormiu e que o gato o comeu."

A mulher isso lhe disse. O marido ficou desesperado e, como não podia ficar assim, resolveu pôr às costas a albarda da burra e ir para o faval comer favas cruas. Assim fez, mas o compadre, que o sentiu, pega numa *espengarda*<sup>64</sup> e vai atrás dele e quando o apanhou a comer as favas dispara um tiro. O homem assim que isto ouve começa a gritar: "Ó compadre, não atire que sou eu!"

O outro fez-se muito admirado e procurou-lhe o que estava ali fazendo coberto com a albarda? Que ele tinha disparado pensando que era uma raposa que estivesse comendo as favas. "É que, como ontem não jantei como costume e nem *cíei*, não posso dormir com fome e vossemecê tem estragado o que minha mulher tem ido fazer para eu comer e, por isso, me vi obrigado a comer favas." "Ora muito bem; pois isso que lhe fiz hoje foi para avaliar o que a sua mulher e os seus filhos passam com a sua maldade de os fazer passar fome. Agora que já sabe o que isto custa, deve emendar-se e deixar que a sua família encha a barriga."

O homem serviu-lhe a lição e, daí em diante, comiam todos a satisfazer e ele já não dizia:

"Graças a Deus para sempre,  
Tenho a barriga cheia e toda a minha gente."

(Elvas)

<sup>64</sup> *espengarda*] *espingarda* P. O termo, em itálico, faz supor uma forma dialectal, ou seja "*espengarda*", como escreve S; daí o ter-se mantido esta forma no texto.

[6]

A FADA MOUCA<sup>65</sup>

Era uma vez uma velhinha muito mouca, mais mouca que a minha avó! Esta velhinha foi um dia ao campo buscar um feixe de lenha e encontrou um rapazito com um cesto no braço, mas como era muito curiosa perguntou-lhe: "Donde vindes, rapazi-nho?" "Venho de Inglaterra." "Debaixo da terra?! Oh! louvado seja Deus! E o que trazeis nessa cestinha?" "Um presunto." "Um defunto! Oh! louvado seja Deus! E o que trazeis na vossa mão?" "Uma cana verde." "Uma canela dele! Oh! louvado seja Deus!"

O rapaz pôs-se a rir dos disparates que dizia a mouca, pelo que ela ficou muito zangada e lhe disse: "Visto que te ris de mim, eu te fado para que em toda a tua vida não possas dizer senão: Cócórcó que estou nos ovos!"

E assim sucedeu! Até que o rapaz, desgostoso de não poder dizer mais palavra nenhuma, se matou!

E seja Deus louvado,  
Está meu conto acabado.

(Elvas)<sup>66</sup>

<sup>65</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 4 (9, Set) 1902, pp. 142-143. S: *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 7-8. Reproduzido igualmente em *Correio Elvense*, 1758, 10 Mar 1919.

<sup>66</sup> (Elvas)] *om. S*

[7]

A PRINCESA ENCANTADA<sup>67</sup>

Havia noutro tempo um rei e tinha uma filha muito sábia, que disse tinha grande ufanía. Um dia disse ela ao rei que mandasse deitar um bando para toda a gente vir a palácio responder ao que ela dissesse.

Assim se fez, mas com a promessa de que, se fosse mulher que respondesse bem, teria uma tença<sup>68</sup> e, se fosse homem, casaria com a princesa. Com tão boa promessa veio toda a gente ao palácio, mas ninguém sabia responder.

Faltava ainda um lavrador que disse para um criado que aparelhasse a égua para ir responder à princesa. O criado que era muito bruto, mas ladino, diz-lhe: "Ó sr. meu amo, deixe-me ir a mim *tamêm!*" "Ó alarve, o que *le* hás-de tu responder?" "Não sei, mas tenho cá uma aquela que hei-de *le* saber responder."

O lavrador riu-se muito, mas disse que sim; e o rapaz foi-se vestir de lavado e pôr o seu fato domingueiro, mas passando por uma meda de lenha tirou uns poucos de paus que meteu no bolso e o mesmo fez a um ovo que uma galinha acabava de pôr. Reparando nisto, o lavrador diz-lhe: "Para que serve isso?"<sup>69</sup> "Ande lá, sr. meu amo, que tudo serve."

Montaram-se os dois, cada um em sua égua, e foram caminho do palácio. O lavrador, no meio do caminho, teve uma necessidade; apeou-se e foi satisfazê-la. E depois o criado tirou do bolso um lenço de seda, apanhou tudo e guardou, como ti-

<sup>67</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 4 (9, Set) 1902, p. 143. S: *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 9-10. Reproduzido igualmente em *Correio Elvense*, 1759, 22 Mar 1919.

<sup>68</sup> tença] terça P e S. Em nenhuma das edições o termo "terça" está escrito em itálico, de maneira a significar um termo regional, pelo que se presume tratar-se de uma gralha de P, que S teria reproduzido automaticamente. Existe o termo "tença" noutros contos: C21: "O passarinho verde", C22: "O camponês" e C62: "Os três encantos".

<sup>69</sup> "Para ... isso"] *om. P*

nha feito à lenha, dando a mesma resposta ao amo - "de que tu-do servia."

Chegaram e o lavrador foi o primeiro a ir ouvir a princesa, mas nada soube dizer, e mandou o rapaz, visto que eram admitidas pessoas de todas as classes. A princesa abriu uma porta e disse: "Eu sou um fogo." "Asse-me lá este ovo", disse o rapaz, apresentando-lhe a seguir a lenha e o presente que trazia no lenço. "Não tenho lenha." "Aqui estão uns pausinhos." "Você é um sujo." "Aqui tem uma prova."

A princesa ficou desesperada por ser aquele bruto a única pessoa que lhe tinha sabido responder; mas como a palavra do rei não voltava atrás, casou com ele.

E quem lá se viu  
É que lá se achou;  
Beijinhos e abraços  
Para quem o contou.

(Elvas)

[8]

O PADRE RIDÍCULO<sup>70</sup>

Era uma vez um padre muito ridículo e, por isso, em chegando próximo os fins dos meses, arranjava sempre uma questão com os criados rapazolas que o serviam e despedia-os sem lhes pagar; e assim ia sendo servido de graça.

Um dia um estudante fez uma aposta com os companheiros de que era capaz de roubar o padre. Os outros apostaram que não; e ele, para ganhar a aposta, vestiu-se com fato muito velho e à noite foi a casa do padre saber se queria um criado, acomodando-se com todas as condições que ele lhe impôs.

<sup>70</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 4 (10, Out) 1902, pp. 156-158. S: *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 11-13. Reproduzido igualmente em *Correio Elvense*, 1759, 22 Mar 1919.



O padre estava assentado e mais a sua ama a um belo lume de lenha e disse ao rapaz que fosse também para ali. O rapaz foi e, passado pouco tempo, diz-lhe o padre: "Então como me chamam por aí a mim?" "Chamam-lhe o sr. padre prior." "Fortes parvos! Eu chamo-me papa-deuses." O rapaz fez-se muito admirado. "E então a esta senhora?" "Ama do sr. prior." "Súcia de bestas! Esta é a Fugritatis." Nova admiração do rapaz. "E isto?", dizia ele indigitando o gato. "É um gato." "Não, é o papa-ratos." "E isto?" "É lume." "Não, são alumiantes." "E aquilo?" "São umas escadas." "Qual história, são escrimónias." "E o que está nos paus da chaminé?" "São chouriços e paios." "Não digas tolices. São papas e cardeais." "E isto?" "É água." "Não, isto chama-se abundantes."

O rapaz tomou muito sentido em todos os nomes e, dali a pedaço, diz: "Ora eu queria pedir um favor a V. S.<sup>a</sup>" "Então o que é?" "É que eu tenho sezões e já estou com o frio (e nisto batia com os dentes uns nos outros) e então, se me deixasse dormir aqui, eu mesmo na lareira me deito. O padre teve dó e deu a licença pedida.

Dali a pouco a ama, que já tinha acabado de passar as contas e dormido<sup>71</sup> no *entreval*o dos padre-nossos e das avé-marias, lembrou ao padre que eram horas de se deitarem.

O padre que também já tinha completado a sua conta, despejando a longos tragos a borracha de vinho e comido o último bocadinho de lombo assado no espeto ao belo lume e encontrando-se tão quente por fora como por dentro, resolveu ir deitar-se, deixando o rapaz ao lume a curtir a sezão e lembrando-lhe que pela manhã tinha de ir ajudar-lhe à missa. "Vá vossa mercê descansado que a essa hora já me tem passado a trabuzana e estou leve como um coelho."

Tanto que o rapaz ouviu rressonar o padre e a ama, tirou a carne toda que estava na chaminé para um saco que achou e pôs diante da porta do quarto quantas cadeiras e mesas achou; atou uma porção de estopa ao rabo do gato que principiou a dar

<sup>71</sup> dormido] dormindo P

berros quando ele com um tição de lume lhe deitou fogo; e, pondo o saco da carne às costas, foi bater à porta do quarto dizendo: "Ó papa-deuses! tira-te dos braços da Fugritatis, vai acudir ao papa-ratos que vai pelas escrimónias acima, cheio de alumiantes, acode-lhe com abundantes que eu cá vou carregado de papas e cardeais."

Quando o padre, depois de ter quebrado o nariz nas cadeiras que estavam à porta do quarto, pôde entrar na cozinha, ficou desesperado por aquele maroto lhe ter roubado os seus belos paios e chouriços. Mas por mais que procurou nunca soube quem tinha sido o espertalhão que o enganou, ganhando assim a aposta que tinha feito.

Seja Deus louvado  
E o meu conto acabado,  
Que não é bonito,  
Mas é bem contado.

[9]

## O GALO<sup>72</sup>

Era uma vez um galinho que andava a esgaravatar num campo e achou uma bolsa cheia de dinheiro! Principiou a pensar a quem daria o dinheiro que melhor o recompensasse e decidiu que o levaria ao rei e partiu caminho do palácio com a bolsa ao pescoço.

No caminho encontrou uma raposa que lhe disse: "Aonde vás, galinho?" "Vou levar esta bolsa de dinheiro ao rei." "Eu também quero ir." "Mete-te aqui para o meu rabo." Lá se meteu a raposa. Foi mais adiante e encontrou um montão de pedras e perguntam-lhe: "Onde vás, galinho?" "Vou levar esta bolsa de dinheiro ao rei." "Nós também vamos." "Metam-se aqui para o

<sup>72</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 4 (10, Out) 1902, p. 158. S: *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 14-16. Reproduzido igualmente em *Correio Elvense*, 1759, 22 Mar 1919.

meu rabo." Encontrou mais uma ribeira e um enxame de abelhas que lhe pediram para ir com ele e que o galo mandou meter no rabo.

Assim chegou ao palácio cheio de todas aquelas coisas e pediu para ir entregar a bolsa ao rei. Este recebeu o dinheiro e mandou-o meter no galinheiro. Ficou o galo todo zangado porque esperava grande recompensa em troca da bolsa e, para se vingar, deixou sair do rabo a raposa e esta comeu as galinhas todas! O galinho pôs-se em cima do galinheiro a cantar:

"Qui-quiri-qui!

Venham ver o que eu fiz!"

Vieram a ver e não havia nenhuma galinha. Disse o rei: "Metam o galinho dentro de um pote." Assim se fez e ele, assim que lá se viu, deitou fora do rabo as pedras e partiu-se o pote. E o galinho pôs-se a cantar:

"Qui-quiri-qui!

Venham ver o que eu fiz!"

Foram dizer ao rei o que havia e ele mandou-o meter num forno bem aceso. O galinho, assim que o meteram lá, largou a ribeira e apagou-se o fogo. O galinho pôs-se a cantar em cima do telhado.

"Qui-quiri-qui!

Venham ver o que eu fiz!"

O rei, já desesperado, disse: "Tragam cá esse maroto que lhe quero sujar em cima." Mas assim que o rei se despiu, o galinho largou as abelhas que se pegaram todas ao corpo do rei que já escorria sangue por todos os lados; e levaram-no para a cama quase morto.

Depois deram outra vez a bolsa de dinheiro ao galo com a condição de se ir logo embora, visto ele fazer tanta maldade. O galinho assim fez; e quando chegou à sua terra distribuiu o dinheiro pelos pobrezinhos, que era mais bem empregado do que no rei.

Seja Deus louvado

Está meu conto acabado.

(S. Vicente)

[10]

A RAPOSA<sup>73</sup>

Era uma vez uma raposa que foi a casa de um barbeiro e disse-lhe assim: "Ó sr. barbeiro, corte-me aqui o meu rabo que está cheio de piolhos." O barbeiro cortou-lhe o rabo. No outro dia volta lá a raposa: "Ó sr. barbeiro, *qué* dele, o meu rabo?" "O teu rabo atirei-o para o telhado." "Ai sim? ... pois levo-lhe uma navalha."

Foi a casa de um oleiro: "Ó sr. oleiro, aqui tem esta navalha para raspar as suas tigelas." No outro dia foi lá: "Então a minha navalha?" "A tua navalha partiu-se." "Pois roubo-lhe uma tigela."

Foi a uma horta: "Ó sr. hortelão, aqui tem esta tigela para refogar as suas *bringelas*." No outro dia voltou à horta: "Onde está a minha tigela?" "A tua tigela quebrou-se." "Ai sim? ... pois furto-lhe estas *bringelas*."

Foi a casa de um moleiro: "Ó sr. moleiro, aqui tem estas *bringelas* para o seu jantar." Passados dias foi lá: "Então as minhas *bringelas*?" "As *bringelas* comi-as." "Pois levo-lhe um saco<sup>74</sup> de farinha."

Foi a casa de uma mestra: "Sr<sup>a</sup> mestra, aqui tem esta farinha para fazer bolinhos às suas meninas." No outro dia foi lá: "Então a minha farinha?" "Fiz bolos para as meninas." "Ai sim? ... pois levo-lhe uma menina."

Levou a menina e foi a casa de um violeiro: "Sr. violeiro, aqui tem esta menina." O violeiro foi levar a menina a casa da família. No outro dia vai a raposa: "Sr. violeiro, onde está a minha menina?" "A tua menina morreu." "Ah sim?... pois levo-lhe uma viola."

<sup>73</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 4 (10, Out) 1902, pp. 158-159. S: *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 17-18. Reproduzido igualmente em *Correio Elvense*, 1759, 22 Mar 1919.

<sup>74</sup> um saco] uma saca S



Roubou-lhe a viola e foi para cima de um telhado e pôs-se a cantar assim:

"Eu de rabo fiz navalha,  
De navalha fiz tigela,  
De tigela fiz *bringela*,  
De *bringela* fiz farinha,  
De farinha fiz menina.  
De menina fiz viola,  
Torrum tum tum,  
Que me vou embora!"

(Elvas)

[11]

LETRAS E TRETAS<sup>76</sup>

Eram duma<sup>76</sup> vez uns lavradores que tinham dois filhos; um era estudante e o outro era cabreiro.

Como o ano fosse mau, pediram um moio de trigo emprestado ao compadre prior que era padrinho do filho que estudava; mas, quando colheram a seara, não pagaram o trigo e assim foi correndo o tempo.

Sempre que iam à missa, desfaziam-se em desculpas com o padre por não terem ainda pago e ele dizia-lhes sempre que arranjassem a sua vida e que pagassem quando pudessem. Mas no outro domingo repetia-se a cena, até que afinal o padre, já farto de os aturar, disse um dia ao pai: "Olhe, compadre, diga ao meu afilhado que arranje uma mentira do tamanho do Padre-Nosso, que já lhes perdoo a dívida."

<sup>76</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 4 (11, Nov) 1902, pp. 174-175. S: *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 19-22. Reproduzido igualmente em *Correio Elvense*, 1760, 14 Jun 1919.

O velho ficou louco de contente e foi para casa dizer ao filho que, visto ele ter tantas letras, arranjasse a mentira quanto mais depressa melhor, para a ir dizer ao sr. padrinho, como ele desejava; mas o rapaz por mais que estudou, por mais que contava as palavras das mentiras que armava, não conseguia fazer uma da tamanho do Padre-Nosso; numas sobravam, noutras faltavam, até que declarou ao pai que não podia satisfazer o empenho do padrinho. O pai ficou triste e muito zangado com o rapaz, dizendo que de nada lhe aproveitava o que o padrinho gastava com ele, visto não ser capaz de arranjar uma mentira.

Num domingo em que estavam falando sobre o caso, quando o outro filho veio a casa, disse este: "Olha a grande coisa! ter que arranjar uma mentira do tamanho do Padre-Nosso! Maior sou eu capaz de a arranjar e ir dizê-la ò padrinho, se vossemeçê quiser!" "O que dizes tu, filho?! lhe diz a mãe. Pois tu astreves-te?" "Astrevo sim senhora! Ora dê-me vossemecê licença e lá verá." "Eu sei lá, filho! Tu és a modos que assim tão brutinho, para ires falar com aquela gente..." "Deixe lá, mãe, que uma pessoa, com' ò outro que diz, tamém não é tão parvo como òs<sup>76</sup> da cidade pensam; ora verá."

Com estas e outras razões convenceu a mãe e o pai e, no domingo, lá foi ele caminho da igreja para dizer ao sr. padrinho a mentira encomendada. O padre, que já estava prevenido, logo que acabou de dizer a missa foi para a sacristia com um amigo, a quem contou o caso, esperar o rapaz. Este não se fez esperar e de chapéu na mão e acariciando a cabeça, como vulgarmente se usa no campo, chegou ao pé do padrinho, pôs as mãos, pediu-lhe a benção e depois disse:

"Pois, meu padrinho, eu tinha um colmeal tão grande! tão grande! que nem sabia o conto òs cortiços! Um dia pus-me a contar as abelhas e faltava-me uma! Fui por esse mundo em pergunta da minha abelha e vai, sr. padrinho (e nisto batia uma forte palmada na perna do padre), estavam quinze lobos a

<sup>76</sup> duma] d'um P

<sup>76</sup> òs] os S

comê-la! Eu atiro-lhes com uma ameixa (e trás - nova palmada) e matei-os<sup>77</sup> todos! Mas só deixaram uma perninha da abelha. Pego a torcê-la (outra palmada), não deitou nada; começo a destrocê-la e deitou dez almudes de mel! (e nova palmada no padre que já se encolhia!). Ora aqui estava eu sem ter onde deitar o mel! Fui ao monte buscar um burro, com licença de meu padrinho (e trás - palmada) e carreguei o mel, mas pesava tanto que fez uma ferida nas ancas ò burro! Fui a casa de um alveitar que deitou na ferida um alqueire de favas! Ai, meu padrinho! (e mais palmada - o padre já suava!) fez-se um ervilhal que apanhava três léguas de grandeza! Cai-me nele um porco-espinho que não se lhe viam de longe senão as unhas! Atiro-lhe com uma foice, espeto-lhe (com sua licença) o cabo no rabo e (palmada na perna do padre), ó meu rico padrinho, aquilo é que era bonito ver o porco!... Com as pernas ceifava, com a foice debulhava, com a boca pregava cada assopro que caía a palha para o chão e as ervilhas levava-as o vento! Quando se foram a medir, deitaram dois moios de trigo e um pouquinho e foi assim que meu pai pôde pagar ò meu padrinho..."

O pobre prior, que tinha a perna derreada pelas palmadas, levantou-se logo e disse ao rapaz que estava perdoada a dívida contanto que ele acabasse já a mentira que era bem maior do que o Padre-Nosso. O rapaz foi logo levar a boa nova à mãe que ficou louca de contente e convencida de que

Muitas vezes as tretas  
Valem mais que as letras.  
E seja Deus louvado,  
Está meu conto acabado.  
Quem lá se viu  
É que lá se achou.  
Beijinhos e abraços  
Pra quem o cantou.

(Elvas)

<sup>77</sup> matei-os] a *add.* S

[12]

A VIÚVA<sup>78</sup>

Havia noutro tempo uma mulher casada que tinha uma filha ainda pequena. Ela era muito amiga de festas e de bailes mas, como o marido era muito doente, não podia sair e ir aos divertimentos e por isso tomou-lhe uma zanga tal que não o podia ver.

Piorou o homem e já não se levantava e ela não queria saber dele. Só de vez em quando, para as vizinhas ouvirem, lhe dizia muito de rijo: "Lourenço, queres um caldinho?" "Quero sim, mulher." Ela então dizia-lhe devagarinho: "Tem paciência, meu rico filho, meu rico menino, que agora não há." Depois dizia para a filha. "Zefa! vai ajudar a ver morrer teu pai que no domingo há festa e tua mãe, se ele morrer, com certeza já lá vai."

Morreu o homem mesmo no domingo e a mulher estava toda triste por ter de chorar o marido e não poder ir à festa. Tanto se lamentou por isto<sup>79</sup> que uma vizinha disse-lhe que ficava chorando enquanto ela ia, mas que lhe daria em troca um alqueire de centeio.

Aceitou a viúva a proposta e foi logo vestir-se e arranjar-se e marchou depois para a festa que devia terminar com baile. A carpideira toda a noite andou à roda do defunto que estava estendido num esteirão e ela, fingindo que chorava, dizia:

"Aqui ando eu  
A chorar o alheio  
Por alqueire de centeio.  
Ai meu belo marido morto!  
Sirva-te isto de conforto!"

Assim levou a carpideira toda a noite enquanto a viúva se estava divertindo, com a consciência tranquila, visto que o seu dever outra o estava desempenhando.

<sup>78</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 4 (11, Nov) 1902, pp. 175-176.  
S: *Contos...* op. cit., Elvas, 1919, pp. 25-26. Reproduzido igualmente em *Correio Elvense*, 1761, 16 Jul 1919.

<sup>79</sup> isto] isso S



## A gulosa

Chegou o dia e a viúva voltou para casa justamente quando a carpideira, repetindo a lamentação, dizia:

"Aqui ando eu  
Chorando o alheio,  
Por um alqueire de centeio!  
E sabe Deus se será bem cheio!"

Ouvindo isto, a viúva, tocando as castanholas e dançando em volta do marido, respondeu logo:

"Cheio e recheio!  
Calcado e recalcado!  
E ainda por cima  
Um grande punhado.  
E zus catatrúz!  
E zás catatraz!  
Bem hajam as festas!  
E mais quem as faz!"

(Elvas)

[13]

### A GULOSA<sup>80</sup>

Era duma vez um pescador que tinha uma mulher muito gulosa, de forma que nunca fazia jantar para o marido, mas ela andava sempre a fazer coisinhas boas par comer e o marido comia só pão com azeitonas ou fruta.

Um dia que o homem estava dizendo muito mal à sua vida por Deus lhe ter dado uma mulher assim, sendo ele tão trabalhador, quando puxou a rede viu um peixe muito grande; mas quando ele o ia a apanhar, diz-lhe o peixe: "Não me toques, que sou o rei dos peixes e venho aqui para te valer nas tuas aflições,

<sup>80</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (1, Jan) 1903, pp. 14-15. S: *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 27-29. Reproduzido igualmente em *Correio Elvense*, 1761, 16 Jul 1919.

visto que ainda há pouco tanto te lastimavas." "É verdade, disse o pescador, sou muito infeliz porque trabalho todo o ano e nunca tenho, ao menos um dia, um jantarzinho que me aqueça o estômago porque a minha mulher não mo quer fazer." "Pois bem, lhe diz o peixe, aqui tens estas quatro bonecas: põe uma a cada canto da cozinha, sem ela ver, e deixa que amanhã já hás-de ter ceia." E o peixe desapareceu.

O pescador, tanto que foram horas, foi para casa e, sem a mulher ver, colocou as bonecas, comeu alguma coisa com pão e foi-se deitar; e no outro dia levantou-se e saiu, como costumava.

Ela, quando lhe pareceu, levantou-se também, acendeu o lume e pôs a água para o café; depois fritou uns ovos e, quando estava o almoço feito, assentou-se ao lume<sup>81</sup> e disse:

"Estende-te, perna,  
No rio está quem te governa;  
Ele, se se quiser aquecer,  
Vá beber vinho à taberna."

Começou a almoçar mas, assim que meteu o comer na boca, ouve uma voz que dizia: "O que é aquilo?" "É comer!" "Sem o marido?" "Pois se a mulher é uma gulosa!"

A mulher teve um grande susto. Andou vendo por toda a casa, mas não viu nada. Ainda com receio, mas mais tranquila, voltou a querer almoçar mas tornou a ouvir as mesmas vozes: "O que é aquilo?" "É comer!" "Sem o marido?" "Pois se ela é uma gulosa!"

Desta vez não quis mais saber do almoço e foi a fugir com medo! A fome apertava-a, por isso resolveu ir fazer umas batatas para a ceia, quando viesse o marido, e assim fez.

À noite, assim que ele veio, foi ela logo sair-lhe ao encontro, dizendo-lhe: "Anda marido, vem cear, que tu deves estar com vontade." O marido ficou admirado mas não fez perguntas. Comeram bem e no outro dia, quando ele saiu, recomendou-lhe ela "que viesse cedo que lhe teria uma boa ceia."

Pensando, porém, que tivesse sido alucinação sua, tentou

novamente almoçar à chaminé; mas, tal qual como no outro dia, ouviu as mesmas vozes e as mesmas perguntas. Emendou-se então. Nunca mais comeu sem estar o marido e viveram muito bem.

Passado tempo, o pescador levou as bonecas ao rei dos peixes para ele emprestar a outro que precisasse delas para o mesmo fim, porque o que há mais é gente gulosa.

(Elvas)

[14]

A VELHA<sup>82</sup>

Era duma vez uma velhinha, muito velha, muito amarracada, que andava sempre a pedir esmola, fazendo uma grande lamúria: "Que não tinha ninguém, que era muito desgraçadinha," etc., etc. Mas dizia-se que a velha tinha dinheiro e, por isso, num dia, um ladrão, enquanto ela foi à fonte, entrou-lhe em casa e meteu-se debaixo da cama.

A velha quando voltou viu-lhe um pé. Esteve para gritar, mas teve medo de que ele a matasse e por isso deixou a porta aberta e, ajoelhando-se em frente de um crucifixo que tinha, pôs-se de mãos postas a dizer: "Ó meu Senhor! eu quando era moça namorava um rapaz muito bonito! (e dizia isto levantando a voz); depois, meu Senhor, casei com ele e, quando vim para casa, tirou-me o véu! Que vergonha, meu Senhor! (e isto ainda mais alto). Depois tirou-me o vestido, as saias, as botas. Ai! ai! ai! que vergonha!" (e gritava mais ainda).

Os vizinhos, que ouviram aqueles gritos, acudiram a ver o

<sup>82</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (1, Jan) 1903, p. 15. S: *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 25-26. Reproduzido igualmente em *Correio Elvense*, 1760, 14 Jun 1919. Na segunda edição, este conto precede o C12.

que era e a velha, assim que sentiu gente em casa, sem mudar de posição, gritava: "Vão debaixo da cama que lá está o<sup>83</sup> ladrão!" Os vizinhos foram a ver e lá estava o homem que levou uma bela sova; e assim se livrou a pobre velha de ser roubada e morta.

(Elvas)

[15]

### QUEM TIROU O OLHO À RAINHA?<sup>84</sup>

Era uma vez uma mulher que tinha duas filhas e todos os dias ia à missa. As filhas, uma era Catarina e outra Mariquinhas. Um dia disse para a Catarina: "Vamos à missa." E ela disse: "Vá vossemecê, que eu tenho fome e a missa não enche barriga." Foi a<sup>85</sup> mãe e a outra filha à missa.

Catarina tinha fome e foi à varanda que dava para o jardim do rei que tinha uma pereira que dava para a varanda; as peras ainda estavam verdes e ela, com a fome que tinha, mesmo verdes as comia; e viu vir a rainha com um açafate de flores e outro de doces e chegar a um tampo de pau e espalhar as flores pelo chão e tirar o tampo e sair um cão que parecia o demónio e estar a meter os doces na boca do demónio. Catarina deu-lhe tamanha zanga que atirou com uma pera ao olho da rainha e lho tirou. A rainha, com as dores, meteu o demónio para dentro e foi gritando que lhe tinham tirado o olho.

A mãe de Catarina e a irmã vinham da missa muito assustadas e disseram para a Catarina: "Ai, que tiraram um olho à rainha!" "Bem haja quem lho tirou, que fui eu!" "Cala-te, Catarina,

<sup>83</sup> o] um S

<sup>84</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (1, Jan) 1903, pp. 15-16. S: *Contos...* op. cit., Elvas, 1919, pp. 31-33. Reproduzido igualmente em *Correio Elvense*, 1762, 18 Ago 1919.

<sup>85</sup> a] om. P e S



que estamos perdidas!" "Mãe, que estamos ganhadas!"

O rei mandou deitar um pregão para ver quem tinha tirado o olho à rainha. Ninguém sabia quem tinha tirado o olho à rainha. O rei vestiu-se de pobre e andou pedindo pelas portas a ver se ouvia alguma conversa. Foi bater à porta de Catarina, pediu uma esmola e ouviu a mãe e as filhas a dizer quem tinha tirado o olho à rainha e pediu que lhe dessem gasalho<sup>86</sup> aquela noute porque não sabia onde era a casa dos pobres. A mãe disse-lhe: "Perdoe, por amor de Deus, tenho duas filhas e não posso deixá-lo cá dormir, nem lhe posso dar esmola porque somos muito pobres." Mas o rei não fazia senão teimar que o deixassem entrar, que estava muito molhado.

Catarina, como era muito decidida, disse para o pobre: "Entre, pobrezinho, a minha mãe não quer senão missa, e caridade não tem nenhuma." O pobre entrou e foi-se pôr ao lume e disse: "Ai, assim que cheguei a esta terra, ouvi uma má notícia: dizem que tiraram um olho à rainha." Responde a Catarina: "Bem haja quem lho tirou, que fui eu." A mãe dizia-lhe: "Calate, Catarina, que estamos perdidas." "Cale-se, mãe, que estamos ganhadas."

O rei, assim que isto ouviu, já não podia parar, levantou-se e disse: "Nada, já vejo que não posso aqui estar", e agradeceu e saiu. Foi logo para o palácio e no outro dia mandou chamar as três. A mãe e a Mariquinhas choravam muito, mas a Catarina ria-se. "Venha cá a mãe. Então você sabe quem foi que tirou o olho à rainha?" "Saberá Vossa Real Majestade que não." "Então vá-se embora. Venha cá a Mariquinhas. Sabes quem tirou o olho à rainha?" "Saberá Vossa Real Majestade que não: eu fui à missa com minha mãe e não soube de nada." "Venha cá a Catarina. Tu sabes quem tirou o olho à rainha?" "Eu vou contar a Vossa Real Majestade", e depois contou e o rei disse: "Se for verdade o que tu dizes, caso contigo e mando matar a rainha."

Foi o estado do rei todo atrás e ela disse ao rei que man-

<sup>86</sup> gasalho] agasalho S

dasse fazer um lume ao pé do tampo de pau, e ela chegou e tirou o tampo e saiu o diabo e foi para o lume e rebentou. Depois o rei e aquela gente toda voltaram para mandarem matar a rainha e já ela se tinha atirado ao mar. Depois o rei casou com Catarina que dizia à mãe e à irmã:

"Se não tirasse o olho  
Não era eu<sup>87</sup> rainha."

(Elvas)

[16]

#### O BOI BARRABIL<sup>88</sup>

Era uma vez um rei que tinha um boieiro que muito estimava por ser muito verdadeiro; dizia o rei que o boieiro não sabia mentir e diziam os vassallos que ele, uma vez pelo menos, havia de faltar à verdade, ao que o rei retrucava que não. Havia na boiada um boi que o rei estimava muito e se chamava o boi barrabil. Quando o boieiro ia falar ao rei, este perguntava sempre: "Como está o boi barrabil?" Ao que respondia o boieiro sempre que estava bom.

Os fidalgos tinham inveja de que o rei tratasse tão bem o homem e começaram a querê-lo indispor com o rei; disseram que ele havia de arrancar o coração do boi barrabil e pregar uma mentira ao rei dizendo que o boi tinha morrido, ao que o rei dizia que era impossível ele mentir, que havia de dizer a verdade.

Depois combinaram os fidalgos em ir uma das fidalgas estar com o boieiro e dizer-lhe que gostava muito do boi barrabil, etc., etc., e que lhe queria o coração. O homem ficou muito

<sup>87</sup> eu] a add. S

<sup>88</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (2, Fev) 1903, p. 31. S: *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 35-36. Reproduzido igualmente em *Correio Elvense*, 1762, 18 Ago 1919.

admirado da exigência e disse-lhe que isso não fazia ele, e ela respondeu: "Pensa nisso e eu cá volto amanhã". O homem ficou pensativo em vista da formosura da fidalga, mas em todo o caso, no outro dia, tornou-lhe a dizer que não, que isso não fazia ele. Ela disse-lhe: "Pensa bem, que eu amanhã torno a vir e há-de por força dar-me o coração do boi barrabil". No outro dia não pôde o homem ser superior àquela exigência, tirou o coração ao boi e entregou-o à fidalga.

Depois dela se retirar começou a pensar no que tinha feito e como havia de dizer ao rei que o boi estava morto. "Pela manhã vou falar ao rei e digo-lhe: 'Salve Deus a Vossa Majestade.' 'Adeus, homem, então como estás?' 'Eu bom, muito obrigado.' 'E o nosso boi barrabil?' 'Ora, o nosso boi barrabil ia por uma ladeira abaixo, escorregou, caiu e morreu.' Mas nada, isto é mentira, isto não digo eu, vou-lhe dizer antes: 'Altura, alvura e formosura fez com que eu tirasse o coração ao boi barrabil.' Bem, esta mentira está bem." E deitou-se a dormir.

No outro dia foi falar a Sua Majestade e na forma do costume disse-lhe: "Salve Deus a Vossa Majestade." "Adeus, homem, como estás, e o nosso boi barrabil?" "Ora o nosso boi barrabil... o nosso boi barrabil..." "Então o que é, homem?" "Ora, saberá Vossa Majestade, altura, alvura e formosura fizeram com que eu tirasse o coração ao boi barrabil." Então disse o rei aos fidalgos: "Ganhei, o homem não sabe mentir: pensando que me pregava mentira, disse a verdade."

(Elvas)

[17]

A SOGRA ENGANADA<sup>89</sup>

Era uma vez um almocreve, casado havia pouco tempo, e a mãe prometeu-lhe uma récuca de machos se ele desse uma sova na mulher, para lhe ter respeito. Ele dizia que não tinha motivos para lhe bater e dizia-lhe a mãe: "Motivos sempre há; olha, em ela indo fazer a açorda, quando ela pisar o alho e saltar para o chão, ela há-de apanhá-lo e deitá-lo para o gral, e então começa a ralhar e dás-lhe uma sova."

Bem; ele no outro dia foi ver quando ela estava a pisar o alho, saltou-lhe efectivamente, mas ela, em lugar de o apanhar, foi buscar o outro e disse: "Por causa de um alho não se desmancha uma alhada." E desta maneira ele não lhe disse nada.

No outro dia foi a casa da mãe e esta perguntou se já tinha dado a sova, ao que ele respondeu que não e contou o que se tinha passado. "Pois olha, amanhã vai à praça, compra uns peixes e leva-os para casa, vai-te embora, não lhe digas como os<sup>90</sup> queres, e à noite, quando vieres, se ela os tiver fritos, diz-lhe que os querias assados; e aí tens já um motivo para lhe bateres."

Ele assim fez: comprou os peixes, trouxe-os e não lhe disse nada. Ela quando viu o que ele tinha trazido ficou muito aflita porque não sabia como ele gostava; pôs-se a pensar e disse para consigo: faço-lhos de diferentes maneiras. Quando eram quase horas de vir o marido, pôs a mesa como era costume e pôs os pratos com os peixes e tapou os pratos.

Quando veio, foram a cear; ela destapou um dos pratos e ele disse: "Então, fritos?" E ela respondeu: "Então<sup>91</sup> como os querias, assados?" "Ora, assados!" "Então como os querias?" "Cozidos!" Ela destapou um dos pratos e disse: "Aqui os tens

<sup>89</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (2, Fev) 1903, pp. 31-32. S: *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 37-38. Reproduzido igualmente em *Correio Elvense*, 1764, 1 Nov 1919.

<sup>90</sup> os] o P

<sup>91</sup> Então] En P



cozidos." E ele: "Ora já vejo que é impossível o que a minha mãe quer!" E explicou-lhe o que era. "É só isso? então arranja-se bem; olha, põe a<sup>92</sup> albarda do burro no meio da casa e com um pau começa a bater-lhe; eu grito muito e choro, fingindo que eu é que estou levando a sova."

Assim fizeram; os vizinhos, que ouviram aquele lavarinto, começaram a bater-lhe à porta, mas ele não quis abrir. Foram chamar a mãe, que viesse acudir à nora que o marido a ia matar.

Veio logo a mãe e começou muito zangada a dizer-lhe que abrisse a porta. Eles esconderam a albarda e a mulher deitou-se no meio da casa, fingindo que estava muito doente.

Aberta a porta, a mãe começou a ralhar muito com ele e disse-lhe: "Pegue em sua mulher e leve-a para a cama e venha comigo para trazer uma galinha para lhe fazer caldos." E com a galinha veio o dinheiro para os machos.

(Elvas)

[18]

FAZ TU BEM,  
NÃO CATES A QUEM<sup>93</sup>

Era uma vez um homem muito rico e não se assentava à mesa sem lá ter um pobre. Um dia não aparecia nenhum pobre e o diabo coxo do inferno foi bater à porta e pediu uma esmola. "Ó pobrezinho, veio a boa hora, entre."

E para se seguir o costume da casa, o criado foi lavar os pés ao pobre; viu que ele tinha os pés redondos e disse para o amo que visse com quem se assentava à mesa pois que o po-

<sup>92</sup> a] o P

<sup>93</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (2, Fev) 1903, p. 32. S: *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 39-40. Reproduzido igualmente em *Correio Elvense*, 1764, 1 Nov 1919.

brezinho tinha pés de cabra. O amo disse: "Deixa, faz tu bem, não cates a quem."

Veio o pobrezinho, comeu muito bem e depois de acabar de jantar disse: "Sempre lhe quero dizer que, em se vendo nalguma aflição, brade pelo diabo coxo do inferno."

Houve depois muitas guerras e prenderam o homem; esteve na prisão muitos anos e, lembrando-se do tempo em que fazia tanto bem aos pobres, recordou-se do diabo coxo do inferno. Bradou por ele e apareceu-lhe logo, dizendo: "Então ainda agora é que te lembraste de mim? Monta-te às minhas costas e diz: 'Anda diabo para diante', que eu te livro da prisão." E assim foi.

(Elvas)

[19]

#### O SONHO<sup>94</sup>

Era uma vez um rei que tinha três filhas e todos os dias lhes perguntava o que tinham sonhado, e uma vez a mais nova disse-lhe que tinha sonhado que ainda havia de ser rainha, dar beija-mão, e que havia de recusar a mão ao pai. O pai, assim que a filha lhe disse isto, nunca mais a pôde ver e pensou em matá-la. Um dia mandou preparar um trem, mandou meter a filha dentro e disse ao criado que a levasse para um escampado e que a matasse e que lhe levasse a língua dela. Ela levava um *canzinho*.

Ao chegar ao escampado, o criado mandou-a descer do trem e disse-lhe: "Real senhora, o seu pai manda-me matá-la, mas eu tenho muita pena de a matar e não a mato; mato antes o *canzinho* e levo-lhe a língua." Ela disse: "Mata-me." Mas ele matou o cão, tirou-lhe a língua e foi-se embora, deixando a

<sup>94</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (3, Mar) 1903, pp. 40-41. S: *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 41-43. Reproduzido igualmente em *Correio Elvense*, 1764, 1 Nov 1919.

princesa no escampado. O pai quando recebeu a língua ficou muito satisfeito.

A princesa anoitecia e amanhecia nos campos e um dia meteu-se num bosque muito fechado onde não havia senão bichos; e tão farta estava de viver que ia ter mesmo com os bichos para a tragarem, mas os bichos cheiravam-na e fugiam dela e ela dizia: "Sou tão má que até os bichos fogem de mim!"

Uma noite viu ao longe uma luz e foi direito a ela. Foi ter a um palácio e, como estava a chover, entrou e escondeu-se detrás do portão. À hora da meia-noite viu entrar um gigante muito feio e ela teve tanto medo que tapou a cara. O gigante, assim que entrou, disse: "Cheira-me aqui a carne humana." E disse-lhe: "Levanta-te." E ela levantou-se e depois ajoelhou e pediu-lhe perdão. "Quem te trouxe aqui?" "A minha desgraça", respondeu ela. "E quem és tu?" Ela contou-lhe o que se tinha passado com o pai. E depois o gigante mandou-a subir e levou-a a uma casa onde havia todas as qualidades de comida e fê-la comer. Depois levou-a a um quarto com uma cama preparada e disse-lhe: "Este quarto é o da menina; aqui ninguém lhe há-de tocar; a menina fica sendo minha filha e amanhã lhe digo o serviço que há-de fazer." E foi-se embora.

No outro dia, quando se levantou, apareceu-lhe o gigante e disse-lhe que fosse almoçar. Depois do almoço disse-lhe que lhe queria dar um serviço a fazer e levou-a a uma casa que estava rodeada de gaiolas de passarinhos. "O serviço que te dou a fazer é tratar destes passarinhos todos, mas cautela, não deixes fugir algum."

Estava lá um de que ela gostou muito e levava horas esquecidas a brincar com ele; mas um dia fugiu-lhe e ela teve um grande desgosto; chorou todo o dia e à noite veio o gigante e disse-lhe: "Que tens tu, estás doente?" "Não, meu pai, não estou doente, o que tenho é um grande desgosto porque o passarinho verde fugiu." "Não tenhas desgosto que eu é que lhe dei licença; mais tarde tu o verás."

Um dia chegou um cavalheiro ao palácio e bateu à porta.

Ela disse-lhe que não lhe abria a porta porque não estava lá o pai. Depois veio o pai e levou o cavalheiro para a sala, chamou-a a ela e disse-lhe: "Este senhor vem a pedir-te para casar, é o príncipe de tal parte." Depois trataram do casamento; o gigante era rei de sete reinados e no dia do casamento deu quatro à filha e fez convite para todos os reis irem ao casamento.

No dia do casamento o príncipe apresentou-se todo vestido de verde e ela lembrou-se do passarinho que tinha fugido, o qual passarinho era o príncipe que estava ali encantado. O príncipe e a princesa, que já eram reis, subiram depois do casamento ao trono e todos os convidados foram beijar a mão à rainha, onde também foram as irmãs dela e o pai e, quando este ia a beijar a mão, ela recusou a mão ao pai e a ele deu-lhe um desmaio e caiu das escadas do trono. E depois aclarou-se tudo.

Seja Jesus louvado,  
Que é meu conto acabado.

(Elvas)

[20]

## O BAGUINHO DE MILHO<sup>95</sup>

Era uma vez uma mulher e um homem que queriam ter um filho ainda que não fosse senão do tamanho de um bago de milho e a mulher teve um filho desse tamanho, fazendo-lhe assim Deus a vontade.

Um dia o filho quis ir levar o jantar ao pai e a mãe deixou-o e ele foi com a cestinha. Chegou lá, entregou o jantar ao pai e ele, o baguinho de milho, foi-se pôr em cima de uma couve, mas veio um boi e comeu-o. E depois ele começou a gritar lá de dentro da barriga do boi: "Pai, mate o boi, que eu dou-lhe di-

<sup>95</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, S (3, Mar) 1903, pp. 41-42. S: *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 45-46. Reproduzido igualmente em *Correio Elvense*, 1764, 1 Nov 1919.



nheiro para três ou para quatro." O pai matou o boi e saiu o baguinho.

E depois o baguinho foi-se a correr mundo e chegou lá a uma casa onde estavam uns ladrões e disse o capitão: "Fechem bem as portas, não ouça alguém." E começaram a repartir o dinheiro dos roubos. O baguinho pôs-se no meio da mesa. Um dos ladrões deu-lhe um encontrão, foi ter a uma parede o baguinho de milho e pôs-se aos gritos: "Não me empurre, não me empurre!" E pôs-se outra vez no meio da mesa. Feitos os repartimentos, disse o baguinho de milho: "Ainda falta um quinhão." Respondeu o capitão: "Ainda falta um quinhão? Eles já todos têm." Mas pôs uma bolsa em cima da mesa "para quem a quisesse apanhar". Diz o baguinho de milho: "Não é para quem a quiser apanhar, que é para mim."

E depois foram jantar. Ele também quis jantar e deram-lhe de jantar. Depois o baguinho de milho meteu-se dentro da bolsa e foi rebolando para casa da mãe a dizer ao pai que ele bem lhe tinha dito que lhe arranjava dinheiro para três ou para quatro bois. Depois ficaram muito contentes e está o meu conto acabado.

(Elvas)

[21]

### O PASSARINHO VERDE<sup>96</sup>

Era uma vez um rei e uma rainha e tinham uma filha que nunca quis namorar; não tinha distracção nenhuma, mais que ir todos os dias ao mirante.

Um dia viu vir um bando de passarinhos onde vinha um passarinho verde que, poisando no mirante, começou a brincar

<sup>96</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (3, Mar) 1903, pp. 42-43. S: *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 47-49. Reproduzido igualmente em *Correio Elvense*, 1764, 1 Nov 1919.

com a princesa. A princesa estava-se penteando e o passarinho roubou-lhe a fita do cabelo e voou. A princesa riu muito. No outro dia, ainda mais cedo, já ela estava no mirante à espera do passarinho que veio, poisou no mirante, pôs-se de brincadeira com a princesa, roubou-lhe o pente e fugiu. Ao terceiro dia roubou-lhe o lenço e nunca mais apareceu em nenhum dia. A princesa começou com um grande desgosto e nunca mais saiu do quarto.

O rei mandou deitar um bando, que toda a pessoa que fizesse rir a princesa lhe dava uma tença. Ninguém fazia rir a princesa. Um dia foi lá um velho que andou à roda da cama da princesa a fazer-lhe graças para ela se rir, mas a princesa, já muito zangada, mandou pôr o velho fora do quarto. Quando o velho foi para casa, disse-lhe a velha que era a sua mulher: "Então, fizeste rir a princesa?" "Nem rir nem chorar." "Então vou lá eu amanhã."

A velha no outro dia foi e no caminho encontrou um muro com muitos buracos à roda. "Que diantre será aquilo? disse a velha, deixa-me ir a ver o que é aquela novidade para levar a princesa." Chegou ao muro, assomou, olhou lá para baixo e viu vir um bando de passarinhos, onde vinha um verde a dizer:

"Fita, lenço e pente,  
Quem me dera agora ver  
Quem de mim está ausente;  
Três vezes trema o palácio,  
E o palácio não tremeu."

A velha ouviu isto e foi-se embora. Chegou lá ao palácio, pediu licença para entrar e depois andava à roda da cama a dizer graças e a princesa sem se rir, até que a velha se lembrou do muro e disse: "Real Senhora, vou-lhe contar uma coisa", e esteve-lhe a contar o que viu. A princesa começou-se a rir e a dizer: "Conta, boa velha." Começaram logo a tocar os sinos com a alegria da princesa falar. Depois a princesa disse para a velha: "Leva-me lá ao tal muro." E foram lá.

Depois a princesa olhou para baixo e viu o bando dos passarinhos, onde vinha o verde a dizer:

"Fita, lenço e pente,  
Quem me dera ver  
Quem de mim está ausente;  
Três vezes trema o palácio,  
E o palácio não tremeu.  
E a princesa morreu  
Ou estará presente?"

"Estou presente", disse a princesa.

Ouviu-se depois um estalo muito grande e o passarinho desencantou-se e apareceu um príncipe que casou com a princesa, e a velha ficou no palácio.

(Elvas)

[22]

### O CAMPONÊS<sup>97</sup>

Era duma vez um camponês que estava numa herdade. O rei andava à caça e perguntou-lhe de que vivia. "Vivo do meu trabalho, com doze vinténs por dia; devido-os em três partes, a primeira com os meus velhos pais que já não podem trabalhar, a segunda com o meu sustento e de minha mulher e a terceira dou-a a juro, isto é, aos meus filhos." O rei gostou da resposta e disse ao camponês que não dissesse a ninguém como dividia os doze vinténs sem ver cem vezes a cara do rei. Ele assim prometeu.

Já no palácio o rei mandou chamar os fidalgos e perguntou se eram capazes de saber quem era o homem que dividia todos os dias os doze vinténs que ganhava em três partes e como os dividia. Os fidalgos começaram a dar voltas à imaginação até que descobriram quem era o homem e foram ter com ele. Ele

<sup>97</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (3, Mar) 1903, p. 43. S: *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 51-52. Reproduzido igualmente em *Correio Elvense*, 176S, 22 Jan 1920.

não queria dizer de maneira nenhuma como dividia os doze vinténs; mas os fidalgos tanto teimaram que ele disse: "Só declaro isso se me derem cem moedas de ouro." Os fidalgos não tiveram mais remédio senão dá-las e ele disse como dividia os doze vinténs. Foram para o palácio e disseram ao rei.

O rei mandou logo chamar o camponês: "Ó maroto! então tu descobriste-te sem veres cem vezes a cara do rei?" "Vi-a, vi-a, em cem moedas de ouro que os fidalgos me deram." "És muito esperto", disse o rei. E perguntou-lhe que tença queria? E ele respondeu: "Quero que cada homem que tenha medo das mulheres me dê cinco réis." "Oh homem! tu queres só isso?" "Quero, sim senhor, quero e hei-de-me governar." "Pois mando lançar o pregão."

O homem começou a enriquecer com a dança dos cinco réis e já andava de carruagem. Um dia estava o rei à janela e passou ele. O rei mandou parar a carruagem e ele entrou e o rei perguntou-lhe: "Como podes tu estar assim, só com 5 réis de cada homem que tenha medo das mulheres?"

Depois o homem começou a contar-lhe que no caminho vira uma princesa muito bonita... Nisto ia passando a rainha e o rei disse: "Fala baixo, baixo, que vem aí a rainha." "Ai, também Vossa Real Majestade? Ora salta para cá 5 réis." E o rei deu-lhos e o homem ainda continua na dança de apanhar 5 réis a cada marido que tem medo da mulher.

(Elvas)



[23]

NÃO ME CORTES O CABELO  
QUE MEU PAI ME PENTEOU<sup>98</sup>

Era uma vez um homem e uma mulher e tinham uma filha, e o homem e a mulher foram à missa e a mãe disse para a filha que ficasse para guardar os figos e que não os deixasse apanhar dos passarinhos.

A filha foi para a varanda a guardar os figos e deixou comer um e metade doutro. Quando veio a mãe, ela estava a chorar. "Então quantos figos comeram os pássaros?" "Comeram um e metade doutro." "Deixa estar que não mas ficas perdendo."

Fez uma cova no quintal e disse para a filha que se metesse ali dentro pois queria semear um batatal do tamanho dela. Ela meteu-se e a mãe deitou-lhe terra para cima e ali ficou. Veio depois o marido: "Então a Maria?" "Foi para a mestra." No outro dia: "Então a Maria?" "Foi a um mandado."

Um dia o marido disse para um criado: "Vai ao quintal colher erva para os cavalos." O criado foi e começou a ceifar. Chegou lá a um ponto e ouviu de debaixo da terra:

"Não me cortes o cabelo  
Que meu pai me penteou,  
A minha mãe me arrastou,  
Nesta cova me deitou,  
Por via dum passarinho."

O criado foi a contar ao amo; o amo mandou cavar ali e apareceu-lhe a filha. Perguntou-lhe quem a tinha ali metido. Ela confessou a verdade e ele mandou atar a mãe da rapariga ao rabo dum cavalo e correu com ele por montes e vales.

Está o meu conto acabado.

(Elvas)

<sup>98</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (3, Mar) 1903, pp. 43-44. S: *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 53-54.

Era duma vez duas pretas e moravam juntas. Uma tinha um filho e a outra uma filha. Depois os filhos foram crescendo e diz uma das pretas para a outra: "Os nossos filhos já estão muito crescidos e parece mal andarem a brincar os dois juntos e então tu ficas aqui e eu vou morar para muito longe." E lá foi a comadre Cizerina com sua filha Juliana a morar para muito longe.

O Manel, o filho da outra preta, nunca mais quis comer. Dizia-lhe a mãe: "Anda, Manel, toma um caldinho." "*Nan quer, qu'ê quer* morrê.

A mulher viu-se tão aflita que foi a casa da comadre Cizerina e disse-lhe que fosse lá um bocadinho a ver se o Manel bebia o caldinho. A comadre Cizerina foi e levou sua<sup>100</sup> filha Juliana e esconderam-se as duas enquanto a mãe do Manel lhe foi dar o caldinho.

"Anda, Manel, toma este caldinho." "*Nan quer, qu'ê quer* morrê." "Anda, Manel, toma o caldinho que está ali a comadre Cizerina com *su*<sup>101</sup> filha Juliana. Ele deu uma gargalhada e disse: "Sempre vossemecê está fazendo rir a gente; dê cá o caldinho."

Tomou o caldinho e pôs-se bom; e aqui está como se preparou o casamento do Manel com Juliana, a filha da comadre Cizerina.

(Elvas)

<sup>99</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (3, Mar) 1903, p. 44. S: *Contos...* *op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 55-56.

<sup>100</sup> sua] su P

<sup>101</sup> su] sua S

Era uma vez uma mulher que tinha um filho que era parvo. Um dia não tinha nada que comer e tinha lá uma carga de lenha e um pato, e deu-os ao filho para vender e disse-lhe: "Pede tanto pela lenha como pelo pato."

O filho assim fez. Chegou lá a uma vila, estava uma mulher dum almocreve; e o almocreve tinha ido fazer uma viagem e ela tinha lá um hóspede que era um padre. E depois a mulher quis comprar o pato e perguntou ao rapaz quanto queria por ele. "O mesmo que pela lenha." "Mas quanto queres tu pela lenha?" "O mesmo que por o pato."

O padre disse à mulher que lhe desse o que lhe parecesse. E depois o rapaz começou a chorar e diz-lhe a mulher: "De que estás a chorar?" "Ainda não comi do meu pato." "Oh rapaz, então tu vendeste o pato e queres comer do pato?" "Mas é que eu ainda não me aqueci à minha lenha." Depois o padre disse: "Deixe-o ficar para aí, ele é parvo." Ficou e estava naquela lamúria: "Ainda não comi do meu pato; ainda não me aqueci à minha lenha."

Veio o marido e diz assim a mulher, antes de lhe abrir a porta: "Então agora como há-de ser isto?" Diz-lhe o padre: "Ora, escondo-me aqui para este entreforro." "E então o rapaz?" "Vai também."

O rapaz lá no entreforro continuou na mesma lamúria e o homem cá fora dizia: "Parece que temos coisa má em casa." E a mulher dizia: "É verdade, já há bocadinho que estou a ouvir isto e não posso saber o que é. Olha, se queres vou chamar além o padre, o nosso compadre." "Pois sim, vai." E esteve contando ao compadre o que tinha em casa.

O padre veio e andou benzendo as casas e chegou ao entreforro onde estava o outro padre com o rapaz. O padre saiu do

<sup>102</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (3, Mar) 1903, pp. 44-45. S: *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 57-58.

buraco com o rapaz às costas e o outro correu atrás dele com um pau para bater-lhe, mas o padre aparava as pancadas nas costas do rapaz que berrava como uma cabra e safou-se da casa; e o rapaz lá foi para casa da mãe todo choroso.

E está o meu conto acabado.

(Elvas)

[26]

O BAGUINHO DE ROMÃ<sup>103</sup>

Era uma vez um homem muito velho e tinha um filho que era muito inteligente e queria ir aprender; depois foi para casa de um homem a aprender arte-magia e o homem foi fazer uma viagem por muitos dias. O rapaz chamava-se João e o homem entregou-lhe as chaves das casas todas e disse-lhe: "Abre as portas todas menos aquela, porque se lá vais, morres."

Ele, assim que o mestre se foi embora, foi a primeira que abriu e viu uma casa cheia de livros. Enquanto o mestre para lá esteve, estudou de noite e de dia e já sabia tudo. Veio o mestre, ele estava sentado ao sol na varanda e disse-lhe: "Então, João, que fizeste?" "Estive sentado ao sol."

Depois foi o homem fazer outra viagem ainda por mais dias e ele fez-se num pombo e foi a casa do pai e<sup>104</sup> esteve-lhe dizendo para o ir buscar a casa do mestre; que ele havia de lhe apresentar uma cesta com uma galinha e muitos pintos e conhecer dali o filho. Que o que estivesse mais encolhidinho, que esse era o filho. Veio o mestre e disse-lhe: "Então, João,<sup>105</sup> que fizeste?" "Ora, estive sentado ao sol."

No outro dia foi o homem buscar o filho e ele apresentou-

<sup>103</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (3, Mar) 1903, pp. 45-46. S: *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 59-61.

<sup>104</sup> e] *om. P e S*

<sup>105</sup> João] *o add. S*



-lhe a cesta e disse-lhe: "Se conheces daí o teu filho, leva-o e, se não o conheces, fico com ele." "Oh senhor! então eu trouxe-lhe o rapaz e apresenta-me pintos? Eu não quero pintos, quero o rapaz." E olhava para os pintos a ver se via o que estava encolhidinho. Estava muito encolhido debaixo da asa da galinha. Depois ele disse, o homem: "É aquele."

O mestre tirou-o de dentro da cesta e levou-o lá dentro e fez-se num rapaz. O homem ficou muito contente e levou-o para casa. E ele disse para o pai: "Ganha muito dinheiro comigo porque eu já sei a arte toda."

Fez-se num cavalo, o rapaz, e disse para o pai que o fosse vender à feira e que lhe tirasse sempre o freio. Andava lá o mestre, conheceu logo o cavalo e quis comprá-lo. E o homem queria-lhe tirar o freio, mas o mestre não quis. Levou-o lá para a cavalaria, com o freio, e deixou-o para lá ficar. E depois foi lá um homem a dar água aos outros cavalos e deu-lhe também a ele e tirou-lhe o freio.

Veio de lá o mestre todo zangado e vê o cavalo feito num rapaz; ia a correr para o apanhar e o rapaz fez-se numa rã e saltou logo para a água; o mestre fez-se num sapo para o ir apanhar, ele fez-se num pombo e foi voando; o mestre fez-se numa águia para o ir apanhar e ele fez-se num anel e foi cair no colo da princesa. A princesa ficou louca de contente e o mestre teve de se ir embora desgostoso.

A princesa levou o anel para o quarto e tirou-o do dedo. Fez-se logo num rapaz e a princesa ia a gritar e ele disse-lhe que não gritasse, que ele que sabia muita arte. E depois a princesa disse-lhe: "Já não te vás daqui embora; cá te há-de vir de comer, não te há-de faltar nada."

Depois o rei adoeceu. Foram lá muitos médicos. O mestre, que soube, foi também, feito médico. Depois disse: "Ponho o rei bom se me der um anel que a princesa traz na mão esquerda." O rei disse-lhe que sim e pôs-se logo bom.

A princesa não queria dar de maneira nenhuma o anel. Foi para o quarto e disse ao rapaz o que sucedia. E ele disse: "Não

se assuste; primeiro finja que não o quer dar e depois atire comigo ao chão, com o anel, com muita força."

No outro dia foi o mestre, o médico: "Que queria o anel." Ela primeiro não o queria dar, depois atirou-o ao chão com muita força e fez-se o anel numa romã muito aberta e o mestre fez-se numa galinha com muitos pintos e comeu a romã e esqueceu-lhe um baguinho; o rapaz, só do baguinho, fez-se numa raposa e comeu a galinha e os pintos.

E o rei deu-lhe como recompensa casar com a princesa. E casou e<sup>106</sup> estão muito satisfeitos, ainda ontem à noite lá fui tomar chá e tão certo como estar o meu conto acabado.

(Elvas)

[27]

### O COMPADRE FACHICA<sup>107</sup>

Era uma vez um preto e uma preta. Eram muito ricos e o preto morreu.

Na frente da preta morava um sapateiro e, assim que o preto morreu, o sapateiro quis apanhar dinheiro à preta. À noite estava a preta sentada à chaminé e ouviu gemer lá em cima. "Quem é que 'tá aí?" "Sô eu." "Quem é tu?" "Sô o compadre Fachica." "Entã que *qués* tu?" "Trinta *mê rés* ò vizinho sapatêr." "Vá *tu* alma escansar que amanhã vô pagar ò vezinho sapatêr."

Pela manhã foi a preta e disse: "Entã, *vézinhe sapatêr, mê Fachica* devia cá *algum tinta mê rés*?" "Devia, sim senhora, mas isso não é pressa." "Pôs aqui tem, qu'ê *nã quer* qu'o *mê Fachica* 'teja nas penas do *prugatoire*."

Na outra noite foi outra vez o sapateiro para cima da chaminé a gemer, e que queria que se levasse 30 mil réis ao vizinho

<sup>106</sup> e] *om. S*

<sup>107</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (3, Mar) 1903, p. 46. S: *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 63-64.

sapateiro. E a preta foi pagar no dia seguinte. Na terceira noite, a mesma dança, mas a preta, escamada, brada para o alto da chaminé:

"Tanto tinta mê rés,  
Tanto tinta mê rés,  
Ó tu alma vá prò cé'  
Ó vá prò infern'  
Já nan pago mas<sup>108</sup> dinhêr'  
Ò vizinhe sapatêr."

(Elvas)

[28]

EU PEQUEI COM UM MOÇO<sup>109</sup>

Era uma vez um homem e uma mulher que trabalhavam num tear. A mulher era muito beata, todos os dias se ia confessar. Um dia o marido fez-se frade e foi-lhe ouvir a confissão. E ela disse:

"Acuso-me, padre,  
Que pequei com um moço,  
Que pequei com um velho,  
Que pequei com um frade."

E depois a mulher quando foi para casa já encontrou o marido metido no tear. Foi-se despir para se meter também no tear e começa o marido:

"Eu pequei com um moço,  
Eu pequei com um velho,  
Eu pequei com um frade,  
E dá-lhe que dá-lhe."

<sup>108</sup> mas] mais S

<sup>109</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, S (3, Mar) 1903, pp. 46-47. S: *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 65-66. S coloca a seguir a este conto o C30: Fezes e postemas.

A mulher embatucou e ficou muito triste. Foi a casa de uma vizinha buscar um raminho de salsa e veio de lá com o recado ensinado. Quando voltou continuava o marido:

"E dá-lhe que dá-lhe,  
Eu pequei com um moço,  
Eu pequei com um velho,  
Eu pequei com um frade."

E ela: "Então tu não foste moço? Então tu não és velho? E hoje não foste frade?"

Ah! velho, velho, velho,  
Que te meto num chinelo!"

(Elvas)

[29]

CANTA, SURRON, CANTA<sup>110</sup>

Era uma vez uma espanhola que tinha uma filha e a filha foi à fonte buscar uma bilha de água e deixou lá um anelzinho de oiro; depois foi buscá-lo.

Encontrou lá um pobrezinho que a meteu num surrão. Depois o pobrezinho foi a pedir com o surrão às costas. Chegava às portas e dizia:

"Canta, surron, canta,  
Sinó te matarê."

Respondiam lá de dentro do surrão:

"Num surron voy metida,  
Num surron morirê,  
Por um anelito d'oro,  
Que nel pilar quedê."

<sup>110</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (3, Mar) 1903, p. 47. S: *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 79-80. S coloca este conto após o C32: "O diabo também não é mau".



"Esmola ao pobrezinho," dizia o homem.

Chegou lá a uma venda e a vendedeira, ouvindo o cante, mandou entrar o pobrezinho. Deu-lhe muito de comer e muito vinho e o velho deixou-se dormir. A vendedeira foi descoser o surrão e encontrou a menina que contou tudo. O velho foi preso e a menina foi para casa da mãe.

Está meu conto acabado

E meu dinheiro ganhado.

(Elvas)

[30]

### FEZES E POSTEMAS<sup>111</sup>

Era uma vez um homem e uma mulher. A mulher comprava paios e morcelas, comprava coisas boas e, quando vinha o marido, metia tudo no oratório, debaixo do manto de Nossa Senhora e dizia ao marido que não comia senão meia dúzia de amêndoas em cada semana, uma amêndoa por dia. O homem acreditava.

Um dia foi a casa de uma vizinha e contou o que se passava. Diz-lhe a vizinha: "Olhe, faça-se vossa mercê morto e esteja a ver o que ela faz." Ele assim fez. E depois a mulher tudo era olhar para Nossa Senhora e dizer:

"Fezes e postemas

Só aquela gloriosa o sabe."

E, conforme podia, lá ia buscar bocados de paio debaixo do manto de Nossa Senhora e comia-os. Até que o marido salta da cama, agarra num pau e, ai pai!

(Elvas)

<sup>111</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (3, Mar) 1903, p. 47. S: *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, p. 67. S coloca a seguir a este conto o C38: "Ide òs sapatinhos".

Era duma vez um rei que tinha três filhos e um deles era marranita. Todos queriam casar, mas o pai disse que fossem correr mundo e que, dos três, casaria aquele que trouxesse a bacia mais bonita. Partiram e chegaram lá a um ponto onde havia três estradas e cada um foi para seu lado.

O marranita foi andando, andando, e foi ter a um palácio. Vieram abrir-lhe a porta muitas macacas e uma muito pequenina não o largou mais. Puseram a mesa para o marranita comer, mas ele pôs-se a chorar. Diz-lhe a macaquinha: "Então porque está a chorar?" "Ora meu pai quer que eu lhe leve a bacia mais bonita que houver." "Não chore, aqui tem o caco das galinhas." E quando ele se foi embora meteram-lhe o caco das galinhas no alforge.

Chegou lá ao sítio e já vinham os outros irmãos com umas bacias muito bonitas e o marranita muito triste porque só levava o caco das galinhas.

Foram os três para o palácio. Estava lá muita gente, muitos fidalgos. O primeiro que se apresentou foi o mais velho, depois foi o outro e o terceiro foi o marranita. Apresentaram as bacias, sendo a do mais velho de bronze e a do outro de prata, mas o marranita não se atrevia a apresentar o caco das galinhas. O rei teimou com ele, zangou-se e o marranita viu-se obrigado a sacar o caco das galinhas que se transformou numa formosa bacia de ouro.

O rei disse para os outros que quem casava era o marranita. Eles responderam que não pois ainda faltava a toalha. Pois que fossem novamente correr mundo e que casaria quem trouxesse a melhor toalha.

O marranita correu logo ao tal palácio das macacas e a macaquinha deu-lhe a rodilha da chaminé. Chegou o marranita ao

<sup>112</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (4, Abr) 1903, p. 60. S: *Contos...* op. cit., Elvas, 1919, pp. 69-71.

sítio e já lá estavam os irmãos com toalhas muito ricas. Foi tirar a rodilha da chaminé para a mostrar aos irmãos e encontrou uma toalha côr de rosa. Foram para palácio. Todas as toalhas eram bonitas, mas a do marranita era a melhor. "Não há remédio, disse o rei, quem casa é o marranita." E<sup>113</sup> encarregou-o de escolher noiva e de a apresentar em palácio dentro de três dias.

O marranita correu logo a casa das macacas para elas lhe escolherem a noiva. "Vou eu," disse a macaquinha. Pôs-se à porta um carro de cortiça e ele meteu-se dentro com a macaquinha e as outras macacas e ursos, tudo a tocar em instrumentos atrás do carro. Chegaram ao tal sítio e estavam lá os irmãos e fizeram grande mangação dele. Ele zangou-se<sup>114</sup>, apeou-se do carro e foi beber água à fonte; quando se voltou, já não viu os irmãos, mas viu tudo transformado: as macacas e os ursos eram princesas e príncipes, e a macaquinha era a princesa mais bonita.

Os dois irmãos iam a caminho do palácio dizendo: "Ora o marranita, a trazer uma companhia de macacas!" E riam muito; mas ficaram com grande inveja quando viram chegar o marranita com a sua noiva, no meio de muitos príncipes e princesas e num carro todo de ouro, e serem recebidos pelo rei com grandes honras. Casou o marranita e acabou-se o conto das macacas.

(Elvas)

<sup>113</sup> E] *om. S*

<sup>114</sup> zangou-se] e *add. S*

[32]

O DIABO TAMBÉM NÃO É MAU...<sup>115</sup>

Era duma vez um sapateiro muito pobre e um dia comprou uma cautela e saiu-lhe a sorte grande. O homem ficou muito contente e mandou construir um palácio com uma<sup>116</sup> escada de 365 degraus. O homem que a fez enganou-se e fez 366 degraus. Depois foi um pintor a pintar as escadas com as imagens de todos os santos, mas chegou ao último degrau e não sabia o que havia de pintar, sobrava-lhe um degrau, e foi ao amo a perguntar-lhe o que havia de fazer. "Que pintasse o diabo," respondeu o homem.

O pintor assim fez, pintou o diabo. Depois um criado ia todos os dias acender uma lanterna ao santo desse dia; chegou ao último degrau e foi perguntar ao amo se queria que pusesse a lanterna também ao diabo. O amo disse que sim, pois o diabo não fazia mal a ninguém, e o criado pôs a luz ao diabo.

Ainda sobrava muito dinheiro ao homem, da sorte grande, e quis fazer uma viagem. Arranjou um companheiro e foi. Esteve por lá muitos anos com o companheiro e duma vez, quando ia duma terra para outra, disse-lhe o companheiro: "Então não trouxe nada para comermos?" "É verdade, esqueceu-me." "Então vamos aqui a uma estalagem." Perguntaram se havia alguma cousa para se comer e disseram-lhe que havia só uns ovos. "Pois venham os ovos." Estiveram comendo e não os pagaram por esquecimento. Quando chegaram lá àquela terra lembraram-se de que não tinham pago os ovos. "Deixá-lo, à volta pagaremos."

Quando voltaram foram à mesma estalagem e estiveram a comer e, quando acabaram, disseram para o estalajadeiro: "Não nos conhece, não é verdade?" "Não conheço." "Então não se lembra de uns sujeitos que há dias aqui estiveram a comer ovos

<sup>115</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (4, Abr) 1903, pp. 61-62. S: *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 75-77. Entre este conto e o seguinte, S coloca o C 29: "Canta, surron, canta".

<sup>116</sup> uma] umas P



fritos?" "Lembro-me, é verdade." "Pois esquecemo-nos de pagar então os ovos e agora queremos pagá-los." Disse-lhe o estalajadeiro: "E os senhores trazem dinheiro que chegue?" "A quantia não deve ser tão grande que não nos chegue o dinheiro."

O homem pediu um despropósito pelos ovos. Eles ficaram assustados e o estalajadeiro disse: "Então, dos ovos saiem os pintos e as pintainhas, estas em chegando a galinhas põem ovos de que nascem outros pintos e pintainhas e assim por *duvante*, de maneira que cada ovo dá um rendimento por *hi* além."

O da sorte grande não quis pagar e veio para a cidade. O estalajadeiro foi-se a queixar. Passados dias, um recado ao homem para ir ao tribunal. Ele foi muito encolhido e estiveram-lhe dizendo que no outro dia, ao meio-dia, devia de lá estar para uma audiência e que levasse um advogado para o defender.

Ele safu do tribunal e encontrou um homem muito bem preparado, muito bem arranjado, que era o diabo em pessoa. Esteve-o cumprimentando e disse-lhe: "Que soube que estava metido num processo e que ia procurar um advogado e ele que se oferecia." O homem aceitou.

No outro dia, ao meio-dia, foi o homem para o tribunal e o advogado sem aparecer; o juiz, já muito zangado, disse: "Bem, fica a audiência para amanhã, à hora do meio-dia." Nisto entrou o advogado e o juiz perguntou-lhe porque se tinha demorado. E ele disse: "Que sabia que a audiência era ao meio-dia mas, tivera uma desordem com os criados e por isso não pudera vir mais cedo. Eu lhe conto o caso: Eu mandei cozer grãos para o jantar; os grãos não se queriam cozer e os meus criados também não os queriam comer e foi por isso que eu fiz uma briga, até que mandei semear os grãos." Diz-lhe o juiz: "Então grãos, depois de cozidos, semeiam-se?" "E ovos, depois de fritos, deitam pintos?" "É verdade, está o homem livre, pode-se ir embora."

E o homem agradeceu ao diabo e este disse que lhe tinha acudido por fazer tanto caso dele como fazia dos santos.

(Elvas)

[33]

S. BENEDITO<sup>117</sup>

Havia uma viúva rica que tinha uma filha e desejava casá-la. Para isso ia todos os dias à igreja a rezar por muitas horas diante da imagem de S. Benedito, advogado dos casamentos daquela terra. O sacristão começou a reparar na grande devoção da viúva e pensou logo em ser pedido ao santo para casamento.

Um dia foi colocar-se detrás do santo para escutar a súplica da viúva e ouve: "S. Benedito, dá um bom marido a minha filha e casa-a depressa." O sacristão diz detrás do santo, em voz sumida: "Casa-a com o sacristão." "Oh santo bendito! Muito agradecida! Um ano inteiro hás-de ter a lâmpada acesa por minha conta." No dia imediato mandou chamar o sacristão e ofereceu-lhe a filha em casamento, o que ele aceitou às mãos ambas.

No dia em que a filha fazia um ano de casada, entra a viúva igreja adentro<sup>118</sup>, chega ao altar do santo e diz-lhe em voz alta:

"Santo Benedicto,  
Santo Marau,  
O que tu precisavas  
Era umas asas de pau.  
Santo Benedicto,  
Santo Pandilha,  
Como tens a cara  
Assim deste marido  
A minha filha".

O sacristão tinha jogado a fortuna da viúva.

(Elvas)

<sup>117</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (4, Abr) 1903, p. 62. S: *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 81-82.

<sup>118</sup> adentro] dentro S

[34]

OS TRÊS GALINHOS<sup>119</sup>

Era uma vez uma mulher casada com um almocreve e o almocreve foi fazer uma viagem e ela convidou para lá um frade; e a mulher tinha três galinhos. O frade foi-se embora e, quando veio o marido, estavam a cear e começou o primeiro galinho:

"Esta noite dormiu cá um frade;  
Esta noite dormiu cá um frade".

A mulher, no outro dia, logo que o marido se foi embora, matou o galinho. O marido foi para outra viagem e o frade teve novo convite. Quando o marido regressou, à noite à ceia, começou o segundo galinho:

"A meu irmão mataram-no  
Por dizer as verdades;  
A meu irmão mataram-no  
Por dizer as verdades."

No outro dia, é claro, o galinho pateou. À terceira viagem do marido, novo convite ao frade e, ao regressar o almocreve, à hora da ceia, começa o terceiro galinho:

"Quem aqui houver de morar  
Há-de ouvir, ver e calar;  
Quem aqui houver de morar,  
Há-de ouvir, ver e calar".

(Elvas)

<sup>119</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (4, Abr) 1903, p. 62. S: *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 83-84.

Era uma vez um colhereiro e tinha três filhas e foi buscar madeira a um carvalho; apareceu-lhe um gigante e deu-lhe muito dinheiro e disse-lhe que a primeira pessoa que encontrasse em casa que lha havia de levar. Encontrou a filha mais velha, levou-a ao gigante e este levou-a para um palácio e pôs-lhe um cordão ao pescoço e disse-lhe que abrisse todas as portas menos uma.

O gigante foi para uma caçada e ela foi logo abrir a porta proibida e viu dentro da casa muita gente morta; fez-se-lhe logo o cordão todo negro. Tornou a fechar a porta e, quando o gigante veio, viu-lhe logo o cordão negro, matou-a e meteu-a na tal casa.

Quando o homem foi outra vez a buscar madeira, apareceu-lhe o gigante e deu-lhe outra bolsa com dinheiro. O homem perguntou-lhe pela filha. "Está muito triste; devia trazer-lhe a outra filha para a restrar." O homem levou a segunda filha e a esta sucedeu o mesmo que à mais velha: foi morta pelo gigante.

Depois foi a filha mais moça; mas essa, quando o gigante se foi embora e lhe disse que abrisse todas as portas menos aquela, tirou o cordão do pescoço. Viu lá muita gente morta e muita gente ferida e esteve curando as irmãs que ainda não estavam mortas.

O gigante demorou-se muitos dias na caçada e as irmãs iam melhorando; estavam já quase boas quando regressou o gigante. Não lhe viu o cordão negro e ficou contente. "Bem, temos mulher", disse o gigante e foi para outra caçada e, ao voltar, também não lhe viu o cordão negro. Começou a gostar muito dela, a fazer-lhe todas as vontades e um dia ela pediu-lhe para ir levar um pote de açúcar a casa do pai. Ela meteu a irmã mais

<sup>120</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (4, Abr) 1903, pp. 62-63. S: *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 85-86.



velha no pote e lá foi o gigante com o pote às costas e ela foi para o mirante e dizia-lhe de lá: "Eu bem te vejo", e ele olhava para trás e ria-se para ela. Chegou lá a casa do pai entregou o pote de açúcar e veio-se embora.

Passado tempo, levou segundo pote de açúcar em que ia a segunda irmã. E depois ela, a mais nova, mandou fazer uma boneca, vestiu-a com o seu fato e pô-la lá no mirante e pediu ao gigante que fosse levar um pote de macarrão ao pai; meteu-se dentro do pote e ia dizendo lá dentro: "Eu bem te vejo."

O gigante olhava para o mirante, via a boneca e julgava que era ela. Entregou o pote de macarrão e veio a correr. Quando cá chegou foi ao mirante e encontrou-se com a boneca. Zangado, foi a casa do homem buscar a filha mais moça para casar com ela, mas o pai e as filhas já tinham abalado para fora da terra com medo do gigante.

E conto acabado,  
Dinheiro ganhado.

(Elvas)

[36]

OS GALEGOS<sup>121</sup>

Era duma vez uns poucos de galegos e fizeram uma procissão a S. Nicolau, e quando iam no meio da procissão esqueceram-se do nome do santo. Começaram uns a dizer: "Será pescada? Será atum? Será bacalhau?"

"Sim, sim, sim, bacalhau, S. Nicolau. Vá a procissão adiante que já lembrou o nome do santo."

(Elvas)

<sup>121</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (4, Abr) 1903, p. 63. S: *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, p. 87.

[37]

O LAVRADOR<sup>122</sup>

Era uma vez um lavrador e uma lavradora. O lavrador era muito medroso e tinha umas passas de figo que não queria que lhas tirassem. Andavam lá uns homens que lhe queriam tirar as passas de figo e embrulharam-se num lençol com uma cabaça à cabeça, um chocalho ao pescoço e uma luz dentro da cabaça e começaram a cantar:

"Quando nós eramos vivos  
Comíamos destes figos,  
Agora que somos finados  
Comeremos destes passados."

O homem assim que ouviu isto foi a correr para a mulher, com medo. A mulher veio e vieram os criados e quando lá chegaram já não viram nada, nem passas nem finados.

(Elvas)

[38]

IDE ÒS SAPATINHOS<sup>123</sup>

Era uma vez uns homens que estavam vestidos de frades e passou ali um rapaz que ia à terra e levava dinheiro escondido nos sapatos.

Os frades falaram-lhe e disseram-lhe que se levasse algum dinheirinho que o levasse bem escondidinho, por causa dos ladrões. E depois ele disse que o levava bem escondido, que o levava nos sapatos. O rapaz despediu-se e foi-se embora.

<sup>122</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (4, Abr) 1903, pp. 63-64. S: *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, p. 89. S coloca a seguir a este conto o C41: "O alvenéu".

<sup>123</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (4, Abr) 1903, p. 64. S: *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 73-74. S coloca este conto após o C31: "As macacas".

Chegou lá adiante e encontrou uns ladrões e os frades fingidos começaram de cá a dizer aos colegas:

"Ó ladrõezinhos,  
Ide òs sapatinhos."

Os ladrõezinhos sovaram o rapaz, tiraram-lhe o dinheiro e mandaram-no pra S. Barzabu.

(Elvas)

[39]

O COPO DE OIRO<sup>124</sup>

Era uma vez um rei e uma rainha e viviam desgostosos porque não tinham filhos e pediam a Deus que lhes desse um filho e que, quando o filho tivesse 18 anos, iria ele próprio a Roma sozinho pagar uma promessa. Foram ouvidos por Deus e ficaram muito contentes quando nasceu um príncipe.

Quando ele se ia aproximando dos seus 18 anos, começaram os pais a andar tristes porque o filho tinha de ir sozinho a pagar a promessa. O príncipe reparou na tristeza dos pais e um dia perguntou-lhes porque andavam tristes e eles contaram tudo. O príncipe disse que não estivessem tristes, que ele de boa vontade iria cumprir a promessa.

Chegado aos 18 anos preparou-se para ir a Roma e a rainha, quando ele se despediu, deu-lhe um copo de oiro e deu-lhe três peras, dizendo-lhe que não as partisse sozinho, que as partisse acompanhado e que só aceitasse por companheiro da viagem aquele que lhe desse o bocado maior e nunca acompanhasse com aquele que lhe desse o bocado mais pequeno.

O príncipe, quando saiu de casa, no meio do caminho, encontrou um homem ao pé duma fonte e pediu-lhe que partisse uma das peras e o homem deu-lhe a parte mais pequena e

<sup>124</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (5, Mai) 1903, pp. 71-72. S: *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 93-95.

não acompanhou com esse; encontrou outro junto de outra fonte e que lhe fez o mesmo e, à última pera, encontrou junto de outra fonte outro homem, e este deu-lhe o bocado maior e foi com este que ele acompanhou. Fizeram-se amigos e foram ambos para Roma.

Em todas as hospedarias ficaram sempre no mesmo quarto e, quando foi da última hospedaria, à hora da ceia, o príncipe tirou o copo de oiro para beber água e a dona da casa não tirava os olhos de cima do copo; e o companheiro reparou nisso. E, quando eles disseram que queriam dormir juntos, disse a dona da casa que não era costume naquela hospedaria dormirem duas pessoa no mesmo quarto; e eles ficaram muito tristes.

Cada um foi para o seu quarto e pela noite adiante ela foi ao quarto do príncipe, matou-o e tirou-lhe o copo; depois escondeu o cavalo e ao príncipe levou-o para uma estrumeira a enterrar. Pela manhã, quando o companheiro se levantou e perguntou por ele, ela disse-lhe que tinha marchado, e ele ficou muito admirado e não acreditou.

Foi dali a casa do juiz, contou-lhe o que se tinha passado e a sua desconfiança de que havia crime por causa do copo de oiro que era de muito valor. O juiz disse-lhe que isso que se arranjava bem; que ele conhecia a mulher e lhe mandaria pedir uns copos emprestados; e assim fez. A mulher, à primeira vez, mandou uns copos de vidro e, como o juiz pediu mais copos, ela mandou-lhe outros de cristal e, como o juiz pedisse ainda mais copos, mandou-lhe uns de prata e entre eles um de oiro, que era o tal.

O homem assim que o viu conheceu-o logo. A dona da casa foi logo presa e obrigada a dizer onde estava o príncipe e o seu cavalo. Confessou tudo e o homem foi a desenterrar o príncipe e, mesmo assim morto, montou-o e segurou-o no cavalo do mesmo príncipe e foram a pagar a promessa.

Quando chegaram à igreja, ficou o príncipe à porta montado no seu cavalo e ele foi a fazer oração como se fosse o seu amigo e deu-lhe vontade de olhar para trás e viu o príncipe a fazer oração e chorava; e conheceu ser isto um grande milagre,



voltando depois ambos para suas casas.

Quando se despediram, o príncipe deu-se a conhecer e queria levar o companheiro para o palácio, mas ele não aceitou porque também ia para companhia de seus pais que eram lavradores. O príncipe disse-lhe que se nalgum tempo precisasse dele que o procurasse no reino de tal.

Passados anos, os pais do companheiro morreram e ele ficou muito pobre e lembrou-se do oferecimento do príncipe. Dirigiu-se ao palácio, disse que queria falar com o príncipe, este conheceu-o e valeu-lhe em tudo, assentando-o à sua mesa e tratando-o como irmão; e não consentiu que ele saísse mais do palácio onde ficou vivendo.

(Elvas)

[40]

A BICHA<sup>125</sup>

Era duma vez um homem que era viúvo e tinha uma filha chamada Mariquinhas que era muito bonita. O homem trabalhava no campo e a filha ia todos os dias levar-lhe o jantar.

Um dia ela foi mais cedo a levar-lho e o homem tinha encontrado um cacho de uvas no campo e não era tempo de uvas e deu o cacho de uvas à filha. A filha não o quis comer e arrecadou-o. O pai pensava que ela que o tinha comido mas ela tinha-o metido dentro duma gaveta e, a poder de tempo, esqueceu-se que tinha ali o cacho. Uma vez lembrou-se e foi abrir a gaveta para ver o cacho e encontrou uma bicha pequenina ainda. Deixou-a crescer, não a quis matar. Já estava tão grande que não cabia na gaveta e meteu-a no pote do vinho e todos os dias lhe ia levar de comer.

<sup>125</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (5, Mai) 1903, pp. 72-73. S: *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 97-100. S coloca a seguir a este conto o C45: "O Zé Estragado".

O pai um dia disse que já era tempo de se fazer o vinho e que fosse a filha arranjar o pote. Ela foi a chorar para o pé da bicha logo que o pai saiu e a bicha disse que não se ralasse, que ela que se ia embora; mas que antes disso lhe havia de meter as mãos na boca e que em se vendo nalguma aflicção que chamasse pela bicha. Ela meteu-lhe as mãos na boca e foi-se lavar e começou logo a água a transformar-se em sumo.

Um dia disse ela para o pai que convidasse as primas e a família toda para irem lá jantar. O pai disse-lhe que sim e a família foi lá jantar. Quando se iam a assentar<sup>126</sup> à mesa, disse a Mariquinhas que era costume lavarem-se as mãos antes de jantar. Todos as foram lavar, deixando a água muito preta; foi a Mariquinhas a lavar-se e transformou-se logo a água em ouro. As primas ficaram todas muito contentes. Já todas queriam também fazer ouro.

Depois do jantar puseram-se à janela e ia passando pela rua o criado do rei, que comprava ouro, e a Mariquinhas, que já tinha muito ouro, chamou o homem e vendeu-o, mas faltava ainda algum para o peso; e foi buscar uma bacia, lavou-se e fez o ouro que faltava. O criado do rei ficou todo admirado e foi contar o caso ao rei.

O rei quis conhecer a menina e foi com o criado; este subiu e o rei ficou na rua, pois tinha entregado uma carta ao criado para entregar à menina. Esta leu a carta e mandou a resposta. E o rei quis casar com a Mariquinhas e foi pedi-la. As primas tinham muita inveja.

Depois de tratado o casamento e depois da noiva estar muito bem vestida, as primas tiraram-lhe os olhos e a mais feia delas é que foi casar com o rei e levou arrecadados os olhos da Mariquinhas. O rei não gostava dela e começou-lhe a perguntar quando era que fazia ouro. "É para a lua nova", respondeu ela. Chegou a lua nova e perguntou-lhe quando fazia ouro. "É para o quarto crescente." Chegou o quarto crescente e tornou-lhe a perguntar. E ela disse: "Ainda não é agora, é para o quarto minguante."

<sup>126</sup> a assentar] ássentar *P*, assentar *S*

A Mariquinhas estava sem olhos mas não se lembrava da bicha, até que um dia lá se lembrou dela, chamou pela bicha e ela apareceu-lhe logo e esteve contando à bicha o que lhe tinha acontecido. A bicha disse-lhe que ainda ela havia de casar com o rei. "Eu agora faço-me num homem, disse a bicha, bato três vezes com esta varinha de condão nesta árvore para aparecer cheia de peras." E apareceu cheia de peras. Colheu-as e foi vendê-las.

Chegou lá ao palácio e perguntaram-lhe por quanto vendia as peras. Ele disse que não as vendia, que as dava em troca de olhos. Foram tirar os olhos ao gato e deram-nos ao homem. Ele foi para casa e disse: "Mariquinhas, ainda aqui não trago os teus olhos porque a tua prima foi tirar os olhos ao gato e deu-mos."

Pediu outra vez à árvore maçãs e foi vender maçãs. Tornou lá a chegar ao palácio e perguntaram-lhe por quanto vendia as maçãs. Ele disse o mesmo, que as dava em troca de olhos. Deram-lhe os olhos de Mariquinhas. Ele foi muito contente para casa e pôe os olhos à Mariquinhas e com a varinha de condão fez construir uma casa em frente do palácio do rei e ainda mais bonita<sup>127</sup> que o palácio, casa para onde foi viver a Mariquinhas e o homem, isto é, a bicha, o criado dela.

O rei ficou admirado daquela casa tão bonita e perguntou ao criado da Mariquinhas se podia lá ir uma tarde. O criado disse que sim e o rei foi. A menina andou-lhe mostrando as casas todas e depois convidou o rei para jantar. O rei aceitou o convite e foram ambos lavar as mãos e a Mariquinhas transformou a água em ouro. Ele ficou admirado e a Mariquinhas esteve-lhe contando tudo que lhe tinham feito. O rei foi para o palácio, matou todos os que lá estavam e veio casar com a Mariquinhas e no dia do casamento desapareceu o criado da Mariquinhas e ninguém mais o viu.

(Elvas)

<sup>127</sup> bonita] bonito *P e S*

[41]

O ALVENÉU<sup>128</sup>

Era uma vez um alvenéu que andava sempre a cantar:

"Trá-la-ri-ló-lé,

Meu bem!

Quem nasceu para dez réis,

Nunca chegou a vintém".

Uma vez andava o rei à caça e ouviu a cantiga do homem e mandou-o ir ao palácio. O homem foi e o rei, levando-o a uma casa onde havia muito dinheiro, mandou-o carregar de tudo quanto ele quisesse. Ele assim fez. Depois desapareceu-lhe o dinheiro de casa sem saber como isso tinha sido.

Foi outra vez para o campo a cantar a mesma cantiga. Veio o rei e mandou-o novamente ir ao palácio e de lá trouxe todo o dinheiro que quis. Tornou-lhe outra vez a desaparecer o dinheiro de casa.

À terceira vez que veio do palácio, ia a entrar em casa e morreu. E vai o rei, nesse mesmo dia, encontrou no seu caminho um escreitinho que dizia:

"Eu a fazê-lo pobre,

Tu a fazê-lo rico,

Aí o tens morto,

Agora ressuscita-o".

(Elvas)

<sup>128</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (5, Mai) 1903, pp. 73-74. S: *Contos...* op. cit., Elvas, 1919, pp. 93-95. S coloca este conto após o C37: "O lavrador".



[42]

OS DOIS COMPADRES<sup>129</sup>

Era duma vez dois compadres, um era muito rico e o outro muito pobre e este, querendo apanhar dinheiro ao rico, disse para a mulher: "Olha, tu compras uma perdiz, eu vou à caça com o compadre e levo de cá um dos coelhos que aí temos e lá na caçada dou-lhe um recado para ele te vir cá trazer, que é para tu cozinhares a perdiz; e depois o compadre há-de querer comprar-me o coelho e eu peço muito dinheiro por ele."

Assim foi; lá na caçada disse para o coelho: "Olha, tu vai lá à<sup>130</sup> minha mulher e diz-lhe que arranje uma perdiz guisada e que faça conta com o nosso compadre." Deu um sopapo no coelho e o coelho bateu a fugir.

O compadre já estava ansioso de vir para casa a ver se o coelho tinha dado o recado. Chegaram cá e diz o homem para a mulher: "Então já tens a perdiz guisada? O nosso coelhinho trouxe cá o recado?" "Pois não havia de trazer! A perdiz-está pronta e fiz conta com o nosso compadre." Diz o compadre que era rico: "Compadre, venda-me o seu coelho." "Isso é que eu não vendo, que ele faz-me os meus mandadinhos todos." "Compadre, venda-me o coelho, que eu dou-lhe muito dinheiro por ele."

Vendeu-lhe o coelho, já se sabe, um daqueles que tinha na coelheira. A primeira vez que o compadre rico mandou o coelho a um recado nunca mais lhe apareceu.

Quando se ia acabando o dinheiro ao compadre pobre, disse este para a mulher: "Temos de ver se arranjamós outra marosca para apanharmos bagos ao nosso compadre. Olha, tu arranjas a burra velha, eu junto-lhe dinheiro com a ração e depois dizemos que ela faz muito dinheiro e que já somos muito ricos." Assim foi. Um dia, na caçada, o compadre rico reparou que a burra fazia dinheiro. "Compadre, vendá-me a burra." "Isso não vendo eu, que já estou muito rico e quando preciso de dinheiro ela é

<sup>129</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (5, Mai) 1903, pp. 74-75. S: *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 103-107.

<sup>130</sup> à] a P e S

que mo dá. Não vendo. E não se lembra do coelho? Vendi-lho por uma bagatela e deixou-o logo fugir!" "Compadre, venda-me a burra." Tanto teimou que ele vendeu-lha e por muito dinheiro.

Foi o compadre rico para casa, esteve arranjando a cavalaria e deitou uma boa ração à burra. Mas a burra não fazia dinheiro. Passados dias foi ter com o compadre: "Vossê enganou-me com a burra." "Eu é que sou um grande tolo em lhe vender as coisas; não sabe tratar com elas e depois diz que o engano. É boa!"

Ia-se outra vez acabando o dinheiro ao homem e diz para a mulher: "Olha, tu arranjas um papo de Perú e mete-lhe dentro as tripas do mesmo Perú e põe o papo à cintura debaixo do avental e eu dou-te uma navalhada, no papo, está bem de ver, e tu caís logo morta e com as tripas de fora; toco depois numa gaitinha que vou comprar e tu levantas-te logo ao som da gaitinha."

Convidou o compadre para ir à caça. "Ó mulher, arranja aí o alforge, num instante." "Não basta ser todos os dias esta seca, senão num instante." "Cala-te, cala-te, mulher, não me respingues." "E ainda me hei-de calar? Pois não quero." Arma-se uma grande briga e ele deu-lhe a navalhada. As tripas saltaram logo e a mulher caiu redondamente. O compadre ficou todo aflito: "Oh compadre! o que você fez! matou sua mulher." "Não tem dúvida, tenho aqui uma gaita que dá vida a mortos." Começou a tocar a gaitinha e a mulher levantou-se logo. Pôs-se logo o compadre rico a dizer: "Compadre, venda-me a gaita." "Qual vender nem qual diabo!" E tudo era lembrar-lhe o coelho e mais a burra. Por fim vendeu a gaitinha.

Foi o compadre rico para casa, armou uma grande briga com a sua mulher e desata-lhe uma navalhada na barriga. A mulher caiu logo morta e ele pôs-se a tocar a gaitinha, mas a mulher não se mexia. Veio a justiça. Ele pôs-se a contar o sucedido com o compadre pobre e levaram este preso.

No caminho os guardas quiseram descansar, amarraram o

preso a uma árvore e deitaram-se a dormir a sesta. Veio um pastor com uns carneiros e esteve-lhe a perguntar o que era. "Ora, querem por força que eu case com a princesa, mas eu não quero e digo que não quero e por isso me levam preso." Diz-lhe o pastor: "Anda, casa com a princesa, escusas de ir a morrer." E diz-lhe o homem: "Queres tu vir para o meu lugar que eu vou para o teu?" "Pois quero." E mudaram.

Depois o pastor amarrado à árvore começou a dizer: "Eu já quero, eu já quero." "Já queres o quê?" "Já quero casar com a princesa." "Ora essa! Explica lá o teu dito." E ele confessou tudo. "Bem, disse a justiça, solte-se lá o homem e que vá em paz." Ele marchou.

O outro ia muito satisfeito com os carneiros. Encontrou o compadre rico que lhe perguntou: "Então tu nunca foste preso?" "Eu não, pois se a minha gaita dá vida a mortos, como hei-de eu ser prêso?" "Então esses carneiros, quem tos deu?" "Ora, arranjei-os eu." "Mas como?" "Olha, anda comigo que eu te ensino como nascem carneiros."

Levou-o para o pé dum pego onde a água era muito funda e perguntou-lhe se queria um carneirinho ou um carneirão. Ele disse queria um carneirão. Pegou nele e diz:

"Cada mergulhinho  
Um carneirinho,  
Cada mergulhão  
Um carneirão."

E atirou com ele para dentro do pego e safou-se com o rebanho que foi vender logo na feira de S. Mateus.

(Elvas)

Era uma vez uma mulher que tinha um filho parvo e chamava-se Manuel e morava ao pé de outra mulher que tinha uma filha chamada Maria. O Manuel ia todas as manhãs visitar a Maria: "Adeus, sora Maria." "Adeus, sor Manel." "Minha rosa branca." "Meu fino papel." E ia-se embora o Manuel, sem dizer mais nada.

Um dia disse para a mãe que queria casar com a sora Maria e foi-lhe perguntar se queria casar com ele. Voltou o Manuel muito triste porque tinha levado cabaço. E a mãe disse-lhe: "Olha, diz-lhe palavrinhas doces." No outro dia foi: "Adeus, sora Maria." "Adeus, sor Manel." "Minha rosa branca." "Meu fino papel." "Olhe: açúcar, marmelada, abóbora, tudo palavrinhas doces." "Fora, estúpido!" E o Manuel veio ainda mais triste para casa.

E a mãe disse-lhe: "Não arranjaste nada, já vejo. Olha, diz-lhe palavrinhas assim cá de dentro." No outro dia foi: "Adeus, sora Maria." "Adeus, sor Manel." "Minha rosa branca." "Meu fino papel." "Olhe: bofe, coração, fígado, tripas, tudo palavrinhas cá de dentro." "Fora, bruto!" E o Manuel voltou muito triste para casa.

Diz-lhe a mãe: "Olha, amanhã vai à missa, por onde vires entrar muita gente entra tu também e faz o que vires fazer." Chegou à igreja e vendo toda a gente a meter as mãos na pia da água benta meteu as suas também e começou a revolver a água e disse: "Ah! já comeram as sopas e deixaram o caldo; pois que beba o caldo quem comeu as sopas." E foi-se ajoelhar atrás duma beata. A beata, de vez em quando, beijava o chão e ele beijava-o também. Atrás dele estavam uns rapazes que o picaram quando ia beijar outra vez o chão e ele mete a mão ao

<sup>131</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (S, Mai) 1903, pp. 75-77. S: *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 109-112. Este é o último conto da edição de 1919.



bolso, tira uma sovela e põe-se a picar a velha, dizendo: "Pica, que já cá picam."

Depois deram uma grande sova ao Manel que veio muito triste para casa; mas estava lá a Maria que lhe disse ter-se resolvido a casar com ele e ficou muito contente. E disse-lhe a mãe: "Temos de arranjar os bolos para o casamento; olha, pega neste saco de trigo e diz ao moleiro que tire de cada alqueire um selamim; não te esqueças." "Não esqueço," e foi dizendo, caminho adiante: "De cada alqueire um selamim; de cada alqueire um selamim."

Estavam ali uns homens a semear trigo e ele continuando: "De cada alqueire um selamim..." Os homens deram-lhe uma grande descompostura. "Então o que hei-de dizer?" perguntou o<sup>132</sup> Manel. "Deus queira que saia todo." E ele foi dizendo pelo caminho: "Deus queira que saia todo; Deus queira que saia todo."

Encontrou um homem com dois odres de azeite e um deles estava roto e o azeite ia-se entornando. E ele: "Deus queira que saia todo." O homem deu-lhe uma grande sova. "Então o que hei-de eu dizer?" "Deus queira que não saia nenhum." "Sim sr., cá vou dizendo: Deus queira que não saia nenhum; Deus queira que não saia nenhum."

Foi ter a um *atasqueiro* onde estavam dois homens que não se podiam dele tirar e ele: "Deus queira que não saia nenhum..." Um deles lá se pôde salvar e veio medi-lo a pontapés. "Então o que hei-de eu dizer?" "Quem tirou um que tire o outro." "Sim sr., cá vou dizendo: quem tirou um que tire o outro; quem tirou um que tire o outro."

Vinha um pobre homem sem um dos olhos, pela estrada. E o Manel: "Quem tirou um que tire o outro, quem tirou um que tire o outro..." Sova no caso. "Então que hei-de eu dizer?" "Não diga nada, vá calado até ao moinho."

Chegou lá, pôs o saco no chão, não disse nada e veio-se

<sup>132</sup> o] *om. P*

embora. Chegou a casa e diz-lhe a mãe: "Deste o recado ao moleiro?" "Eu não dei recado nem dei nada, levar é que levei muito, fiz de tambor por essa estrada fora e arrenego do casório."

(Elvas)

[44]

DONA VINTES<sup>133</sup>

Era uma vez um homem que tinha vinte filhas e a mais moça chamava-se Dona Vintes. O pai era mercador e, tendo de ir para uma terra muito longe, comprou um vestido cor-de-rosa a cada uma das filhas e disse-lhes que na sua ausência, visto que não tinham parentes, não abrissem a porta a ninguém e que os vestidos haviam de dizer-lhe como elas se portavam.

A casa tinha uma varanda que dava para o jardim do rei e no jardim havia uma craveira muito bonita. Uma vez estava a Dona Vintes na varanda e o príncipe, o filho do rei, que gostava muito dela, perguntou-lhe se queria um cravo da sua craveira e ela respondeu que não precisava dos seus cravos.

O príncipe tratou de ver a maneira como havia de apanhar a Dona Vintes. Disse para o criado que se vestisse de velha e ele meteu-se numa arca fechada por dentro e o criado, levando a arca à cabeça, bateu à porta da casa onde moravam as vinte filhas dizendo que era a avó delas. Apareceu a mais velha de todas e foi dizer à Dona Vintes que estava a avó à porta e ela respondeu: "Se não tinha ouvido o que o pai tinha dito, que não tinham parentes nenhuns." A velha, como a não deixavam entrar, pediu que lhe deixassem ao menos ficar a arca e que viria quando o pai voltasse da viagem. Disseram-lhe que sim e ficou a arca em casa.

<sup>133</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (5, Mai) 1903, pp. 77-78.

A Dona Vintes era sempre a última a deitar-se, por ser a menos preguiçosa das suas irmãs, e antes de se deitar contava-as a todas; mas nessa noite, contando-se a si, contou vinte uma. Levantou-se muito cedo e foi pôr-se ao pé duma janela que dava para o jardim do rei. Quando o príncipe se levantou, viu a Dona Vintes ao pé da janela: "Dona Vintes, por aqui?" "Mais de admirar é Vossa Alteza, e veja o que vai no seu jardim."

Foi-se o príncipe a assomar e ela pegou-lhe pelas pernas e atirou-o para o jardim. O príncipe ficou muito doente. Passados tempos as irmãs de D. Vintes apeteçeram comer peras do jardim do rei. D. Vintes fez umas escadas de corda, desceu por elas e colheu 19 peras e o príncipe que estava escondido para ver se a podia apanhar, quando ela ia a subir, pegou-lhe pelo tacão de um sapato e ela, assim que se sentiu presa, largou o sapato e subiu mais que depressa.

Doutra vez as irmãs apeteçeram laranjas do jardim do rei e D. Vintes foi buscá-las e, ao subir pela escada de corda, o príncipe pegou-lhe na saia e ela rasgou esse pedaço da saia e subiu mais que depressa.

Doutra vez as irmãs apeteçeram maçãs do jardim do rei e o príncipe pegou-lhe pela trança do cabelo e ela cortou a trança e fugiu com as maçãs. As irmãs adoeceram todas e Dona Vintes disse ao príncipe que tinha de ir buscar galinhas ao galinheiro do rei e ele disse-lhe que sim. Queria o príncipe que ela entrasse primeiro no galinheiro mas ela fê-lo entrar a ele. Trouxe as galinhas e deixou o príncipe fechado no galinheiro. Depois cada uma das irmãs teve uma criança e D. Vintes meteu todas as crianças na mesma arca em que tinha ido o príncipe, que ao tempo estava doente, pôs a arca à cabeça e foi apregoar junto do palácio do rei:

"Quem quer comprar estas flores

Para o príncipe que 'stá mal d'amores?"

Uma das criadas do palácio, assim que ouviu o pregão, foi chamar a rainha e a rainha mandou chamar a pregoeira para ver

as flores. Dona Vintes pôs-se à procura da chave da arca, mas não lhe apareceu e pediu que lhe deixassem ficar ali a arca. Depois chegou o pai de D. Vintes e pediu que lhe mostrassem os vestidos cor-de-rosa e D. Vintes foi buscar o seu vestido e mostrou ao pai vinte vezes o mesmo vestido e o pai ficou muito contente.

O príncipe, assim que soube que tinha chegado o pai da Dona Vintes, foi pedi-la e o pai disse que era impossível um príncipe casar com uma rapariga pobre. O príncipe teimou e o pai deixou casar a filha e ela mandou fazer uma boneca de alcorce e à noite deitou-a na cama, no lugar dela, e meteu-se debaixo da cama. O príncipe, com um cutelo na mão para a matar, pôs-se-lhe a dizer se não se lembrava do que lhe tinha feito e ela puxava por um cordel para a boneca dizer que sim com a cabeça; se não se lembrava quando o metera no galinheiro e a boneca disse que sim e, assim que ela disse sim, ele matou-a e saltou-lhe um bocado de alcorce para a boca e ele abraçou-se à boneca, dizendo:

"Dona Vintes, Dona Vintes,  
Tão doce na morte,  
Tão amarga na vida,  
Quem tal crime fez  
Merece já morrer."

E ia-se também matar quando a Dona Vintes lhe salta debaixo da cama.

Seja Deus louvado,  
Que é meu conto acabado.

(Elvas)



[45]

O ZÉ ESTRAGADO<sup>134</sup>

Era de uma vez um rei e uma rainha que não tinham filhos e viviam muito desgostosos por isso e um dia a rainha pediu aos céus que tivesse um filho ou por Deus ou pelo Diabo. E teve uma filha pelo Diabo.

Quando a filha chegou aos 18 anos teve uma doença de morte e antes de morrer pediu ao pai que lhe mandasse sempre guardar a sepultura por uma sentinela, todas as noites. O rei, que era o pai, assim lho prometeu e assim ó cumpriu; mas de cada noite ela comia uma sentinela e iam assim sendo dizimados os soldados do rei.

Um dia pertenceu a ir de sentinela um soldado a quem chamavam o Estragado mas este resolveu desertar e<sup>135</sup> não ir de guarda à sepultura que era na igreja principal. Ia a caminho da deserção quando encontrou um pobrezinho que era Nosso Senhor e que lhe disse que fosse a guardar a sepultura da menina que ela que o não comia, e que se pusesse ele detrás do altar-mor que aí não lhe sucedia perigo. Ele assim fez.

A meia-noite saiu a princesa da sepultura e disse: "Sentinela, aparece! Sentinela, aparece! Ai! que meu pai já não me faz o que me prometeu!" E assim esteve a bradar até à uma hora em que recolheu à sepultura. O soldado, de manhã cedo, saiu para o quartel e foi grande a admiração da soldadesca por não ter sido comido o Zé Estragado.

De tarde o mesmo soldado foi a passear e encontrou o mesmo pobrezinho que lhe disse que se pusesse na pia da água benta quando lhe tocasse outra vez a ir de sentinela à menina. Quando lhe tocou a vez, ele assim fez.

A meia-noite saiu a princesa da sepultura a dizer: "Soldado,

<sup>134</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (5, Mai) 1903, pp. 78-79. S: *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 101-102. S coloca este conto após o C40: "A bicha".

<sup>135</sup> e] a P e S

aparece! Soldado, aparece!" E andava pela igreja em altos brados e, quando duma vez chegou a princesa perto da pia da água benta, o Zé Estragado começa a lançar-lhe para cima água da pia e ela, a princesa, transforma-se logo no próprio Diabo e lança a correr, a correr pela igreja, até que se sumiu pelo buraco da fechadura da porta grande.

Seja Deus louvado,  
Está o meu conto acabado.

(Elvas)

[46]  
O LADRÃO<sup>136</sup>

Era duma vez um homem que tinha três filhas, foi fazer uma viagem e disse às filhas que não abrissem a porta a ninguém.

Foi lá um ladrão vestido de velha. As duas mais velhas queriam abrir a porta mas a mais moça não queria, lembrando-se da recomendação do pai. A velha tanto teimou que as raparigas mais velhas sempre abriram a porta. Entrou a velha e sentou-se à chaminé. Deram-lhe de cear e depois de ter ceado disse a velhinha: "Em paga de tão boa ceia há-de cada uma das menina comer um figuinho". Eram três figos de sono. As duas mais velhas comeram-nos e a mais moça fingiu que comia. As irmãs, como já estavam com muito sono, foram-se deitar. Ela, como viu que as irmãs já se tinham ido deitar, foi também deitar-se mas deitou-se mesmo vestida e fingiu que dormia.

Depois sentiu passos e o ladrão já estava a emalar tudo e acendeu uma mão de finado e foi com ela à cama das duas irmãs deitar-lhes pingos na cara. Quando o ladrão vinha a descer as escadas para apitar aos outros ladrões, a mais moça levantou-

<sup>136</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (9, Set) 1903, pp. 140-141.

-se, foi a correr atrás dele e fechou-lhe a porta da rua. E ele disse-lhe de lá: "Abre-me a porta". E ela: "Não abro". E ele: "Então dá-me a mão de finado". E ela: "Diz-me primeiro com que a hei-de apagar e mete a mão por baixo da porta". E o ladrão disse: "Apaga-a com vinagre!". Ela assim fez. E o ladrão meteu a mão por baixo da porta e ela cortou-lhe a mão com um machado. E as irmãs não deram por cousa nenhuma.

Passados tempos veio o pai e perguntou se tinham aberto a porta a alguém. Disseram-lhe que não. Depois um dia o ladrão pôs uma mão de ferro, calçou umas luvas brancas e foi a casa do homem pedir uma das filhas para casar com ele. A mais moça disse logo que não queria porque conheceu o ladrão. A mais velha quis. Casaram e quando iam para casa o ladrão descalçou a luva e mostrou-lhe a mão de ferro e disse-lhe que não era a ela que ele queria apanhar, era sim à sua irmã mais moça que o tinha feito maneta.

Levou-a para um palácio, entregou-lhe as chaves e disse-lhe: "Abre todas as portas, excepto aquela". Mas antes disto pôs-lhe um cordão ao pescoço e meteu-lhe nos dedos muitos anéis. Ela assim que ele saiu, a primeira porta que abriu foi aquela e mudou-se logo o cordão em sangue. O ladrão veio e assim que viu o cordão disse: "Abriste a porta!" e matou-a logo.

Depois foi ter com o pai e pediu a segunda filha, visto a primeira ter morrido. Com a segunda filha sucedeu o mesmo. Foi pedir a terceira filha. Ela a princípio não queria mas depois cedeu. Casaram e já no palácio o ladrão disse o mesmo à nova mulher: "Que abrisse todas as portas menos a tal"; e lançou-lhe o cordão ao pescoço e pôs-lhe os anéis nos dedos.

Ela, assim que ele saiu, tirou o cordão e foi abrir a porta. Viu lá muitos doentes e entre eles um príncipe; esteve tratando de todos e depois, às horas de vir o seu homem, pôs o cordão e o homem, que não viu o cordão ensanguentado, julgou que ela não tinha aberto a porta e ficou muito contente.

Estava lá, entre os doentes, o tal príncipe e ela, com o andar dos tempos, pô-lo bom de todo e agradou-se muito dele e ele



dela, até que um dia ajustaram fugir daquele palácio os dois. Mas o príncipe disse à rapariga que recolhesse em dois sacos algumas pedras e alguma areia. Ela assim fez e numa manhã fugiram em dois cavalos que foram buscar à cavalaria do palácio. Já iam a grande distância quando viram vir um gigante, que era o ladrão, montado num cavalo branco a correr a toda a brida; e vai o príncipe diz para a rapariga que despejasse o saco da areia e fez-se logo uma grande montanha de areia entre eles e o gigante.

Mas ao fim dalgumas horas de caminho lá aparece outra vez o gigante no cavalo branco a descer a montanha a galope; e diz o príncipe para a rapariga: "Despeja o saco das pedras!" e fez-se logo uma grande montanha de penhas entre eles e o gigante e nunca mais o viram.

Chegados ao palácio do príncipe casaram e tiveram muitos filhos e ainda faz quarta-feira três semanas que eu lá fui tomar chá.

(Elvas)

[47]

O PIOLHO<sup>137</sup>

Era uma vez um rei que tinha uma filha e o pai disse para a filha: "Cata-me aqui um bocadinho." E ela disse: "Os reis não têm piolhos". Mas sempre o catou e lá encontrou um e disse: "Piolho de rei não se mata".

Meteu o piolho numa gaiola e ele foi crescendo, crescendo, e já estava dum grande tamanho e o rei disse que se tinha de matar o piolho e a filha disse que dos ossos se havia de fazer uma cadeirinha para ela subir para a cama e uma escada para o pai subir para o trono; e quem adivinhasse de que era feita a ca-

<sup>137</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (9, Set) 1903, p. 142.



deira e mais a escada, que havia de casar com ela. O pai disse que sim e mandou deitar um pregão para toda a gente que adivinhasse ir lá ao palácio.

Uma vez estava a princesa com uma das aias à janela e estava dizendo para a aia: "Ora quem será capaz de adivinhar que dos ossos dum piolho se fez uma cadeira e uma escada?" Ia passando por debaixo da janela um velho. Ouviu e correu logo para palácio. Perguntaram-lhe de que era feita a cadeira e a escada e ele respondeu a tudo. Depois o pai não queria que a princesa casasse com o velho, mas ela quis, para cumprir a sua palavra. Casou e depois foi a correr mundo com o velho.

Já ia farta do velho e chegou lá a um poço e disse-lhe: "Olha, vê lá que bonito é este poço." Ele foi a olhar e ela deitou-o para dentro do poço e pôs-se a dizer de cima: "Já estou livre do espírito de pobre." E o eco respondeu e ela imaginava que era o velho que lhe falava lá de baixo. Depois disse: "Ainda não estou livre; vou-me a fingir muda."

Foi lá para umas montanhas. De uma vez veio o rei à caça. Esteve-lhe falando, perguntando quem era o pai, quem era a mãe e ela não lhe respondia. E o rei disse: "Já sei que és muda; agora levo-te para palácio. No fim de sete anos, se falares caso contigo, se não falares não caso." Passaram os 7 anos e ela ainda não tinha falado.

O rei casou com outra e era permitido a toda a gente fazer um doce para o casamento do rei. A muda fez também o doce e disse: "Já estou livre do espírito de pobre." Como viu que não lhe respondeu ninguém (já não ouvia o eco), disse: "Já estou livre, já estou." Vestiu-se ainda mais bonita que a noiva e pôs-se à porta do palácio à esperar os noivos. Assim que a rainha chegou disse para a que se fazia muda:

"Menina das montanhas!

Que fato, que danhas?"

Respondendo a que se fazia muda:

"Que senhora tão assanhada,

Assim que chega logo fala;

Há sete anos estou eu aqui  
E só hoje minha boca abri."

Depois o rei mandou a rainha embora para a sua terra e casou com a princesa que se fazia muda.

Está o meu conto dito,  
Seja Deus bendito.

(Elvas)

[48]

A PREGUIÇOSA<sup>138</sup>

Era duma vez uma mulher e tinha uma filha que era muito preguiçosa, não queria fazer nada, ou antes, só queria fazer papas e comê-las. A mãe zangava-se muito com ela e batia-lhe, mas era o mesmo que nada, não queria trabalhar.

Defronte havia uma estalagem e a dona era muito amiga da mãe da rapariga e às vezes dizia a esta que não fosse preguiçosa, mas a rapariga não fazia caso. Costumava ir para a estalagem um negociante que começou a reparar que a vizinha batia muito na rapariga e perguntou à dona da estalagem porque era aquilo. E ela disse-lhe: "Porque trabalha muito, porque não quer senão estar a fiar e a mãe não quer que ela trabalhe tanto porque é muito fraca."

O homem ficou muito indignado e disse que se a rapariga quisesse casar com ele que a livrava daquele martírio; que ia fazer uma viagem e que a incumbia de lhe falar a semelhante respeito e lhe daria a resposta quando ele voltasse.

Assim que ele marchou foi dizer à rapariga que o hóspede queria casar com ela e a rapariga disse que sim, que casava. Quando veio o hóspede perguntou se já tinha falado à rapariga e

<sup>138</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (9, Set) 1903, pp. 142-143.

o que tinha dito. "Que não se lhe dava de casar mas que não queria sair da terra." E ele disse que estava bem pois ia fixar a sua residência ali; que ia fazer outra viagem e quando voltasse se fazia o casamento.

Quando voltou, arranjou uma casa, mobilou-a e um dos quartos guarneceu-o todo de estrigas de linho, fechou-o e guardou a<sup>139</sup> chave. No dia do casamento foi mostrar a casa e quando abriu a porta daquele quarto disse para a mulher que ali tinha para se entreter mas que não queria que o fiasse todo.

Dai a dias teve que ir fazer uma viagem e quando se despediu da mulher disse que não queria que fiasse muito. E ela quando viu que eram vésperas de o marido voltar foi buscar uma estriga de linho para ver se podia fiar, mas era coisa que não sabia. Pôs o linho na roca e foi fazer uma tachada de papas, trouxe-a para o meio da casa, sentou-se no chão, mergulhou a roca nas papas e começou a lambê-las e a dizer: "Isto assim poderá ser que se fie bem". E foi a querer rodar o fuso mas não sabia.

Defronte, na dita estalagem, estava um hóspede, homem muito rico e casualmente viu aquele ensaio. Chamou a estalajadeira que lhe explicasse o que era aquilo. A estalajadeira explicou-lhe e o homem disse que queria lá ir e foi com a estalajadeira. Esteve falando com a mulher que lhe explicou a sua aflição, porque tinha uma casa cheia de linho e não sabia como havia de fiar algum antes que o marido viesse.

O homem disse à estalajadeira que mandasse ver quem fiava linho na terra para se fiar todo. Foi ela logo e mandou uma porção para cada lado, de maneira que, quando o negociante veio estava o linho todo fiado e posto nos seus lugares, Mas depois a vizinha e a mãe lembraram-se de que ele compraria outra porção igual àquela e ficaria ela nas mesmas dificuldades; por isso, no dia em que o marido veio, mandaram-na meter na cama, cingiram-na toda de nozes e disseram-lhe que quando ele

<sup>139</sup> a] á P

viesses e a fosse abraçar lhe dissesse: "Ai! não me toques, não me toques! que tenho os ossos todos desconjuntados!" E ele ficou todo aflito e disse: "Queres apostar que fiaste muito?" E ela muito lastimosa respondeu: "Vai lá ver, vai lá ver!" Ele foi, viu tudo fiado, ficou muito zangado e ralhou com ela pois não queria que fiasse uma brutalidade daquelas! E disse à vizinha que fosse chamar um médico para a tratar e que explicasse ao médico o que tinha sido, para ele saber. Veio o médico e disse que a doente precisava de muito sossego e de não trabalhar mais, se o marido queria ter mulher.

E seja Deus louvado,  
Está o meu conto acabado.

(Elvas)

[49]

#### O PRÍNCIPE PORQUINHO<sup>140</sup>

Era duma vez um rei e uma rainha e a rainha teve um filho, mas do feitio dum porquinho e ficaram os pais muito desgostosos. Mandaram-no criar fora do palácio, às escondidas, e a fim de tempos o príncipe porquinho casou com a filha dum alfaiate e esta, uma noite, quando o príncipe porquinho dormia, tirou-lhe a pele e lançou-a numa fogueira. E diz-lhe o príncipe porquinho:

"Agora se me quiseses ver,  
Sapatos de ferro hás-de romper."

E desapareceu.

E ela mandou fazer uns sapatinhos de ferro e foi a correr mundo em procura do príncipe. Um dia ela chegou a casa da Lua e perguntou-lhe pelo príncipe porquinho. A Lua disse que quem sabia dele era o Vento e que fosse da parte dela ter com o

<sup>140</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (9, Set) 1903, pp. 143-144.



Vento e para sinal deu-lhe uma noz que tinha dentro uma roca de oiro. Ela foi a casa do Vento e o Vento disse-lhe que quem sabia do príncipe porquinho era o Sol, que fosse da parte dele ter com o Sol, e para sinal deu-lhe uma castanha que tinha dentro uma galinha com pintos de oiro. Ela foi a casa do Sol e o Sol disse-lhe onde estava o príncipe porquinho e ensinou-lhe o caminho do palácio onde ele estava e deu-lhe uma bo/eta que tinha dentro uma dobadoira de oiro.

Ela chegou defronte do palácio e pôs-se a trabalhar com a dobadoira. As criadas do palácio foram dizer à rainha que estava ali uma menina a dobar oiro fino numa dobadoira de oiro. A rainha mandou-lhe a dizer se queria vender a dobadoira e ela disse: "Dou-a de graça se me deixarem ir ao quarto do príncipe." E tirou os pintainhos de oiro da cesta e pôs-se-lhes a dar de comer. As criadas foram dizer à rainha. A rainha quis comprar os pintainhos e ela: "Dou-os de graça com a dobadoira se me deixarem ir ao quarto do príncipe." E tirou a noz e pôs-se a fiar na roca<sup>141</sup> de oiro. A rainha quis comprar tudo, dobadoira, roca, galinhas e pintos e ela disse: "Dou tudo, tudo, de graça, se me deixarem ir ao quarto do príncipe."

A rainha, a poder de tanto, disse que sim e ela foi. Entrou no quarto e a poder de muitas lágrimas e de muitos pedidos fez as pazes com o príncipe que já não era um príncipe porquinho mas um príncipe de verdade; e viveram muito felizes.

(Elvas)

<sup>141</sup> roca] rouca P

[50]

O MOUCO<sup>142</sup>

Era duma vez um homem que era mouco, estava numa herdade e, vendo vir outro homem, disse: "Além vem um homem que me há-de perguntar donde eu sou e eu digo-lhe: 'De Barcelos'. Há-de-me perguntar por onde é o caminho e eu digo-lhe: 'Além por aqueles outeiros abaixo'. Há-de-me perguntar que fundura tem este poço e eu digo-lhe: 'Este pau até ao nó.'"

Chegou o homem e disse: "Guarde-o Deus, camarada." "De Barcelos", disse o mouco. "Não lhe digo isso, digo-lhe que o guarde Deus." "Além por aqueles oiteiros abaixo." "Olhe que lhe meto este pau pela boca." "Este pau até ao nó." O homem, zangado com as respostas, deitou a bater no mouco e deixou-o como um S. Lázaro.

(Elvas)

[51]

OS SETE VEADOS<sup>143</sup>

Era duma vez um homem e uma mulher que tinham sete filhos e ao fim de tempos deu-lhes Nosso Senhor uma filha e os sete rapazes ficaram indignados pelo nascimento da irmã e a ponto de abalarem de casa e irem a correr mundo.

A filha foi crescendo, crescendo, e um dia a mãe, zangando-se com ela, disse-lhe: "Por tua causa andam sete moços como sete pérolas por esse mundo passando trabalhos." A filha pediu à mãe que lhe dissesse o que queriam dizer aquelas palavras e ela contou-lhe o que se tinha passado; e disse a filha: "Pois vou eu em procura dos meus irmãos."

<sup>142</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (10, Out) 1903, p. 160.

<sup>143</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (11, Nov) 1903, pp. 172-173.

Os pais não a queriam deixar ir; mas ela disse que queria ir também passar os trabalhos que os seus sete irmãos estavam passando por sua causa e, pedindo a bênção aos pais, pôs-se a caminho. Foi andando, andando; era quase noite e encontrou uns casarões velhos onde se recolheu e, como era cuidadosa, pôs-se a arranjar as casas, a fazer as camas e a pôr tudo na ordem. Nisto sentiu rumor e, vendo entrar sete homens muito mal trajados, teve um grande susto e escondeu-se.

Os homens ao repararem no arranjo da casa, admiraram-se e procurando quem tinha sido a arranjadeira, encontraram a rapariga toda a tremer, anichada a um canto. Meteram-na em confissão e ela contou tudo e então conheceram os homens que estavam em frente da sua irmã e começaram a tratá-la mal, excepto o irmão mais novo que, ao ouvir-lhe dizer que queria passar trabalhos juntamente com eles, teve muito dó e pediu aos irmãos que a consentissem na sua companhia. Os irmãos cederam mas de má vontade e com a condição de lhes servir de criada e de todas as noites, ao voltarem das rusgas, lavar os pés a todos; e recomendaram muito à irmã que nunca fosse buscar água a uma fonte que estava ao lado dos casarões e que tomasse nisto muito sentido. A irmã assim o prometeu.

Ora a razão porque os homens não queriam utilizar-se da água dessa fonte era porque, quando eles saíram de casa dos pais, arvoraram-se numa companhia de ladrões e, entre muitos roubos e assassinatos que fizeram, roubaram e mataram um gigante que vivia naqueles casarões; e no sítio em que o gigante foi morto e em que se espalhou o sangue, apareceu a fonte, a tal de que não queriam servir-se. Todas as noites a rapariga lavava os pés aos irmãos quando eles recolhiam e lavava-lhos com água quente; mas duma vez quis pôr a água ao lume e conheceu que não a havia no pote e ficou aflita, mas disse consigo: "Ora vou buscá-la ali à fonte, eles não sabem se lhes lavo os pés com essa água ou com outra." Foi buscá-la e pôs a água ao lume.

Vieram os irmãos e, antes de cearem, a irmã foi lavar-lhes os pés, começando pelo mais velho. E assim que ela começou a

lavar-lhos, transforma-se o homem num veado e abalou. Os outros perguntaram logo onde fora ela buscar a água e ela confessou. Zangaram-se muito, ela ficou toda aterrada e os irmãos, que quiseram todos correr a sorte do mais velho, obrigaram-na a lavar-lhes os pés na mesma água. Ela obedeceu a chorar, lavando os pés aos cinco irmãos mais velhos que se transformaram logo em veados e desapareceram; e ao irmão mais novo não queria de modo nenhum lavar-lhos, mas ele tanto teimou, tanto, que não teve mais remédio senão lavar-lhos também e, transformando-se logo em veado, desapareceu como os outros. E aqui ficou a pobre rapariga sozinha com a sua grande desgraça e pensou em matar-se. Levou a noite inteira a chorar e a lamentar-se; mas de manhãzinha apareceu-lhe o irmão mais novo, transformado em veado, e esteve-a acariciando, mostrando ter muito dó dela; e todos os dias vinha o veadinho trazer-lhe de comer.

Passaram tempos e um dia apareceu por ali um príncipe à caça e, vendo a menina, agradou-se muito dela porque era muito bonita e ela agradou-se do príncipe; e todas as tardes o príncipe ia ter com a menina, até que por fim se dispôs a casar com ela e levou-a para o palácio. Ela tinha contado tudo ao irmão mais novo que levou a bem o casamento e lhe disse que à boquinha de todas as noites iria ao jardim do palácio para a ver e para falar com ela.

Fez-se o casamento com grande pompa; mas as pessoas da corte não gostaram que o príncipe fosse casar com uma aventureira e puseram-se a tramar contra a princesa; e logo que souberam que ela todos os dias, ao lusco-fusco, ia sozinha a certo ponto do jardim e aí se demorava a conversar com alguém, avisaram o príncipe de que lhe era falsa. O príncipe espreitou três vezes e conheceu que era certa a desconfiança dos fidalgos.

De combinação com o rei seu pai, resolveu o príncipe que morresse enforcada. Foi logo metida numa torre e no dia seguinte mandou o rei deitar pregão de que a princesa ia a enforcar. Reuniu-se muito povo de roda da força esperando a prince-



sa e quando esta chegou sentiu-se ao longe um grande estru-gido e o rei disse: "Esperem, esperem, que todos têm direito a gozar do espectáculo e vem além gente a todo o escape."

Esperaram e viram vir sete veados; saltou o primeiro sobre a forca e transformou-se logo num homem; saltaram mais cinco sobre a forca e em homens se mudaram; e o último veado, que era o mais pequeno, esse teve de saltar três vezes para se desencantar. A princesa gritou para os sete irmãos que a rodearam e tudo o irmão mais novo aclarou na presença de toda a corte e o motivo porque a irmã ia todos os dias ao jardim à hora do lusco-fusco.

Está o meu conto acabado,  
Seja Deus louvado.

(Elvas)

[52]

D. BUENOS<sup>144</sup>

Era uma vez uma menina muito bonita e essa menina pediu ao pai para ir ao jardim. O pai disse-lhe que não fosse porque era já tarde, mas ela teimou e foi. Ao depois perdeu-se no caminho e levou um dia e uma noite perdida. Viu uma luzinha lá muito longe e foi direita a ela.

Chegou a uns pardieiros onde viviam duas velhas: "Querem cá uma criadinha?" "Queremos." E ficou. No dia seguinte perguntou: "O que vou eu agora a fazer?" "Olha, vais agora ao campo a encher esta canastra de penas de passarinhos vivos." Ela foi com a canastra, sentou-se numa rocha e pôs-se a chorar.

Apareceu-lhe um príncipe e disse-lhe: "Então o que é isso menina?" "São duas mulheres que querem que eu encha esta canastra de penas de passarinhos vivos." "Isso arranja-se;"

<sup>144</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (11, Nov) 1903, pp. 173-174.

tocou uma buzina, vieram os criados do príncipe e passadas algumas horas encheu-se a canastra de penas de passarinhos vivos. E o príncipe disse à menina: "Olha, se as duas feiticeiras te disserem que foi o D. Buenos, diz-lhe assim:

"Diabos<sup>145</sup> levem a vocês,  
E os anjos levem a mim,  
Se eu já hoje vi D. Buenos.  
Ou D. Buenos viu a mim."

No outro dia as duas velhas disseram à rapariga que fosse ao campo com uma asada e que havia de trazê-la esfregada que parecesse oiro. Acudiu-lhe outra vez o príncipe e os criados esfregaram a asada que ficou como se fosse de oiro; e o príncipe disse à menina: "Olha que esta noite as tuas feiticeiras hão-de querer incendiar-te a cama, e tu não durmas; leva toda a noite aos ais." Pela noite adiante, as camas que apareceram incendiadas foram as das duas feiticeiras e elas morreram no brasido.

Pela manhãzinha apareceu o príncipe à menina e disse: "Olha, eu vou pedir ao meu pai para me deixar casar contigo, tu ficas aqui esperando assentada na rocha em que te vi da primeira vez que eu venho buscar-te para ires para o palácio." A menina desatou a chorar e a dizer: "Não me deixes aqui porque te vais esquecer de mim." "Que estás a dizer?" "Vais; logo que te deixes dormir em palácio esqueces-te de mim." O príncipe prometeu que não fecharia os olhos enquanto a não viesse buscar. Mas ao chegar a palácio deu-lhe um grande sono e dormiu. Esqueceu-se logo da pobre menina que se chamava Guiomar.

Passados tempos, havia três dias de torneio no palácio do rei e a Guiomar conseguiu entrar no jardim. No torneio havia uma vaquinha que não queria andar e o príncipe tudo era tocar-lhe para que se mexesse, até que uma menina do lado diz:

"Anda, anda, torneirinha,  
Não queiras mais atearmar,

<sup>145</sup> Diabos] Diabo P

*Abre-te, flor de lis!*

Não sejas como D. Buenos,  
Que se esqueceu de Guiomar."

O príncipe pôs as mãos na cabeça, lembrou-se da sua princesa, viu a menina e levou-a à presença do rei e da corte dizendo que ali estava a prenda do seu coração - e casou com ela.

Conto acabado,  
Dinheiro ganhado.

(Elvas)

[53]

ABRE-TE, FLOR DE LIS!<sup>146</sup>

Era duma vez dois compadres, um pobre e outro rico. O compadre pobre, um dia, foi ao campo e junto de umas pedras viu uns ladrões carregados de muitas riquezas e escondeu-se. E ouviu dizer a um deles: "Abre-te, flor de lis!" E viu uma das pedras abrir-se e entraram todos os ladrões pelo buraco e fechar-se depois a porta. Passado algum tempo abriu-se outra vez a pedra e saíram todos os ladrões, deixando lá as riquezas, e fechou-se a pedra à voz de um deles: "Fecha-te, flor de lis!"

Deixou-os afastar e quando já os não via chegou ele à pedra e disse: "Abre-te, flor de lis!" A pedra abriu-se, ele entrou pelo buraco e disse: "Fecha-te, flor de lis!" A pedra fechou-se e ele foi lá baixo e encontrou grandes riquezas. Encheu-se de todo o dinheiro que pôde carregar e, dando ordem à pedra para se abrir e depois para se fechar, veio para sua casa já feito um grande senhor.

Passados dias, contou tudo ao compadre rico e este pediu-lhe por tudo quanto havia que lhe dissesse onde era o sítio da pedra. O compadre disse-lhe e ele foi lá sozinho: "Abre-te, flor de lis!" e a pedra abriu-se; ele desceu e disse: "Fecha-te, flor de lis!" e a pedra fechou-se.

<sup>146</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (11, Nov) 1903, p. 174.

Foi lá baixo e encheu-se de riquezas, mas quando quis sair não se lembrou do nome da pedra e tudo era: "Abre-te, couve! Abre-te, coentro! Abre-te, alface!..." E a pedra, moita. Lá ficou; e depois vieram os ladrões, deram com ele e mataram-no.

(Elvas)

[54]

O PIROLITO<sup>147</sup>

Era duma vez uma mulher que tinha um filho e uma filha, ele era o Pirolito e ela a Pirolita; mandou os dois, um para a escola e o outro para a mestra e o que chegasse primeiro a casa ganhava um bocadinho de pão e queijo.

Chegou primeiro o Pirolito e disse-lhe ela: "Olha, põe além uma mesa, um alguidar debaixo e uma faca e põe-te em cima da mesa a dormir a sesta." Ele assim fez. Depois a mãe, quando o sentiu a dormir, matou-o e fez dele um guisado.

Veio a Pirolita. "Mãe, já veio o Pirolito?" Ainda não; toma lá um bocadinho de pão e queijo e vai levar o jantar a teu pai mas não espreites nem proves.

Ela chegou lá muito adiante e quis ver o que era o jantar; viu o Pirolito e começou a chorar. Chegou ali Nossa Senhora e perguntou-lhe porque chorava. Ela contou-lhe e Nossa Senhora disse: "Não chores; em teu pai estando a jantar há-de te chamar para comeres também, mas tu diz-lhe que não tens vontade e, depois dele jantar, reúne os ossinhos e deita-os para o rio."

Ela fez o que Nossa Senhora lhe disse; deitou os ossinhos para o rio e safu de lá o Pirolito todo cheio de laranjas e foram os dois irmãos para casa. Diz-lhe agora a mãe: "Pirolito, dás-me uma laranja?" "Não, que me mataste." Diz-lhe agora o pai: "Pirolito, dás-me uma laranja?" "Não, que me comeste."

<sup>147</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (11, Nov) 1903, pp. 174-175.



Diz-lhe agora a Pirolita: "Pirolito, dás-me uma laranja?" "Toma-as lá todas, que me salvaste."

A tua boca cheia de anjinhos  
E a minha de confeitinhos.

(Elvas)

[55]

GRI, ALERTA, LADRA,  
AUN QUE SEYA EL MISMO DIOS<sup>148</sup>

Era de uma vez um homem que estava numa quinta e a dona da quinta era espanhola e tinha um rapaz, também espanhol, para levar todos os dias o jantar ao homem e o rapaz tinha um cão chamado Gri. O rapaz quando ia levar o jantar, no caminho, assentava-se numa pedra e punha-se para o cão:

"Gri, alerta, ladra,

Aun que seya el mismo Dios."

E dava volta à panela em que ia o jantar e dizia: "Quien viene alla? Gravanços? Pase adelante, que és gente redonda." Outra volta à panela: "Quien viene alla? Morcilla? Pase adelante, que és gente morena." Outra volta à panela: "Quien viene alla? Tocino? No temas, que no te bulo." Outra volta: "Quien viene alla? Lloriço? (Chorizo) Preso, como tres e dos seren cinco."

Tantas vezes comeu o lloriço que o homem foi falar com a ama e esteve-lhe contando que tudo lhe mandava no jantar menos chouriço. A espanhola disse-lhe que espreitasse o rapaz. "Pois vou fazer isso," disse o homem.

Um dia deu com o rapaz sentado na tal pedra e a revolver a panela. Escondeu-se detrás dumãs árvores e esteve espreitando. Quando o rapaz chegou ao lloriço e o prendeu "como tres e

<sup>148</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (11, Nov) 1903, p. 175.

dos seren cinco", salta o homem detrás da árvore e diz: "Larga o preso, larga o preso!" e começou a tocar a fogo na freguesia do espinhaço do rapaz.

(Elvas)

[56]

O PRÍNCIPE ENCANTADO<sup>149</sup>

Era duma vez um homem e uma mulher que tinham três filhas e a mais moça foi a correr mundo. Chegou lá a um palácio que estava todo de preto. Entrou e não viu ninguém. Ficou lá. Só quando estava a comer é que vinha sempre um passarinho a poisar-lhe no ombro e não via mais ninguém. O passarinho era um príncipe encantado, mas ela não o sabia.

Um dia ouviu uma voz perguntando-lhe se ela queria ver o pai, a mãe e as irmãs. Ela disse que sim e a voz disse-lhe que fosse a um espelho e nele viu a mãe, o pai e as irmãs. Depois a voz perguntou-lhe se ela queria ir ver a família. Disse que sim. Apareceu-lhe um cavalo e a voz disse-lhe: "Aí tens esse cavalo para ires ver a tua família mas olha que te hás-de lá demorar somente uma semana; ao fim da semana, ao primeiro grito que o cavalo der, hás-de estar a despedir-te da tua família, ao segundo grito, hás-de vir a descer as escadas e, ao terceiro, hás-de estar a montar-te." Ela assim o prometeu.

Chegou a casa do pai e esteve contando à mãe tudo que lhe sucedia no palácio onde fora ter, e a mãe perguntou-lhe se todas as noites não sentia na cama do palácio uma coisa fria. Ela disse que sim. Perguntou-lhe se não tinha fósforos. Ela disse que não. Deu-lhe uma caixa de fósforos e disse-lhe que, quando sentisse aquela frialdade, acendesse um fósforo.

No fim da semana o cavalo deu os três gritos e ela despe-

<sup>149</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (11, Nov) 1903, pp. 175-176.

diu-se da família e marchou, amontada no cavalo. Chegou ao palácio e, como era já noite, foi-se deitar. Pela noite adiante sentiu uma coisa fria no seio. Acendeu um fósforo e viu o passarinho a dormir na cama e, sem querer, deixou cair um pingo do fósforo na cabeça do passarinho. O passarinho soltou um grito e transformou-se num príncipe que disse: "Mesmo agora me quebraste o encanto e, em paga, vou casar contigo."

Seja Deus louvado,  
Que é o conto acabado.

(Elvas)

[57]

EU VI-TE, TU NÃO ME VISTE<sup>150</sup>

Era duma vez um rei e uma rainha que não tinham filhos e viviam muito desgostosos por isso; mas um dia, a poder de muitas promessas, teve a rainha uma filha muito bonita.

Mas ao fim de três anos, uma velha roubou a filha à rainha, entregou-a a uma ama e meteu ambas numa torre e todos os dias ia levar-lhes de comer; e a comida que levava, ou de carne ou de peixe, era sempre sem ossos e sem espinhas.

Passaram muitos anos e um dia a menina encontrou um ossinho no jantar. Escondeu o ossinho e logo que pode pôs-se, às escondidas, a furar com ele o sobrado por debaixo da cama. Tanto escarafunchou, tanto escarafunchou, que fez um buraco e viu lá em baixo um quarto todo iluminado e um príncipe deitado na cama. Dos lençóis da sua cama fez a menina uma escada e foi lá baixo.

O príncipe tinha lá pena e papel e ela, depois de fazer o seu nome, escreveu:

"Eu vi-te,  
Tu não me viste."

<sup>150</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 5 (11, Nov) 1903, p. 176.

E foi-se para o seu quarto pela escada dos lençóis.

O príncipe quando, no outro dia, viu o papel escrito, ficou todo admirado. Na segunda noite a menina fez o mesmo. Na terceira noite o príncipe fazia-se dormido e quando ela estava a escrever, apanhou-a e disse-lhe:

"Eu apanhei-te,  
E não me fugiste."

E apanhada ficou para toda a vida porque o príncipe, passados três dias, pediu licença ao pai e casou com ela.

(Elvas)

[58]

#### O AFILHADO DO REI<sup>151</sup>

Na era dos afonsinos havia dois homens, um tinha um filho e o outro uma filha. Os rapazes já tinham 17 anos e namoravam-se, mas era por cartas, e um dia a rapariga mandou-lhe dizer para ele lhe ir falar das dez para as onze. O rapaz foi, mas tinha em casa um tio que era padre e só recolhia aí pela meia-noite e o rapaz era a primeira vez que saía de casa, assim, fora de horas.

Estava o rapaz a falar com a rapariga e passou o tio; o sobrinho embuçou-se, mas ao tio não lhe escapou. No outro dia o tio perguntou ao irmão se tinha saído alguém na noite antecedente daquela casa. O pai disse que não e o padre retrucou que tinha visto o rapaz na rua. Sova no rapaz que, zangado, mandou dizer à rapariga que, se queria fugir, arranjasse as coisas para aquela noite, que ele lá estaria, à meia-noite em ponto, à porta dela com um cavalo. A rapariga disse que sim e à meia-noite fugiram.

Foram andando, andando, andando e chegaram a uma fonte; desceram, estiveram bebendo água e comendo alguma coisa.

<sup>151</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 6 (1, Jan) 1904, pp. 9-11.



Era já manhãzinha e avistaram uma terra e foram até lá. No caminho atravessaram uma herdade muito grande e muito bonita e eles foram procurar ao dono da herdade se a queria vender. Disse-lhes que sim e compraram-na e mandaram fazer nela um palacete.

E o rei de Madrid costumava ir ali todos os anos fazer uma caçada e não tinha visto ali palacete algum; admirou-se muito de ver umas casas tão bonitas e foi lá e dormiu no palacete aquela noite. E depois o dono da casa convidou-o para ser padrinho do filho que tinha nascido havia poucos dias. O rei disse que sim. No outro dia foi o baptizado e o rei pintou o retrato dele no ombro esquerdo do afilhado e disse aos pais que, em o seu afilhado tendo 13 anos, que o apresentassem em palácio. Foi-se embora o rei e foi correndo o tempo.

Já tinha 13 anos o rapaz e o pai deu-lhe dinheiro para fazer a viagem e disse-lhe, muito sério, que se encontrasse algum coxo ou algum careca que voltasse para trás. O rapaz topou com um coxo e veio para casa mais depressa. O pai riu muito e disse-lhe que não fizesse caso, que fosse. E foi e, lá caminho adiante, encontrou um careca; esteve para voltar para trás, mas não quis que o pai se risse dele outra vez.

Diz-lhe agora o careca: "Onde vai, meu menino?" "Vou ali a Madrid." "Eu também quero ir." "Mas atrás do cavalinho." E foram. Chegaram lá muito longe e disse o careca: "Olhe, eu agora durmo até à meia-noite e o meu menino dorme da meia-noite até pela manhã, que eu acordo-o." Pela manhã já o careca estava montado no cavalinho, quando acordou o rapaz. "Então o que é isso?" "Então, até aqui veio o meu menino no cavalinho e agora vai ao contrário."

O rapaz foi a pé; estava muito calor e tinha muita sede, chegou lá a um poço e o careca diz: "Tem sede? Olhe eu ato a corda do cavalo à sua cintura, o menino desce ao poço e bebe lá e quando matar a sede eu puxo-o pela corda e depois vou eu beber da mesma maneira." O rapaz tinha medo mas a sede era tanta que se astreveu. O careca nunca lhe fez mal e tirou-o do

poço, mas antes de o tirar obrigou-o a dizer, por juramento, que nunca havia de contar a pessoa alguma e durante toda a sua vida o que o careca lhe tinha feito e tinha para fazer.

Chegaram lá a Madrid e o careca foi-se apresentar ao rei como seu afilhado e o rapaz como seu criado. O rei já se não lembrava e diz assim: "Ora! logo tive um afilhado careca!"

Um dia havia lá toques no palácio e o rapaz sabia tocar muitos instrumentos e disse para os outros criados: "Ora, se me emprestassem um instrumento eu ia aqui a tocar e havia de dar brado." Trouxeram-lhe um cornetim e ele pôs-se a tocar ao som dos toques lá de cima e tocava muito bem e só soava lá em cima o toque do cornetim.

O rei mandou logo saber quem era que tocava. Disseram-lhe que era o criado do seu afilhado e o careca ficou banzando e disse logo ao rei que o seu criado lhe dissera que era capaz de ir desencantar a princesa real à torre das águas vermelhas.

O rei chamou logo o rapaz e disse-lhe que havia de ir desencantar a princesa. O rapaz foi para a cavalaria a chorar. Ouviu uma voz que lhe perguntou porque estava assim *esmorcido*. Ele disse: "Então eu não vejo ninguém!" E disse-lhe a voz: "Anda lá, não tenhas medo, conta as tuas mágoas". E ele contou. Diz-lhe agora a voz: "Vai perguntar ao rei se te arranja três embarcações, uma de açúcar, outra de carneiros e outra de trigo". O rei disse-lhe que sim e o rapaz voltou a chorar para a cavalaria. Diz-lhe a voz: "Não chores, olha, tu vais mar fora e, à primeira terra que encontras, desembarcas e depois há-de aparecer-te o rei das moscas e tu diz-lhe: 'O rei de Madrid aqui lhe manda de presente esta embarcação de açúcar para os seus vassalos'; e tu arrecada o que te der o rei das moscas. Depois na segunda terra há-de aparecer-te o rei das águias e tu diz-lhe: 'O rei de Madrid aqui lhe manda de presente esta embarcação de carneiros para os seus vassalos'; e tu arrecada o que te der o rei das águias. Depois na terceira terra há-de aparecer-te o rei das formigas e tu diz-lhe: 'O rei de Madrid aqui lhe manda de presente esta embarcação de trigo para os seus vas-

salos'; e tu arrecadas o que te der o rei das formigas."

O rapaz partiu muito choroso e *assucedê*-lhe tudo quanto a voz lhe disse. Ora o rei das moscas deu-lhe uma asa, o rei das águias deu-lhe uma pena e o rei das formigas não lhe deu nada mas disse-lhe: "Quando te vires nalguma aflição, brada por mim". O rapaz perguntou ao rei das formigas se ainda era muito longe a torre das águas vermelhas. O rei disse-lhe que já ficava perto e ensinou-lhe o caminho.

Chegou o rapaz à torre das águas vermelhas onde havia um gigante que estava de posse da princesa real. E disse o rapaz: "E então o que hei-de eu agora fazer?" Nisto viu a princesa detrás de umas grades da torre e ele disse-lhe cá de longe ao que vinha. E ela disse-lhe que tomasse cautela com o gigante, mas que este à hora do meio-dia deixava-se dormir e, por mais que o chamassem, não acordava.

O rapaz chamou o rei das formigas e disse-lhe que à hora do meio-dia queria que se fizesse um buraco na parede da casa em que estava a princesa para ela lhe cair nos braços. O rei das formigas chamou toda a sua gente e fizeram logo o buraco e a princesa caiu nos braços do rapaz.

A princesa disse que não se ia dali embora sem que lhe trouxessem uma garrafa que estava no último andar da torre. O rapaz chamou pelo rei das águias e disse-lhe o que queria. O rei das águias foi buscar a garrafa e apresentou-a no bico ao rapaz.

Depois a princesa disse que tinha muito medo que, quando o gigante acordasse e a não encontrasse na torre, ele viesse a correr atrás dela. O rapaz chamou o rei das moscas e disse-lhe que, com todas as suas artes, livrasse a princesa do gigante. E os dois foram para as embarcações e partiram logo.

O gigante, quando acordou, viu o buraco na torre mas já não viu a princesa nem rastros dela. Pôs-se a gritar como um furioso, mas o rei das moscas, com todo o seu exército, pôs-se a zumbir de roda dele e a picarem-lhe os olhos e a entrarem-lhe pelo nariz, pelos ouvidos, pela boca, até que o sufocaram de todo.

Já o rapaz e a princesa estavam em Madrid e a princesa foi ao seu gabinete a lavar-se e a vestir-se para se apresentar ao pai, que ela era a filha do rei; e o rapaz foi para a cavalaria onde já não encontrou o seu lindo cavalo e pôs-se a chorar.

Houve grandes festas no palácio pela chegada da princesa, e a princesa levava uma cadelinha. O careca, assim que soube que o rapaz tinha trazido a princesa, jurou-lhe pela pele e duma vez pediu ao padrinho para o deixar ir a uma caçada com o seu criado, o rapaz, já se vê. Foi, chegou lá muito longe e deu um tiro no rapaz, deixando-o morto no campo.

Ora a cadelinha da princesa andava sempre atrás do rapaz e na caçada não se tirou do pé dele e depois de o ver morto ali ficou. Só lá muito de noite é que veio aparecer à princesa, a ganhar muito e a empinar-se toda para ela. A princesa disse: "Já sei, morreu o teu dono." E ordenou à gente do palácio que preparassem archotes e a acompanhassem da parte do rei. A cadelinha ia adiante e eles seguindo a cadelinha.

Chegaram lá ao sítio e viram o rapaz morto e a princesa mandou que se retirasse toda a gente e, como tinha levado o frasco da torre das águas vermelhas, pô-lo à boca do rapaz. O rapaz voltou logo a si porque o frasco continha *espírito* da vida. E a princesa obrigou o rapaz a contar tudo quanto lhe tinha acontecido com o careca para saber o motivo que havia para ele o matar. O rapaz não queria, em vistas do juramento que tinha feito de nada dizer até ao fim da sua vida. A princesa disse-lhe que não tivesse escrúpulos porque ele já tinha morrido e a vida que tinha agora só a ela a devia. O rapaz contou tudo. Vieram para palácio.

À hora do jantar perguntou a princesa ao pai que qualidade de homem era aquele? e apontou para o careca. "É meu afilhado." "Mas todos os seus afilhados têm o retrato de meu pai no ombro esquerdo e veja o meu pai se o careca o tem." O careca não queria despir o casaco mas o rei tanto se zangou que ele com medo declarou logo que não tinha no ombro tal retrato. E diz-lhe agora a princesa: "Como hás-de tu tê-lo se quem o tem



é aquele a quem chamavas teu criado e que tu mataste na floresta?" O careca ficou a tremer como varas verdes.

É chamado o rapaz e, descobrindo-lhe o rei o ombro, viu o seu retrato. O rei mandou matar o careca e dos ossos mandou fazer uma cadeira para se sentarem a princesa e o rapaz que ficou em pouco tempo príncipe porque casou com a filha do rei.

E conto grande,  
Paga dobrada,  
Venha ela.

[59]

### OS TRÊS ENCANTOS<sup>152</sup>

Era de uma vez uma viúva que tinha três filhas e eram muito pobres, lavavam roupas.

Apareceram ali um dia três rapazes muito bem vestidos, que eram três encantos. Um deles gostou muito da mais velha e foi pedi-la. Ela não queria porque era muito pobre e o que havia de ser da mãe que ficava só com as duas irmãs; mas tanto teimou o rapaz que por fim casaram e ele ao partir para a sua terra deu tanto dinheiro à sogra que esta não foi capaz de o arrojar pela casa. Já não lavavam roupas e as vizinhas tinham muita inveja.

Os ladrões foram lá uma noite, fizeram um buraco no telhado, roubaram o dinheiro e aqui ficou a família outra vez pobre.

Foi o segundo rapaz pedir a rapariga do meio. Sucedeu o mesmo, a rapariga não queria mas no fim casou-se, está claro, e o marido deu à sogra tanto dinheiro ou mais do que o outro. Veio outra vez a inveja dos vizinhos e mais os ladrões e a família ficou outra vez pobre. Foi o terceiro rapaz pedir a rapariga mais moça. Tudo na quinta da mesma, casamento e invejas, so-

<sup>152</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 6 (1, Jan) 1904, pp. 11-13.

mentes não houve desta vez ladrões, que o dinheiro estava escondido na terra por causa das dúvidas.

A viúva tinha ainda um filho muito pequenino e quando chegou a homem disse para a mãe: "Vou-me a ver as minhas irmãs, que não houve mais notícias delas nem dos maridos." A mãe, com a vontade que tinha de saber das filhas, deixou-o ir. E aqui vai agora o irmão à cata das irmãs.

Andando, andando, chegou ao palácio da mais velha. A irmã conheceu-o logo e disse-lhe que o marido era o rei dos leões e, se o visse, que o matava. Ele pediu que o escondesse ali para um cantinho e que dissesse ao rei dos leões que não lhe fizesse mal. Escondeu-se. Veio o rei dos leões e disse: "Ó mulher! cheira aqui a sangue humano!" Ela disse que era o irmão que ali estava. E ele disse: "Então se é teu irmão é meu cunhado e diz-lhe que apareça, que não lhe faço mal." Apareceu o rapaz e houve grande festas em palácio pela visita do irmão.

Passados dois dias decidiu-se o rapaz a visitar a segunda irmã. Ora o rapaz, ao sair da casa da viúva, tinha encontrado no caminho uma velhinha com um feixe de lenha à cabeça e, tendo dó dela, disse que ele lhe levava o feixe. A velhinha agradeceu muito e viu-se livre da carga até à sua cabana e, chegando ali, entrou e trouxe lá de dentro umas botas de encanto e ofereceu-as ao rapaz dizendo-lhe que aquelas botas o haviam de pôr na altura em que ele quisesse.

Indo o rapaz andando, andando, chegou à torre em que estava a segunda irmã e pediu às botas que o pusessem à porta do quarto da irmã para ele bater e aparecer-lhe ela. Assim foi: apareceu-lhe a irmã e disse-lhe que o seu marido era o rei dos peixes e que se o visse comia-o. Ele disse que se ia esconder e que lhe pedisse que não lhe fizesse mal. Ela assim fez, escondeu-o. Veio o rei dos peixes e disse o mesmo: que cheirava a sangue humano. Ela pediu pelo irmão e o rei dos peixes disse que aparecesse; e se o outro o tinha obsequiado, aquele ainda o obsequiou mais.

Foi depois o rapaz visitar a terceira irmã. Aconteceu-lhe o

mesmo; as botas puseram-no à porta do quarto e veio a irmã e disse-lhe: "Olha, o meu marido é, por encanto, o rei de todos os bichos e, se te vê, come-te." Ele disse que não no havia de comer e o que queria ver era se lhe quebrava o encanto. E ela disse só havia um meio de quebrar esse encanto e o dos dois cunhados - o rei dos leões e o rei dos peixes - era carregar uma espingarda com uma pedra e quando o visse de boca aberta atirar o tiro direito à boca.

Ele assim fez e o rei dos bichos morreu e ao morrer este morreram os outros dois e as três raparigas recolheram as riquezas todas e vieram com o rapaz para casa da mãe e ainda hoje vivem muito felizes.

E a certidão está em Tondela,  
Quem quiser vá lá vê-la.

(Elvas)

[60]

### A FILHA DO COMERCIANTE<sup>153</sup>

Era duma vez um comerciante que tinha uma filha muito bonita e morava ao pé do palácio do rei e o rei tinha um filho que era o príncipe. A filha do comerciante chamava-se Rosa e na casa havia uma varanda que dava para o jardim do rei.

Todas as tardes ia a Rosa à varanda regar as flores, onde havia uma flor que se chamava verdiana. E o príncipe, lá do jardim, dizia-lhe sempre: "Quantas folhas<sup>154</sup> tem a verdiana?" E a Rosa respondia: "Tantas como estrelas tem o céu." E o príncipe tinha uma grande paixão pela Rosa que sempre se lhe mostrava esquiva.

Um dia o príncipe encarregou uma criada velha de ir a casa

<sup>153</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 6 (1, Jan) 1904, pp. 13-14.

<sup>154</sup> folhas] flores P

do comerciante falar com a Rosa e convencê-la para ir ao jardim. A Rosa não queria ir mas a velha teve tantas artes que a convenceu. A Rosa disse que só iria às 11 horas da noite. E assim foi. Quando lá chegou estava o príncipe no jardim e convidou-a a beber um copo de licor com ele. E ela respondeu: "Então para isto é que me mandou cá vir?" E foi-se com a velha, mas o príncipe quando ela se retirava deu-lhe um beijo por debaixo do véu.

No outro dia foi a Rosa à varanda e começou o príncipe: "Quantas folhas tem a verdiana?" E ela: "Tantas como estrelas há no céu." E ele: "E o beijinho debaixo do véu?" E ela foi-se toda zangada. No outro dia foi outra vez a velha a casa do comerciante e a Rosa foi outra vez ao jardim onde o príncipe lhe ofereceu de novo um copo de licor. Ela não quis e o príncipe deu-lhe um belisco. E ela disse: "Ui! velha, vamo-nos embora."

Na tarde daquele dia o príncipe, do jardim: "Quantas folhas tem a verdiana?" E ela: "Tantas como estrelas há no céu." E ele: "Ui! velha, vamo-nos embora." E ela retirou-se toda zangada e nunca mais foi à varanda. O príncipe começou a entristecer e depois disse assim: "Para que hei-de eu estar a pôr-me triste? Eu não posso casar com ela, que não é pessoa real; vou casar com a princesa que tanto me quer." E casou.

As festas do casamento duraram três dias e três noites e houve muitos convidados e todos eles haviam de dormir as três noites no palácio. E o comerciante e a filha foram convidados também, por parte de vizinhos. E a Rosa pediu ao pai que lhe arranjasse três vestidos muito ricos, dos que não tivesse a princesa. O pai arranjou-lhos.

No primeiro dia das festas a princesa não tirava os olhos do vestido de Rosa e disse-lhe: "Venda-me o seu vestido." E ela: "Não lho vendo, dou-lho; mas há-de me deixar dormir esta noite no quarto do príncipe." E a princesa consentiu e foi dormir na câmara destinada à filha do comerciante.

E disse a Rosa ao príncipe, naquela noite, que bem sabia que ele gostava muito da filha do comerciante, que tinha muitos



ciúmes dela e que só ficaria satisfeita se ele fosse dar-lhe uma sova à cama em que ela dormia. O príncipe, para fazer a vontade à sua noiva, foi dar a sova na filha do comerciante, mas em quem ele a deu foi na princesa que se calou muito bem calada.

No outro dia a Rosa vestiu o segundo vestido e a princesa quis que lho vendesse, e ela: "Não lho vendo, dou-lho, se me deixar dormir esta noite no quarto do príncipe." Sucedeu o mesmo e nova sova na pobre da princesa.

Terceiro dia, terceiro vestido e terceira dormida de Rosa no quarto do príncipe e agora ela exigiu-lhe que fosse à cama da filha do comerciante e lhe cortasse o troço do cabelo. No outro dia apareceu a princesa sem troço e o príncipe ficou muito admirado e desconfiado do caso e, depois de muito pensar, perguntou aos convidados com quem havia de ele casar, com quem o comprou ou com quem o vendeu? Os convidados disseram: "Com quem o comprou." E vai ele casou com Rosa e mandou embora a princesa que o vendera pelos trapos dos três vestidos.

Conto acabado,  
Seja Deus louvado.

(Elvas)

[61]

### AS TRÊS IRMÃS<sup>155</sup>

Era duma vez um homem pobre e que tinha três filhos e três filhas e um dia disse aos filhos que fossem correr mundo em busca de trabalho, que ele não os podia sustentar. Eles assim fizeram. Chegaram lá a uma encruzilhada onde havia três estradas e cada um foi para seu lado.

O mais velho foi ter a um palácio onde havia uma moura encantada e a poder de muitas artes pôde desencantar a moura

<sup>155</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 6 (1, Jan) 1904, pp. 14-15.

e fez-se senhor do palácio e das terras, ficando rico. O do meio encontrou na estrada uma velhinha que era Nossa Senhora e, como a velhinha estava a fiar, pediu-lhe que o ensinasse. A velhinha assim fez e da roca ia saindo fio de ouro e, a poder de tanto fiar e de tanto vender fio de ouro, ficou o rapaz pobre de rico em poucos meses. O mais moço encontrou na estrada um velhinho que era o Padre Eterno e ofereceu-se-lhe para ser seu criado. O velhinho aceitou, levou-o para uma herdade e ensinou-lhe a cultivar as terras e, a poder de tempo e com boas colheitas por sua conta, chegou também a ser muito rico. E aqui estão os três irmãos cada um com a sua riqueza.

Um dia tiveram os três o mesmo pensamento e foi mandarem às irmãs um presente. O mais velho mandou à irmã mais velha um firmal de prata, o do meio mandou à segunda irmã uma toalha de fio de ouro e o terceiro mandou à irmã mais moça um anel de ouro que tinha uma fava que deitava luz. As irmãs ficaram doidas de alegria e espalhou-se logo na terra a notícia dos presentes. Foi muito povo a ver e o que mais espantava era o anel que deitava luz.

As duas irmãs mais velhas começaram a ter inveja da mais moça e resolveram atirar com o anel para o fundo do mar logo que lho pudessem furtar; e assim o fizeram. Um dia o rei determinou ir a ver os presentes e mandou dizer ao pai das raparigas que ia jantar com ele. O pai ficou todo assarapantado, as filhas mais velhas ficaram todas contentes e a mais moça ficou toda chorosa porque havia três dias que não sabia do anel e não o podia apresentar ao rei.

Quem fazia o serviço da cozinha era a filha mais moça e o pai ordenou-lhe que apresentasse ao rei um jantar decente e bem cozinhado. Estava a pobre da rapariga toda lavada em lágrimas a escamar um grande peixe ao canto da chaminé, vai abrir a barriga do peixe e salta-lhe de dentro o anel. Ficou estarecida. Arrecadou o anel e continuou com o serviço, agora já bastante contente e a cantar.

Veio o rei e foi para a mesa com o homem e com as duas

filhas mais velhas e, no fim do jantar, quis ver os presentes. Viu o firmal de prata, viu a toalha de fio de ouro e perguntou depois pelo anel. Responderam logo as duas irmãs mais velhas: "O anel desapareceu." Responde a mais nova, vindo da cozinha: "Desapareceu, mas Nosso Senhor mandou-mo dentro da barriga dum peixe e ei-lo aqui." As irmãs ficaram desesperadas.

O rei percebeu tudo e disse que quem estava tão bem com Deus devia fazer feliz a pessoa com quem casasse e por isso escolhia desde já a menina do anel para rainha. E casou com ela.

Deus louvado,  
Conto acabado.

(Elvas)

[62]

# A BONECA<sup>156</sup>

Era uma vez uma mulher e tinha uma filha e a mãe fazia meias e depois diz-lhe a mãe: "Filha, vai hoje a vender este par de meias e compra um queijo."

E a filha foi e vendeu as meias e em lugar de comprar o queijo comprou uma boneca. E aquela boneca fazia libras. E depois a filha levantou-se pela manhã muito admirada de ver tantas libras e foi chamar a mãe: "Venha cá ver se eu não fiz bem em comprar a boneca em lugar do queijo."

A mãe ficou muito contente e, já se vê, daí em diante a mãe e a filha apareciam muito bem arrançadas. E diziam as vizinhas: "Então o que fizeram, que andam agora com tanto luxo?" E elas diziam: "Temos cá uma boneca que faz libras." E uma das vizinhas pediu a boneca emprestada. Elas emprestaram-lha, mas a boneca, na casa da vizinha, nunca fez libras e a vizinha, zangada, atirou com a boneca para o quintal próximo, que era o quintal

<sup>156</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 6 (2, Fev) 1904, p. 28.

do príncipe. E a boneca apanhou-se às pernas do príncipe e não houve poderes para a arrancar dali.

O rei mandou deitar um pregão: "Quem fosse capaz de tirar a boneca das pernas do príncipe, sendo mulher casava com ele, sendo homem recebia uma tença." E depois a Maria, que tinha comprado a boneca, foi lá e disse para a boneca: "Anda cá, minha menina." E ela foi e começou logo a fazer libras no colo da Maria. E o príncipe casou com ela.

E seja Deus louvado.

(Elvas)

[63]

#### O SABOR DOS SABORES<sup>157</sup>

Havia um rei que tinha três filhas e um dia chamou-as e perguntou à mais velha: "Por onde me queres tu, minha filha?" "Pela alma", respondeu ela. E perguntou à segunda: "E tu?" "Pelo coração." E fez a mesma pergunta à terceira filha que lhe respondeu: "Eu quero tanto ao meu pai como ao sabor dos sabores". O pai zangou-se com esta resposta porque entendeu que não era querer-lhe bem e mandou-a pôr fora do palácio.

Ela arranjou as suas jóias e o seu fato e foi a correr mundo. Chegou lá a outro reino, foi ao palácio do rei e perguntou se precisavam de uma criada; disseram-lhe que sim e mandaram-na guardar patos. Ela, quando ia para o campo, estendia no chão as suas jóias e punha-se a olhar para elas muito triste. Os patos, como viam luzir, começavam a picar e ela punha-se com um pauzinho a apontar e a dizer:

"Pato aqui, pato ali.

Filha de rei a guardar patos,

É coisa que nunca vi."

<sup>157</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 6 (2, Fev) 1904, pp. 28-29.



Depois matava um e levava-o para o palácio e todos os dias matava um.

O príncipe, admirado de tanta morte nos patos, foi espreitá-la e, como lhe visse as jóias e ouvisse as palavras, disse: "Tato! temos princesa!" E quando foi para palácio contou tudo ao pai e disse que queria casar com a princesa. Quando a rapariga chegou ao palácio foi metida em confissão pelo rei e ela contou tudo. Perguntou-lhe o rei se queria casar com o príncipe e ela disse que sim, mas que o pai dela havia de ser convidado para o casamento e que a comida que o pai havia de comer ela é que a queria fazer.

Assim foi, e em todas as comidas não deitou sal. O rei, de tudo que começava a comer, de nada gostava, e ficou sem jantar. Diz-lhe agora a filha: "Vossa real majestade porque não comeu?" E respondeu o rei: "Pois que gosto tem a comida sem sal?" "Então porque me pôs fora do palácio por eu lhe dizer que lhe queria tanto como o sal que é o sabor dos sabores?" O pai arrependeu-se muito do mal que tinha feito à filha que não o tinha ofendido; mas ficou muito contente por a ver casada com o príncipe.

Colori, colorado,  
Está meu conto acabado.

(Elvas)

[64]

PALMAS VERDES<sup>158</sup>

Era de uma vez um conde e uma condessa e o rei simpatizava muito com a condessa mas ela era muito honrada. Um dia mandou o conde em serviço a outra terra e ao conde pareceu-lhe isto história porque nos outros dias já tinha ido ele, em

<sup>158</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 6 (2, Fev) 1904, p. 29.

vez de outros, ao mesmo serviço. E não foi e escondeu-se.

À noite a condessa foi-se deitar e depois de a apanhar dormida debaixo dos cortinados, que eram de damasco às parras verdes, foi ele, o conde, e deitou com um peneiro farinha à roda da cama e safu.

Foi o rei e a condessa estava a dormir e não o sentiu. Apartou os cortinados, esteve a olhar para a condessa e depois safu. No outro dia veio o conde e vê pegadas de homem na farinha; e a condessa a dormir. Ele não disse nada, mas daí em diante os seus dias eram muito tristes e os dela ainda mais porque o conde nunca mais quis comer com ela e nem mesmo queria dirigir-lhe a palavra.

Um dia contaram ao rei como eles viviam e o rei convidou os dois para irem jantar a palácio. Ele disse que ia, mas ela não, porque estava doente. O rei teimou e obrigou-os a ir. Foram, jantaram e, quando foi às saúdes, deitaram todos os três as saúdes, sendo assim: a primeira foi a da condessa:

"Já fui querida e estimada,  
Agora não o sou nem serei,  
Porque ou porque não,  
Isso é que eu não sei."

O conde:

"Eu na minha vinha entrei,  
Rasto de ladrão achei,  
Se provou ou não das uvas  
Isso é que eu não sei."

O rei:

"Eu é que fui o ladrão,  
Eu na tua vinha entrei,  
Parras verdes levantei,  
Com esta me cortem as guelas  
Se nas uvas eu toquei."

(Elvas)

Era duma vez três irmãs que saíram da sua terra; mas na terra para onde foram havia o costume de cada pessoa fazer o seu fato e elas não sabiam costurar. Queriam dar os seus vestidos a fazer e não havia quem tomasse conta deles e decidiram por fim ir morar para outra terra.

No caminho foram ter a uma estalagem e perguntaram se havia algum quarto para elas. A estalajadeira disse que não, que tinha tudo cheio; mas, se quisessem, havia na frente umas casas para onde podiam ir, mas que aparecia lá um medo. Elas disseram: "Não tem dúvida." E foram. E à noite disseram as duas mais moças: "Vamo-nos a deitar." E disse a mais velha: "Vão vocês, que eu ainda fico." E ficou; estava quasi a escabeçar com sono e ouviu dizer: "Eu caio ou não caio?" E assim que ouviu isto foi-se a fugir e meteu-se na cama com as duas irmãs. Na outra noite ficou a do meio. Aconteceu-lhe o mesmo.

E na noite do outro dia ficou a mais moça. Quando ouviu dizer: "Eu caio ou não caio?" respondeu: "Pois cai para aí." E pela chaminé abaixo caiu um molho de chaves. E ela disse: "Chaves? Nalgumas fechaduras hão-de servir." E foi abrindo portas e mais portas daquela casa até que chegou a uma casa onde havia uma cisterna e saíu dela um preto que disse: "Foste muito valente! És capaz de fazer outra coisa?" "Então o que é?" "É montares-te nas minhas costas e irmos por essa cisterna abaixo." "Pois vamos."

Foram-se cisterna abaixo e lá ao fundo chegaram a um palácio; entraram, mas a rapariga não viu ninguém em nenhuma das salas e nos outros dias também ninguém viu senão o preto. E todas as noites, antes de se deitar, tinha à cabeceira da cama um copo de doce que comia e dormia-se logo a sono solto.

Um dia disse ao preto que tinha saudades das suas irmãs e que ia vê-las. O preto não queria, mas ela tanto teimou que conseguiu. E diz-lhe agora o preto: "Há-de ser com uma condição:

<sup>159</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 6 (2, Fev) 1904, pp. 29-31.

há-de-se demorar só três dias e ao fim de três dias há-de ouvir três assobios, ao primeiro assobio há-de-se despedir de suas irmãs, ao segundo há-de estar à porta da casa da cisterna e ao terceiro havemos de vir cisterna abaixo". Ela assim o prometeu.

Veio às costas do preto, cisterna acima, e foi ter com as irmãs. Muita festa para a festa e contou tudo, tudo quanto lhe tinha sucedido. Diz-lhe agora a irmã mais velha: "Olha, quando te fores, não comas o doce que te põem à cabeceira da cama, não te durmas e põe-te à espera".

Ao fim dos três dias soaram os três assobios e aqui vem ela para o palácio às costas do preto. Nessa noite foi-se deitar mas não comeu o doce e esperou, fazendo-se dormida. Passado algum tempo, sentiu chegar uma pessoa e meter-se na cama dela. Deixou-se estar, mas depois acendeu uma vela para ver quem era. Era um príncipe e, toda a tremer, deixou cair um pingo da vela na cabeça do príncipe, que estava a dormir. Acorudou o príncipe e disse: "Mesmo agora me encantaste; e transformou-se num passarinho e fugiu." Ela ficou toda atarantada. Ao depois, a uma das janelas do quarto do rei daquela terra aparecia todos os dias um passarinho a cantar assim:

"Se el-rei soubesse  
Que eu era filho dele,  
Sopinhas de mel  
Me dava a comer."

Os criados tanta vez ouviram isto que foram dizê-lo à rainha. Um dia a rainha escondeu-se debaixo da cama do rei e esperou o passarinho. Veio ele e cantou:

"Se el-rei soubesse  
Que eu era filho dele,  
Sopinhas de mel  
Me dava a comer."

E diz ela:

"Não o sabe o rei  
Mas sabe-o a rainha;



Anda cá, meu filho,  
Que te faço as sopinhas."

Veio o passarinho; a rainha mandou vir sopinhas de mel e ao comê-las quebrou-se o encanto ao passarinho e transformou-se no príncipe. Houve grandes festas no palácio e o príncipe foi buscar a rapariga com quem dormiu tantas noites e casou com ela.

Conto acabado,  
Dinheiro ganhado.

(Elvas)

[66]

#### ASSIM O DIZEM<sup>160</sup>

Era uma vez um homem e uma mulher e tinham uma comadre. O homem, um dia, foi à praça comprar uma fressura de porco para a mulher lhe fazer uma cachola para o almoço.

Estava a cachola ao lume, entra a comadre: "Ai, que bem que cheira o seu almoço! Vamos a prová-lo?" "Pois sim, comadre." Mas tanto provaram, tanto provaram, que o comeram todo. E disse a mulher: "Ai, comadre! que hei-de dizer a meu marido!? Comemos o almoço todo!" "Deixe, comadre, não se apoquente que eu arranjo isso bem; olhe, quando vier o comadre e lhe perguntar pelo almoço, a comadre diz-lhe: 'Que tal vens tu hoje da cabeça? Então não almoçaste já? Até, por sinal, que também almoçou cá a nossa comadre!' E depois entro eu e acabo de o convencer."

Veio o marido para o almoço e a mulher pespegou-lhe o recado que a comadre lhe ensinara. O homem zangou-se muito e a mulher chamou a comadre: "Então, não quer lá ver? O meu homem diz que ainda não almoçou!" "Ora essa! até eu almocei com vossemecês, e o almoço era cachola. Boa vai ela!"

<sup>160</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 6 (3, Mar) 1904, p. 46.

O homem fez que se conformou, pegou num palito, meteu-o na boca e foi-se pôr à janela, com cara de poucos amigos. Passou um conhecido e disse-lhe: "Olá! Com que então já almoçaste!" "Assim o dizem... Assim o dizem..." - respondeu o homem.

(Elvas)

[67]

### O ZÉ PEQUENINO<sup>161</sup>

Eram duma vez dois irmãos e um chamava-se Zé Pequenino.

Foram a correr mundo; andaram, andaram e foram ter a casa dum gigante e o gigante era casado e tinha três filhas. E depois eles deitaram-se na cama das filhas do gigante, puseram na cabeça os capacetes delas e deitaram as raparigas no chão.

Lá pela noite adiante disse a giganta para o gigante: "Temos galos em casa." E o marido disse: "Ai temos? Então espera." E foi buscar um alguidar e uma faca e neste intrentes os rapazes safaram-se. E o gigante quando veio matou as filhas, em vez de matar os galos que eram os rapazes.

Eles, os rapazes, foram andando e o Zé Pequenino é que levava os três capacetes. Passaram à porta do rei e a criada disse: "Ai, real senhor, vai ali o Zé Pequenino com um capacete mais lindo!" O rei mandou-o chamar: "Então, que queres pelo teu capacete?" "Um bocado de pão e morcela." E o rei mandou-lhe dar a morcela e pão e o Zé Pequenino foi-se embora. No outro dia passou lá com o segundo capacete e o rei comprou-lho por um bocado de pão e chouriço; e no terceiro dia o rei comprou o terceiro capacete por um bocado de pão e fari-nheira.

E depois o irmão do Zé Pequenino foi dizer à rainha que o Zé Pequenino tinha dito que era capaz de ir matar o gigante e a

<sup>161</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 6 (3, Mar) 1904, pp. 46-47.

giganta. A rainha chamou o Zé Pequenino que teimou que não tinha dito nada. Mas tanto embirrou a rainha que o Zé Pequenino decidiu-se a ir buscar o gigante e a giganta num trem de ferro.

Chegou lá e disse que ia da parte do rei para virem ambos a palácio e que ali estava o trem para irem. O gigante e a giganta entraram para o carro e o Zé Pequenino fechou o trem e morreram os gigantes. Chegou cá com eles e mandaram-nos enterrar e a rainha perguntou ao Zé Pequenino o queria que se fizesse ao irmão e ele disse que o arrojassem ao rabo de um cavalo. E arrojaram-no.

Conto acabado,  
Dinheiro ganhado.

(Elvas)

[68]

## DORMITÓRIO<sup>162</sup>

Era duma vez uma princesa que tinha um vestido encarnado e estavam a cair pastinhas de neve e dizia ela: "Muito bem diz o branco no encarnado." E respondeu uma voz: "Melhor diz vossa alteza nos braços do rei." E ela: "Muito bem diz o branco no encarnado." E a voz: "Se queres ver o Dormitório, oito pares de sapatos de ferro heis-de romper." E a princesa arranjou os sapatos e foi correr mundo. Chegou a casa do Sol e perguntou onde parava o Dormitório. "Muito longe! Olhe, leve esta bolota para fazer chá ao Dormitório." E recebeu a bolota. Foi ter a casa da Lua. "Onde pára o Dormitório?" "Muito longe! Olhe, leve esta castanha para fazer chá ao Dormitório." Foi ter a casa das Estrelas. "Onde pára o Dormitório?" Muito longe! Olhe, leve esta noz para fazer chá ao Dormitório."

<sup>162</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 6 (3, Mar) 1904, p. 47.

E foi andando, andando; chegou lá muito adiante e encontrou uma casa. Estava lá uma preta que tinha dado veneno ao Dormitório para ele morrer. A princesa fez o chá da bolota, deu-o ao Dormitório e ele pôs-se melhor; deu-lhe o chá da castanha e estava quase bom e depois deu-lhe o chá da noz e pôs-se bom de todo.

Diz-lhe agora o Dormitório: "Tu casas comigo e hás-de dizer o que queres que se faça à preta." "Dos olhos um espelho, dos dentes um pente e dos ossos uma cadeira." Assim o fizeram; mas quando a princesa se foi ver ao espelho disse o espelho: "Ai, meus olhinhos!" e partiu-se o espelho. Quando se foi pentear, disse o pente: "Ai, meus dentinhos!" e partiu-se o pente. E quando se ia a deitar na cama, subida na cadeira, disse a cadeira: "Ai, meus ossinhos!" e partiu-se a cadeira.

Deus louvado,  
Conto acabado.

(Elvas)

[69]

### DESANDA PALITROQUES<sup>163</sup>

Era duma vez um velho e uma velha; viviam muito pobres, porque o velho já não podia trabalhar e um dia a velha zangou-se com ele e ele, apaixonando-se, foi para o campo e, encontrando um homem que lhe perguntou se queria ir guardar gado, disse-lhe que sim e foi-se com ele.

Ao fim dum ano pediu ao amo para vir ver a mulher e entregar-lhe o dinheiro que tinha ganho. O amo consentiu nisso, deu-lhe um guardanapo e disse-lhe: "Quando tiveres fome, não tens mais que dizer: Guardanapo, compõe-te." No meio do caminho, o velho, como tivesse fome, estendeu o guardanapo e

<sup>163</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 6 (4, Abr) 1904, pp. 62-63.



disse: "Guardanapo, compõe-te." E logo ali apareceu muito de comer. O velho ficou muito contente e disse: "Bom! Já não preciso guardar gado."

Foi andando e foi ter a uma estalagem, dizendo à estalajadeira que lhe guardasse aquele guardanapo, mas que não dissesse: "Guardanapo, compõe-te." Logo que o velho saíu, a filha da estalajadeira disse para a mãe: "Vamos experimentar o guardanapo e ver o que isto é: Guardanapo, compõe-te!" E apareceu comida e mais comida. "Bom!", disseram elas, já não precisamos acender lume para darmos de comer a quem no-lo pedir." E ficaram com o guardanapo.

Quando o velho veio, deram-lhe outro. O velho, quando chegou a casa, perguntou à mulher o que tinha para a ceia. E ela disse-lhe: "O que hei-de eu ter? Uns feijões!" "Aventa lá com isso, mulher, que trago ceia melhor." Ela não queria, mas ele tanto teimou que a velha teve de aventar os feijões. E ele começou para o guardanapo: "Guardanapo, compõe-te! Guardanapo, compõe-te!" E nada de aparecer comida. A velha ficou desesperada e pôs o velho na rua.

E aqui vai o velho outra vez para casa do amo a guardar gado. Ao fim dum ano quis ir outra vez ver a mulher e o amo deu-lhe uma burra e disse-lhe: "Quando tiveres precisão de dinheiro não tens mais do que dizer: Burra, faz dinheiro." No caminho quis experimentar o caso e a burra fez bastante dinheiro. Foi ter à mesma estalagem, deu a burra a guardar, mas com a recomendação de que não lhe dissessem: "Burra, faz dinheiro." Sucedeu-lhe o mesmo que quando foi do guardanapo: trocaram-lhe a burra.

E aqui vem o velho a caminho de casa com a burra trocada. Chegou lá e diz para a mulher: "Já somos ricos. Queres ver?" E começa a dizer: "Burra, faz dinheiro." Mas a burra não fazia coisíssima nenhuma. E a velha, cada vez mais desesperada com tantos enganos, pôs o velho na rua.

E lá foi o pobre do velho outra vez para casa do amo a guardar gado. Ao fim de outro ano quis o velho tornar a casa para ver a mulher e o amo deu-lhe um saco com dois paus den-

tro e disse-lhe: "Quando te vires nalguma aflição, não tens mais do que dizer para o saco: Desanda palitroques; e quando não queiras que eles batam mais, dizes: Palitroques ao saco." No meio do caminho, o velho quis experimentar e, ao dizer: "Desanda palitroques", saltam os paus de dentro do saco e começam a bater em tudo quanto encontravam; depois de se fartar de ver bater, disse: "Palitroques ao saco", e aqui vêm eles meter-se no saco. Disse o velho para consigo: "Agora é que me vou a castigar a estalajadeira que me ficou com o guardanapo e com a burra."

Chegou à estalagem e disse: "Guardem-me cá este saco, mas não lhe digam: Desanda palitroques." A estalajadeira e mais a filha, como das duas vezes se tinham saído bem, assim que o velho deu costas, disseram: "Desanda palitroques", e aqui começaram os paus a bater-lhes fortemente; nisto veio o velho e elas pediram-lhe por tudo quanto havia que as livrasse daquela pancadaria de criar bicho e ele disse-lhes: "Só acudo se me apresentarem o meu guardanapo e a minha burra." "Pois sim, senhor, disseram elas, contanto que nos livre disto." Depois o velho disse: "Palitroques ao saco." E os paus deixaram de bater e o velho foi para casa muito contente com as suas prendas.

Bateu à porta, a mulher não lha queria abrir, julgando que a ia enganar pela terceira vez; mas tanto lhe pediu que ela cedeu; e experimentaram as duas primeiras prendas que deram bom resultado. A velha ficou muito contente porque já estava rica e ficaram vivendo como Deus com os anjos.

Os vizinhos, assim que viram aquela fartança, foram acusar o velho de ladrão. Foi preso o velho e condenado à morte. Quando já estava rodeado da justiça e de muito povo para o verem enforcar, ele pediu que lhe deixassem vir de casa um saco que lá tinha; disseram-lhe que sim e, logo que o saco chegou, gritou o velho: "Desanda palitroques!" E começaram os paus a bater naquela gente toda. Houve muitas pernas partidas e braços e cabeças quebradas; e começaram todos a pedir que

os livrassem daquela pancadaria; e o velho disse: "Só se me perdoarem a morte, porque estou inocente; a riqueza que tenho deu-me o meu amo que era S. Pedro." A justiça disse que sim e o velho gritou: "Palitroques, ao saco!" Logo que os paus se meteram no saco, pô-los às costas e foi-se caminho de casa a viver com a sua velhota.

Colori, colorado,  
Está meu conto acabado.

(Elvas)

[70]

### O TONEL DE VINHO<sup>164</sup>

Era duma vez um homem e uma mulher e tinham uma comadre. O homem trabalhava no campo e tinha em casa um tonel de vinho.

A mulher e a comadre todos os dias faziam uma merenda e iam buscar uma garrafa de vinho ao tonel, e tantas vezes foram até que o despejaram. A mulher, assim que o viu despejado, começou a dizer: "Comadre, que conta hei-de eu dar do vinho a meu marido?" E a comadre disse: "Eu arranjo isso." Foi para casa, arranjou uma capa de cabaças, mascarrou a cara e as mãos e foi para o campo onde o compadre trabalhava. Subiu a um oiteiro, pôs a capa e começou a chamar o homem:

"Miguel, Miguel,  
Aqui está quem te bebeu  
O vinho do teu tonel."

E batia com as cabaças umas nas outras. E o homem, como tantas vezes ouvisse chamar, olhou e viu *aquela* fantasma negra; julgou que era o demónio e ficou todo assustado.

Foi para casa a tremer de medo e disse para a mulher:

<sup>164</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 6 (5, Mai) 1904, p. 79.

"Apareceu-me o demónio lá fora e disse-me que tinha bebido o vinho do nosso tonel." "Que dizes, marido? Isso será verdade?" "Vamos ver." Foram e estava despejado. E o homem disse:

"Uma cruz ao pé do tonel vamos fazer,  
Para que coisa má o vinho do tonel não venha beber."

(Elvas)

[71]

A DESMAZELADA<sup>165</sup>

Era duma vez um homem que casou com uma mulher que não sabia fazer nada, nem mesmo uma açorda. Para a obrigar a fazer o comer, arranjou o homem um casaco de mulher e disse para a companheira: "Obriga este casaco a fazer o almoço que eu às 8 horas venho almoçar." A mulher dizia para o casaco: "Casaco faz o almoço porque daqui a pouco vem o teu dono." E o casaco não se movia.

Chegou o homem e, como não havia almoço feito, disse para a mulher: "Veste lá o casaco, que lhe quero dar uma sova." A mulher vestiu o casaco e o marido começou a zurzif-lo; e a mulher: "Ai marido, que me dói! Ai, marido, que me dói!" E ele: "Não é contigo é com o casaco; e em eu vindo a casa, ao meio-dia, o jantar há-de estar pronto, diz isto ao casaco." Aconteceu o mesmo; mas, à terceira vez, não foi preciso bater no casaco porque a ceia já estava feita.

Colori colorado,  
Conto acabado.

(Elvas)

<sup>165</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 6 (S, Mai) 1904, p. 79.



[72]

A MENINA APARECIDA<sup>166</sup>

Era duma vez um rei muito moço e um conde, foram passeiar e tanto passearam que veio a noite. Viram ali uma casa com luz, foram bater à porta e pediram ao dono da casa para os deixar lá ficar; e o homem disse: "Fiquem, senhores, mas eu não tenho cama para descansarem, tenho só uma, mas a minha mulher está nela muito doente." "Dê-nos umas cadeiras", e sentaram-se ao lume de lenha.

Pela noite adiante nasceu uma menina e disse uma voz: "Esta que nasceu há-de reinar." E o rei disse para o conde: "Não ouviste?" "Ouvi, real senhor." "Ora esta!" E de manhã, quando o homem veio dizer que lá tenham uma criadinha às suas ordens, o rei disse: "Vai baptizar a criança." E o homem disse: "Então ainda esta noite nasceu! e não tenho padrinho." "O padrinho é este senhor." E baptizaram-na e foi padrinho o conde.

E o rei disse: "A menina vai connosco." O homem não queria deixá-la ir, mas o rei disse: "Sou o rei, mando nela." E os pais lá ficaram muito tristes. No caminho o rei disse para o conde: "Mata a tua afilhada." O conde disse: "Não mato, se queria que a matasse não dissesse para eu ser padrinho." E levava uma cinta encarnada, enrolou a criança na cinta e pendurou-a duma árvore.

Passaram dois almocreves e disse um: "Olha uma cinta encarnada e a mim que me faz tanta falta!" Foi tirá-la e encontrou a criança. "Olha! tão bonita! levo-a para casa, que não tenho filhos." Quando a criança chegou aos oito anos mandaram tirar-lhe o retrato e o pai foi vendê-lo por muitas terras dizendo que era o retrato da menina aparecida numa cinta encarnada.

O conde comprou um retrato e foi mostrá-lo ao rei e o rei disse: "Diz ao homem que traga a criança." Ele não queria levá-la mas pela força sempre a levou. O rei mandou fazer um

<sup>166</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 6 (6, Jun) 1904, pp. 94-95.

caixão, meteram nele a criança e o rei disse-lhe: "Levas aí comer para sete anos." E deitaram o caixão no meio do mar.

Ao fim de sete anos veio o caixão acima. Defronte estava a tia do rei à janela, viu o caixão no mar e mandou buscá-lo. Abriu o caixão e encontrou uma menina muito bonita; e mandou participar ao sobrinho que tinha seis aias e agora sete, uma muito bonita que tinha vindo do mar dentro dum caixão. E o rei disse: "Ainda não morreste, raça do diabo!" E foi visitar a tia para ver a rapariga e levou sete anéis todos iguais e deu um a cada aia e aquela que perdesse o anel morreria.

O rei andava sempre atrás da rapariga e lá um dia foi ela lavar-se, tirou o anel e esqueceu-se dele. Quando veio buscá-lo já não o encontrou. Tinha-o tirado o rei e foi atirá-lo ao mar. Veio a rapariga perguntar às outras e disseram-lhe que não tinham visto o anel.

O rei adoeceu, tinha muito fastio e a aia disse à tia do rei que talvez uma postinha de peixe lhe abrisse o apetite. "Lembras-te bem", disse a tia, e mandou comprar peixes e de dentro da barriga dum saú o anel. Logo que o rei o soube, disse: "Então para que hei-de estar com mais coisas? Caso com ela e que reine." E casou.

(Elvas)

[73]

O MATEIRO<sup>167</sup>

Havia um homem que era mateiro e muito bruto. Um dia estava a cortar uma pernada e passou outro homem e disse-lhe: "Você vai cair; está a cortar o ramo onde tem os pés." O mateiro não fez caso e continuou a cortar, até que caiu o ramo e mais ele.

<sup>167</sup> P: "Contos...", *A Tradição*, 6 (6, Jun) 1904, p. 95.

Levantou-se e foi a correr atrás do homem que o tinha prevenido e disse-lhe: "Você, homem, é Deus, adivinhou quando eu caía e agora há-de-me dizer quando eu morro." O homem, por brincadeira, disse-lhe: "Você morre quando o seu burro zurrar três vezes a seguir."

Voltou o mateiro para o mato, carregou o burro e foi caminho de casa. Quando ia no meio do caminho o burro zurrou uma vez, um pouco mais adiante zurrou outra vez e quando se ia aproximando de casa zurrou terceira vez; e o homem disse: "Bom, agora é que eu vou morrer." E deixou-se ficar ali sentado à espera da morte.

O burro foi caminho de casa e a mulher, como não visse o marido, foi à procura dele. Encontrou-o no sítio, sentado e à espera da morte. E disse prà mulher: "Vai chamar um padre porque estou morto." "Credo, homem! estás morto e falas? Anda daí, vamos para casa." "Não vou daqui senão para o campo santo."

Em vista da teima, a mulher foi chamar o padre. Com o padre veio muita gente para levarem o homem. Estavam em consultas por que lado haviam de ir, por haver uma ribeira a passar, e o mateiro levanta a cabeça e diz:

"Quando eu era vivo  
Passava por além,  
Agora que sou morto  
Passem por cá bem."

Os homens zangaram-se e deixaram-no só. Por fim o mateiro foi caminho de casa a reinar com a sua mulher e mais o seu burro.

Deus louvado,  
Conto acabado.

(Elvas)

[74]

S. PEDRO E O CASAMENTO<sup>168</sup>

Um pobre diabo que largou este mundo apresentou-se um belo dia às portas do céu. "Que queres?" lhe perguntou S. Pedro. "Entrar." "Vens do purgatório?" "Não. Venho da terra; mas sou casado." "Ah! É a mesma cousa, podes entrar." Daí a pouco chegou outro pretendente. "Que queres?" lhe perguntou S. Pedro. "Entrar." "Vens do purgatório?" "Não, mas agora mesmo entrou um que veio da terra." "Sim, mas era casado." "Casado!... E eu que já o fui duas vezes!" "Nesse caso rua, rua! que o céu não foi feito para doidos."

(Elvas)

[75]

CONTO DO SAPATEIRO<sup>169</sup>

Era de uma vez um sapateiro que tinha muita devoção com S. Pedro: rezava-lhe todos os dias e na caixa das esmolas do Santo, sempre que podia, ia deitar uma moeda de dez réis.

Morreu o sapateiro e foi para o purgatório aonde se começou o processo sobre a sua ida para o<sup>170</sup> céu. Mas o processo, como era de sapateiro, demorava-se.

Um dia entrou o prior da freguesia do sapateiro no purgatório e o processo deste, como era de padre, foi logo despachado. Que há-de fazer o sapateiro? Assim que viu o padre disposto a caminhar para a bem-aventurança, pôs-se-lhe às cavalêritas e, escarranchado no cachaço do prior, foi ter com

<sup>168</sup> P: "Investigações ethnographicas", *Revista Lusitana*, 11 (1-2) 1908, p. 76. Os C74-C76 são precedidos do título genérico: "Tres faccias alemtejanas". Este é o conto a) da série.

<sup>169</sup> P: *ibid.*, pp. 76-77, como conto b).

<sup>170</sup> o] a P



ele às portas do céu. O prior bateu à porta e apareceu S. Pedro muito mal humorado. "Que querem?" "Queremos entrar, senhor S. Pedro." "Não há lugar." "Ora essa!, diz o sapateiro de cima dos ombros do padre. Então eu não sou digno disso? quando não havia hora na terra em que lhe não rezasse e não havia dia em que não deitasse dez réis na sua caixa? Paga-me assim?" "Pois bem, entra tu, entra; mas deixa a cavalgada lá fora."

(Elvas)

[76]

A SENHORA DO ROSENDÁRIO<sup>171</sup>

Os pretos fizeram um peditório para a festa da Senhora do *Rosendário* (Senhora do Rosário) e, sobrando-lhes dinheiro, trataram de resolver como o haviam de aplicar. Houve diferentes pareceres. Dizia um: "Compra-se um manto novo para a Senhora." Respondia outro: "O manto que tem, viradinho e remendadinho, fica como novo." "Compram-se uns castiçais." "Para quê? Os castiçais velhos, em se esfregando, ficam novinhos." "Compra-se uma alâmpada." "Sim, sim", diziam uns. "Não, não", diziam outros. E arma-se grande questão em que ninguém se entendia. No meio do barulho, um mulatinho gritou: "Para marufo, para marufo!..." "Ah! dizem todos, é a voz dos anjos! é a voz dos anjos! Vamos empregar tudo em marufo."

E veio aguardente a rodos<sup>172</sup>

Para o estômago de todos.

(Elvas)

<sup>171</sup> P: *ibid.*, p. 77, como conto c).

<sup>172</sup> rodos] rodo P

[77]

[UMA VELHINHA]<sup>173</sup>

Era duma vez uma velhinha e encontrou um gato e o gato disse-lhe: "Agora como-te." "Não me comas, disse a velhinha, logo venho mais gordinha." Foi mais pra diante e encontrou um medo e o medo disse-lhe: "Agora como-te." "Não me comas, logo venho mais gordinha. Foi mais pra diante e encontrou um diabo: "Agora como-te." "Não me comas, logo venho mais gordinha."

Chegou lá a casa e disse: "Estão praí uns diabos que me queriam comer." "Meta-se nesta cabacinha que eu deito-a a rolar." <sup>174</sup> A cabacinha rolou. Ia rolando e encontrou o diabo e o diabo disse-lhe:

"Cabacinha,

Viste praí uma velhinha?"

E a cabacinha disse-lhe:

"Nem velhinha nem velhão,

Corre, corre, cabacinha,

Corre, corre, cabação,

Nem velhinha nem velhão."

Foi mais pra diante e encontrou o medo, e o medo disse-lhe:

"Cabacinha, etc.

E a cabacinha disse-lhe:

"Nem velhinha etc.

Foi mais pra diante e encontrou o gato, e o <sup>175</sup> gato disse-lhe:

"Cabacinha, etc.

<sup>173</sup> P: "Rimas e jogos colligidos no concelho de Elvas", *Boletim da Sociedade de Geografia*, 4 (12) 1883, p. 591. S: *Rimas e jogos colligidos no concelho de Elvas*, Elvas, Tip. Progresso, 1936, p. 40.

<sup>174</sup> deito-a a rolar] deito à arrolar P e S

<sup>175</sup> o] om P

E a cabacinha disse-lhe:

"Nem velhinha etc.

... A cabacinha rolou. Depois estava ali uma pedra e a cabacinha quebrou-se e foram todos a mamá-la.

[Elvas] (Relatado por uma criança de dez anos)

[78]

[UMA MULHER PREGUIÇOSA I]<sup>176</sup>

Era uma vez uma mulher muito preguiçosa e era casada; vinha o marido para casa e não achava nada feito, nem comida nem roupa lavada. Dizia-lhe o marido: "Então, mulher, não fizeste nada?" "Não, que hoje é domingo de Nosso Senhor, não se trabalha."

Vinha a segunda-feira e dizia-lhe<sup>177</sup> o marido: "Então, mulher, também hoje não fizeste nada?" "Não, que hoje é segunda-feira das almas."

Na terça respondia: "Não, que hoje é dia da Senhora Sant' Ana, não se trabalha."

Vinha quarta, o mesmo: "Não, que hoje é dia da Senhora do Carmo, não se trabalha."

Vinha a quinta. "Quinta-feira do Santíssimo Sacramento? Deus me livre de trabalhar!"

Vinha a sexta. "Sexta-feira da Paixão, quando Nosso Senhor morreu? Não trabalho!"

Vinha o sábado. "Sábado de Nossa Senhora, também não se trabalha."

O marido foi sofrendo a cruz e depois, quando ela morreu, mandou-a<sup>178</sup> meter num carro, enrolou-a a uma pouca de giesta

<sup>176</sup> P: "Rimas...", *Bol. Soc. Geogr.*, 4 (12) 1883, p. 592. S: *Rimas... op. cit.*, Elvas, 1936, p. 41.

<sup>177</sup> dizia-lhe] diz-lhe S

<sup>178</sup> mandou-a] mando-a P e S

e foi pelas ruas todas da cidade dizendo isto:

"Minha guardadora  
Dos domingos e dias de festa,  
Depois de morta  
Vais co c... pela giesta." <sup>179</sup>

[Elvas]

[79]

[UMA MULHER PREGUIÇOSA II]<sup>180</sup>

Era duma vez uma mulher muito preguiçosa e levou-lhe o marido para casa linho para fiar. De dia não fazia nada e à noite, quando o marido chegava, punha-se com a roca<sup>181</sup> a fazer que fiava e dizia para o marido:

"Maçarocas ò caniço,  
Marido, já lá vão cinco."

Ao fim dum ano perguntou o marido se tinha o linho fiado. Tinha apenas uma maçaroca. E depois ele mandou-lhe que deitasse para dentro de uma tarefa o que ela obrasse durante um mês. No fim do mês põe a tarefa num carro e a maçaroca espetada num fueiro e a mulher assentada dentro do carro e foi pelas ruas da cidade apregoando:

"Ora aqui têm senhores,  
O que a minha mulher fez:  
O fiado dum ano  
E o ca... dum mês."

[Elvas]

<sup>179</sup> Os versos comentados por este conto são os seguintes:  
Anda minha guardadora/ Dos domingos e dias de festa,/ Q'ago-  
ra se te vai vendo/ O c... pela giesta.

<sup>180</sup> P: "Rimas...", *Bol. Soc. Geogr.*, 4 (12) 1883, p. 592. S:  
*Rimas... op. cit.*, Elvas, 1936, pp. 41-42.

<sup>181</sup> a roca] *om. S*



Era um galego que veio da Beira prà aceifa e deixou a mulher entregue ò abade, sem filho nenhum nem acupada. Esteve cá três meses e depois foi de cá e achou a mulher embaraçada, em vésperas de dar à luz; diz-lhe: "Ó mulher, deixei-te liberta e acho-te agora com a barriga grande! O filho não é meu, mulher!" "Pois é, meu marido, pois de quem há-de ser senão teu? Olha, tive março, margaço e o mês de março; abril, manguil e o mês que há-de vir; e maio, mamaio e o mês de maio. São os nove meses, marido; ora mais conta lá tu bem." "Não, mulher, ainda não estou satisfeito, havemos de ir ò nosso abade a ver o que ele diz."

Foram dali ao abade e disse-lhe ele: "Saberá, sor abade, que deixei a minha mulher forra e agora acho-a desta boa maneira; e então saberá o sor abade que não quero o filho, o filho não é meu, não no quero." "Ora pois bem, é a conta certa que diz a mulher. São os nove meses. É março, margaço e o mês de março; abril, manguil e o mês que há-de vir; e maio, mamaio e o mês de maio. Mas vamos ò ponto. Vossemecê vai a uma feira e merca uma vaca; aquela vaca, depois de estar nas suas mãos, vem prenhada e tem um bezerro; ora parindo a sua vaca e tendo um bezerro, diga-me lá de quem é o bezerro, sim, diga-me lá de quem é o bezerro?" "O bezerro é meu, sor abade." "Então o filho que tem sua mulher também é seu." "É verdade, mulher, tens razão. O bezerro é meu, logo o filho também é meu. Tem razão, sor abade, perdoe."

[Elvas]

<sup>182</sup> P: "Rimas...", *Bol. Soc. Geogr.*, 4 (12) 1883, p. 592. S: *Rimas... op. cit.*, Elvas, 1936, pp. 42-43. Sobre as variantes dialectais deste conto cf. *supra*, *Nota introdutória*, nota 23, p. 13.

Era duma vez dois galegos. Encontraram-se numa rua e esbarraram um com o outro. Disse um: "Ardeste?" Responde o outro: "Arda bóxê mail' a su alma." "E bóxê non enxerga?" "E bóxê non enxergaba?" "Enxerga és la prim' hirmán d' unh' albarda." "De que térr' é bóxê, xá que tanto parla?" "Eu soy de vill' e termo de Ferrolha." "De vill' e termo de Ferrolha soy yo." "Eu tiña um hirmáu que se xamaba Xunta-Farelos." "E eu tiña um que se xamaba Espalla-Milho." "Entonces somos nos hirmauns! Chégat' acá, hirmáu." E abraçaram-se.

"E a nossa hirmán Mata? (Marta)." "A nossa hirmán Mata se casô. Tube unha boda moito harta. Andab' ó bom do nosso bello (velho): 'Quein quer a-yauga xá que non hai biño.'" "E a nossa hirmán Rosa?" "A nossa hirmán Rosa stá em cas' do señor padr' abade. Teñemos catorc' a sobriños que son catorc' abadiños." "E o bom do nosso bello?" "O bom do nosso bello asobi' s' ó castañero bello, viño lá de esgalh' em esgalh' e morréu." "E a nossa burra?" "A nossa burra! Ai! Burra de miñ' alma! A nossa burra morréu! Cando estaba para morrer afitou las orêllas, abri' lo rab' e dixe: 'Adiós Xunta-Farelos que xá te non torno a ver!' Ai! Burra de miñ' alma! Burra de miñ' alma!" "Calla-t'-hi, diaño, que pueden dicir que non xoraste pol-o pai e xoras pol-a burra." "Ó pai no-nos custô nada, e a burra custô-nos o nosso diñeiro.

(Elvas)

<sup>183</sup> P in José Leite de VASCONCELOS, *Contos populares e lendas, II*, Coimbra, Universidade, 1969, pp. 194-195.

[82]

PULGA, PIOLHO E PERCEVEJO<sup>184</sup>

Se há estas três especes é porque uma velhinha pediu uma vez a Deus que lhe desse uma coisa para se entreter e Deus deu-lhe *premêro* o piolho, e a velha não ficou contente, porque era bicho muito mansinho; deu-lhe depois o percevejo e ainda não ficou contente porque era muito sossegado; deu-lhe depois a pulga que a contentou porque com os sês pulos e com as dificuldades de matá-la lhe entretia o tempo.

( Elvas )

[83]

DIAS DE MAIO<sup>185</sup>

Ela vinha da fonte com o cântaro à cabeça, cheio de água; ele com a grade de gradar o trigo ò ombro, e ia prò trabalho. Pegaram a conversar pela manhã e tal conversa foi que chegou a noite. Ele então disse:

"Dias de Maio, dias de amargura!

Inda bem não é manhã já é noute escura!"

( Elvas )

<sup>184</sup> P in Leite de VASCONCELOS, *op. cit.*, p. 166.

<sup>185</sup> P in Leite de VASCONCELOS, *op. cit.*, p. 175.

[84]

[A MULA E A VACA]<sup>186</sup>

No presépio a mula espalhava o feno, enquanto a vaquinha o ajuntava. Por isso a Senhora a castigou, condenando-a a não parir; mas a vaca foi abençoada - a que desse a carne que mais sustentasse.

(Elvas)

<sup>186</sup> P in Leite de VASCONCELOS, *op. cit.*, p. 348.



## ÍNDICE

NOTA INTRODUTÓRIA .....	7
CONTOS POPULARES ALENTEJANOS .....	21
1 A SERENA DE ALAMARES .....	23
2 O CONTO DA RAPOSA .....	26
3 OS DOIS PRÍNCIPES .....	29
[4] O ALMOCREVE E O CÁGADO .....	34
[5] GRAÇAS A DEUS PARA SEMPRE, TENHO A BARRIGA CHEIA E TODA A MINHA GENTE .....	37
[6] A FADA MOUCA .....	40
[7] A PRINCESA ENCANTADA .....	41
[8] O PADRE RIDÍCULO .....	42
[9] O GALO .....	44
[10] A RAPOSA .....	46
[11] LETRAS E TRETAS .....	47
[12] A VIÚVA .....	50
[13] A GULOSA .....	51
[14] A VELHA .....	53
[15] QUEM TIROU O OLHO À RAINHA .....	54
[16] O BOI BARRABIL .....	56
[17] A SOGRA ENGANADA .....	58
[18] FAZ TU BEM, NÃO CATES A QUEM .....	59
[19] O SONHO .....	60
[20] O BAGUINHO DE MILHO .....	62
[21] O PASSARINHO VERDE .....	63
[22] O CAMPONÊS .....	65
[23] NÃO ME CORTES O CABELO QUE MEU PAI ME PENTEOU .....	67
[24] AS PRETAS .....	68

[25] O PARVO .....	69
[26] O BAGUINHO DE ROMÃ .....	70
[27] O COMPADRE FACHICA .....	72
[28] EU PEQUEI COM UM MOÇO .....	73
[29] CANTA, SURRON, CANTA .....	74
[30] FEZES E POSTEMAS .....	75
[31] AS MACACAS .....	76
[32] O DIABO TAMBÉM NÃO É MAU.....	78
[33] S. BENEDITO .....	80
[34] OS TRÊS GALINHOS .....	81
[35] O GIGANTE .....	82
[36] OS GALEGOS .....	83
[37] O LAVRADOR .....	84
[38] IDE ÒS SAPATINHOS .....	84
[39] O COPO D*OIRO .....	85
[40] A BICHA .....	87
[41] O ALVENÊU .....	90
[42] OS DOIS COMPADRES .....	91
[43] O PARVO .....	94
[44] DONA VINTES .....	96
[45] O ZÉ ESTRAGADO .....	99
[46] O LADRÃO .....	100
[47] O PIOLHO .....	102
[48] A PREGUIÇOSA .....	104
[49] O PRÍNCIPE PORQUINHO .....	106
[50] O MOUCO .....	108
[51] OS SETE VEADOS .....	108
[52] D. BUENOS .....	111
[53] ABRE-TE, FLOR DE LIS! .....	113
[54] O PIROLITO .....	114
[55] GRI, ALERTA, LADRA, AUN QUE SEYA EL MISMO DIOS .....	115
[56] O PRÍNCIPE ENCANTADO .....	116
[57] EU VI-TE, TU NÃO ME VISTE .....	117
[58] O AFILHADO DO REI .....	118
[59] OS TRÊS ENCANTOS .....	123

[60] A FILHA DO COMERCIANTE .....	125
[61] AS TRÊS IRMÃS .....	127
[62] A BONECA .....	129
[63] O SABOR DOS SABORES .....	130
[64] PALMAS VERDES .....	131
[65] O PRÍNCIPE ENCANTADO .....	133
[66] ASSIM O DIZEM .....	135
[67] O ZÉ PEQUENINO .....	136
[68] DORMITÓRIO .....	137
[69] DESANDA PALITROQUES .....	138
[70] O TONEL DE VINHO .....	141
[71] A DESMAZELADA .....	142
[72] A MENINA APARECIDA .....	143
[73] O MATEIRO .....	144
[74] S. PEDRO E O CASAMENTO .....	146
[75] CONTO DO SAPATEIRO .....	146
[76] A SENHORA DO ROSENDÁRIO .....	147
[77] [UMA VELHINHA].....	148
[78] [UMA MULHER PREGUIÇOSA I].....	149
[79] [UMA MULHER PREGUIÇOSA II].....	150
[80] [UM GALEGO].....	151
[81] OS DOIS GALEGOS.....	152
[82] PULGA, PIOLHO E PERCEVEJO.....	153
[83] DIAS DE MAIO.....	153
[84] [A MULA E A VACA].....	154

SAMARA MUNICIPAL DE EVORA  
Núcleo de Documentação





## COLECÇÃO ESTUDOS E DOCUMENTOS

### Publicados:

- 1 - *O Islamismo ao Sul do Saara* - Ioan M. Lewis
- 2 - *O Conto Regional na Imprensa Periódica de 1875 a 1930, I. Estudo e Bibliografias* - Ana Maria Costa Lopes
- 3 - *O Conto Regional na Imprensa Periódica de 1875 a 1930, II. Antologia* - Ana Maria Costa Lopes
- 4 - *Contos Populares Alentejanos Recolhidos da Tradição Oral* - António Thomaz Pires, edição de Mário F. Lages

### A publicar:

- 5 - *Relação das Ilhas de Timor e Solor* (Ms inédito do século XVIII) - edição de A. Teodoro de Matos
- 6 - *A cultura tradicional de entre Elvas e Serpa* - Mário F. Lages
- 7 - *Diário da Viagem de Lisboa a Goa e de Goa a Lisboa da Nau Nossa Senhora da Conceição e S. Francisco Xavier (1737-1739)* - edição de A. Teodoro de Matos

CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA  
NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO





